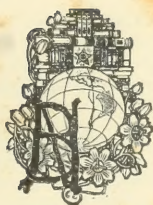
POESIAS

DE

Evaristo Ferreira da Veiga

POESIAS

DE

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1915

DECIMAS

Em cima dos Pergaminhos
Escreve os versos que faz.

Saldanha, que presumido
He de Nobre, e por brasão
Tem dois ursos, e hu' Leão:
Em nenhuma conta he tido;
Porque não se acha sortido
De bens; que os Fados mesquinhos
Quiserão, que leves Pinhos
Só soubesse manejar
Definindo o navegar
Em cima dos Pergaminhos.

Perseguio-o a Sorte dura,
Perdeo a sua Nóbreza;
Que quem tem a sorte avessa
Jamais póde ter ventura:
Tem já palida a figura,
Rotos os vestidos traz,
E como a Sorte tenaz
Teimou em nunca o deixar,
Querendo desabafar
Escreve os versos que faz.

1811.

A hu' Piloto pobre, presumido de Nobre, e de Poeta.

Resto de 1 SONETO feito no tempo em que Massena estava nas Linhas.

Deos nunca abandonou a quem conserva
Os seus direitos, e seus patrios lares;
Immensa gloria a Portugal reserva,

E inda dominará terras, e mares
Quem seguindo o estandarte de Minerva
De Marte o grão valor exalça aos ares.

Resto de hu'a ODE feita pelo mesmo tempo ao General Silveira.

Nobres guerreiros despresando a vida,
Querendo outra alcançar na illustre fama,
De Mavorte seguindo os estandartes
Se fizerão famosos:
Indo seus feitos para gloria sua
Pelas bocas da fama transmittidos.

SONETO ás perdas dos Francezes em Portugal, feito nos principios do anno de 1812.

Humilhando a cerviz ao jugo infame
O altivo Prusso está forte, e guerreiro,
O Belgico feroz jaz prisioneiro,
E o Germano valente, preso, brame;

Porem de taes victorias não se acclame
Esse usurpador fero, esse estrangeiro,
Que privando do Throno o digno herdeiro
Por ter do mundo o alto regime frame;

Que se o Prusso venceo, Belga, e Germano,
Se a Europa soffre da mão sua o pezo,
E na França he temido por Tirano:

Portugal vencedor conserva illeso
Seu inclito valor, e hum Soberano,
Que ás suas tiranias he defeso.

DECIMA

Erguendo tremulo a mão
Philo o fatal golpe espera,
E os oito vintens pondera,
Se deve arriscar, ou não:
Eis repentina moção
Decide da sua sorte;
Recebe nos bens tal corte
Que chora essa perca immensa,
E se nella triste pensa
Entra nas ancias da morte.

A hum Sugeito rico, que deitando n'hu'a rifa os dados perdeo chorada meia pataca.

1812

SONETO

Em quanto o Navegante astuto, e ousado
Os perigosos mares atravessa,
E entre as balas, e espadas se arremessa
O valoroso intrepido Soldado:

Em quanto o jornaleiro desgraçado
O negro, duro pão comendo á pressa
Apenas do cruel trabalho cessa
No escasso tempo, que ao descanso é dado.

Em quanto o Lavrador á calma exposto
Corta da terra ingrata o duro seio,
Alagado em suor, crestado o rosto:

Borges amigo, livre de receio
Passa a vida contente, e do desgosto
Nunca o semblante vejas triste, e feio.

1813.

De Boas Festas ao Borges, Dia de Reis.

OITAVA (Improvisada)

Levando as Naus de rojo ao porto aberto
Hia o vento cruel, que então soprava
Sem poderem ferrar em lugar certo,
Que o mar os ferros todos lhe levava:
O Gama, que dali ficava perto,
Pronto soccorro logo lhes mandava,
Que a tempo não chegou por triste sorte,
Sem escapar ninguem á dura morte.

1812

SONETO

Em sonhos fui ao Tartaro profundo,
Gentes lá vi de muitas qualidades,
Excellencias, Altezas, Magestades,
Que já representárão neste Mundo:

Sentado estava Minos iracundo,
Cercado em roda de infernaes Deidades:
Treme, vendo do Inferno as potestades,
Seu gesto altivo, feio, e furibundo.

Eis me diz Minos: junto a mim te assenta,
Julga comigo dos Humanos feitos,
Livre de inveja, e de ambição sedenta;

Torno-lhe eu: deixa-me antes mil defeitos,
Persiga-me a tristeza macilenta;
Mas nada entenda em ambos os direitos.

Feito nos principios de 1813.

SONETO

Calliope, que os vates preza, e ama,
Desce d'habitação do Sacro monte
Para vir coroar-te a heroica fronte
De verde loiro, e de frondente rama.

O Deos, que edificou, segundo he fama,
Os muros do perjuro Laomedonte,
Te offerta almo licor da sacra fonte
Beocia, que a Poesia tanto acclama.

As Musas nove em placidas Chorêas
Louvores mil te cantão (de que hes dino)
Do Helicon sobre as nitidas arêas,

E esse, que tudo rege, o Grão Destino
Eterno assento entre as formosas Deas,
Do Pindo te dará, Gastão Divino.

A D. Gastão, feito em Julho de 1813.

FRAGMENTO DE HUA EPISTOLA

Inda que os resplendores, que fulgurão
Na fronte altiva, de laureis ornada
De Phebo Sacrosanto, em mim não brilhem,
E os dons, que repartio com mão tão larga
Por entre os genios, de que Lisia ufana
Se glorêa do ser a Patria illustre,
Comigo escassamente repartisse;
Com vôo incerto, e sem medir o espaço
Teus louvores empr'endo, são sinceros,
São fiel expressão do que a alma sente:
A só desculpa a tanto atrevimento.
Musa té gora sempre acostumada
A canto baixo, e humilde, ergue o teu vôo
Sobre as nuvens ao cume do alto Pindo,
Das eternas Irmaãs morada eterna:
Dahi a minha mente inspira hum canto,
Se não digno do objecto, que me anima,
Ao menos, que m'iguale os sentimentos.
Digno alumno de Marte, honra das Musas,
Consocio illustre do famoso Elmano,
Tu que lhe herdaste a resoante lira,
Com que do Tejo as ondas suspendia,
Hoje desculpa a audacia de quem inda
Mal seguro caminha o Campo ameno
Regado pelas filhas da Memoria.

A D. Gastão (Dezembro de 1813).

EPISTOLA

Do fero Marte a turbulenta filha,
Que do funebre Averno ao mundo veio;
Qual do Nilo a corrente impetuosa
Não soffre os diques, que lh'impoz Natura,
E alaga os campos do famoso Egipto,
O monstro assim dos filhos seus cercado
Destroe de Gallia os florescentes campos.
As Sciencias aqui, e ali vagando:
A doce, amena, candida Poesia

De Lisia o seio busca por asilo:
Lá sob as Leis d'hum Principe adorado,
Sob as azas da paz prospera, e reina,
Quando entranhavel pena vem ferilla
No terno coração; d'Elmano a morte,
A morte de seu filho ella prantea:
Qual ave, a quem o caçador damninho
Roubou tenros filhinhos inda implumes
Vaga chamando pela mata espessa
Os caros filhos maviosa, e terna,
Tal se mostra a Matrona inconsolavel,
Corre aos bosques em vão, chamando Elmano,
E Elmano em toda a parte echo responde,
Quando Phebo, seu Pae se lh'apresenta,
O gesto magestoso, o olhar sereno:
Lusentes raios sua fronte Augusta
Adornão; e de nectar hum suave,
Doce cheiro no bosque se esparzia:
Minha filha, elle diz á afflicta Deoza,
Que sobre a dura terra ajoelhara,
Se Elmano te morreo, se hu' filho choras,
Outro filho te dou, ah mais não chores,
Este, Gastão será, que he digno herdeiro
Do Grande Elmano, do Cantor do Tejo.
Qual, quando a Noite o manto tem corrido,
Escuros, tristes sonhos revolvendo
O mortal na turbada fantasia,
Quando accorda, e que attende, e que respira,
Ao conhecer o engano, que o turbára
Pouco a pouco se alegra, e finalmente
Perde o negro pavor da vãa tristeza,
Tal a Poezia ás vozes tão suaves
Vai serenando a magoa que a atormenta,
E afinal já mais leda assim responde:
"Sim, meu filho será, seja meu filho
"Gastão, que ha muito que conheço, e prézo,
"E na morte d'Elmano unico allivio
"Quem d'elle socio foi, e tão querido:
Aqui suspende a voz, ao Pai caminha,
Que terno a abraça, e no seu carro a leva
Ao cume excelso do sagrado Pindo.

A D. Gastão (Dezembro de 1813).

SONETO

Apenas no aureo coche luminoso
Abria as roxas portas do Oriente
A fulva Aurora toda refulgente,
A luz prestando ao mundo tenebroso.

Já no Pindo o Congresso numeroso,
Que bebe na Castalida corrente,
Dar determina á Lusitana gente
Um successor d'Elmano sonoroso.

De Smirna o Grão Cantor ali sentado
Primeiro está com gesto soberano,
E por ordem o innumero Senado:

Eis vota Homero, e o Cisne Mantuano,
E logo todo o povo congregado:
Seja Gastão o successor d'Elmano.

A D. Gastão, em Janeiro de 1814.

SONETO

Dos argivos Heroes a fama clara
Homero, o grande Homero perpetua;
Mas nos escriptos seus a gloria sua
Vai maior que a daquelles, que cantara:

O Thebano Cantor tambem preclara
Fama deo, elevando á etherea Lua
Olimpicos Heroes; porem he tua,
Pindaro, a gloria, que lhes deste, rara.

Assim, sabio Gastão, teu nobre canto
Sempre honrado será dos Lusitanos,
Como digno de Phebo sacrosanto,

E dando gloria aos feitos sobrehumanos
Que hão de encher os mortaes d'assombro e espanto,
Serás eterno nos vindoiros annos.

A D. Gastão, em Janeiro de 1814.

SONETO

P.—Como vai essa literaria guerra
Entre o Gastão, e o redactor Bahia,
Não oiço em outra coisa noite, e dia
Fallar aos entendidos desta terra:

Hora alçado Pedante o dente aferra
No preclaro Cantor da bella Armia,
Outro diz que os preceitos da Poezia
O Dramatico vate ás vezes erra.

R.—Patetas mil, lançando mão da penna
Tem feito hua indigesta trapalhada,
Ao povo dando hu'a risivel scena:

Ao Parnaso chegou a matinada,
E de colera cheio Apollo ordena,
Que não tenhão jamais no Pindo entrada.

A' guerra de Manoel Ferreira com D. Gastão. Fevereiro de 1814.

SONETO

Apenas vio a luz o celebrado
Jornal, que em sabias criticas se emprega,
E que aos narizes a mostarda chega
Do Dramatico vate sublimado:

De varias condições, de vario estado
Em certa loja povo se congrega,
Onde o que hu' assegura o outro nega
Aos ares levantando hum grande brado.

Mas decidio-se em pleno consistorio,
Que o sabio Elmano, Grego bem sabia,
E que isto ao mundo todo era notorio:

Entre palmas então, e gritaria
Clamou o eruditissimo Auditorio;
Que viva o Grande Elmano da Bahia!

A Manoel Ferreira, Fevereiro de 1814.

P.

SONETO

Caza o Timotheo, e cheio de esperança
Mil prazeres na idéa já figura,
Já na mente prepara-lhe a futura
C'rca immortal, que d'Hymineo se alcança.

Applaude o mundo a inclita alliança
E só no meio da geral ventura
Da inveja a voz, que males sempre augura,
Vem perturbar tão prospera bonança.

Mas verão em castigo esses malvados
O Timotheo, e seu Bem por largos annos
Nos doces laços de Hymineo ligados.

Cedendo em fim do voraz tempo aos damnos
Sobre a Campa os mortaes lerão curvados
O mais C... aqui jaz d'entre os humanos.

Ao casamento projectado pelo T... Junho de 1816.

SONETO

Danças altas, batuques, luminarias,
Bravos Toiros na Praça, e seus Capinhas
Correndo-se no Curro as argolinhas,
Por destros campiões de vestes varias.

Meza abundante em aves, e alimarias,
Aqui Leitões, alem Patos, Galinhas,
E o doce su'mo que se extrahe das vinhas
Do Porto, da Madeira, e das Canarias.

Oh que funcção de arromba! Isto he Noivado,
Bravo! Bravo! Famoso casamento!
Quem he que tanto á grande tem gastado?

Pois não sabeis? Cedendo a Amor violento
Cazou hoje o T... celebrado
Dando aos Tafuis geral contentamento.

Ao mesmo assumpto do antecedente. Junho de 1816.

Suspiros que exhala Orestes
Do Orco na escuridão
São bem iguaes aos suspiros
Que exhala o meu coração.

Tirano amor, até quando,
Zombareis de hu' triste amante,
Que sempre vos foi constante,
Que vive soffrendo, e amando:
Se tendes um peito brando,
Como aquelle que me déstes,
Porque té agora quizestes
Désse em vão tantos gemidos
Mais pungentes que os sentidos
Suspiros que exhala Orestes:

De que me serve existir
De infortunios opprimido,
De que me serve oh Cupido
Viver para o mal sentir?
Mandai-me (eu quero partir)
Para o Reino, onde Plutão
Nem usa de compaixão,
Nem das desgraças tem pena,
E a sempre soffrer condemna
Do Orco na escuridão.

Mas q' vejo! O firmamento
Em brilhantes chamas arde!
Ceos! Amor! Fazer alarde
Vem inda do meu tormento!
Ei-lo co'as asas o vento
Corta, formando mil giros:
E diz: "Mortal os meus tiros
Fizerão tua ventura,
Que os prazeres na ternura
São bem iguaes aos suspiros.

As minhas penas dão gosto
E premio sempre hão de ter:
Benigno em breve has de ver
De Eulina o divino rosto":
Já de meu peito o desgosto,
E as duras magoas se vão:
Não blasfemes, oh Razão;
Pagará-me Eulina bella,
Os suspiros que por ella
Exhala o meu coração.

1816

Coração mais desgraçado,
Do que o meu não pode haver,
Ando amando ás escondidas,
Sempre se vem a saber.

Amor enganos urdindo
A meu peito incauto e são,
Ferio o meu coração;
Duras settas despedindo:
Gentil, prazenteiro, e lindo
Me parece o Deos vendado;
Mas mal a seu carro atado
Quiz Amor que eu estivesse
Decretou, que não houvesse
Coração mais desgraçado.

Entre o pranto a pobre vida
Passei lastimosa, e triste;
Mas tu, oh Fado, tu viste
Minha profunda ferida,
Quizeste que em tanta lida
Eulina, eu podesse ver.
Ceos! senti-me reviver,
Exclamando extasiado
Peito mais afortunado
Do q' o meu não póde haver!

Eulina, a formosa Eulina
Por quem inda morro agora,
Corpo gentil onde móra
Alma de mil thronos dina,
A amar soffrendo me ensina,
Manda que esconda as feridas,
Que co'as flechas homicidas
Amor cruel fez em mim:
Obedeço; e alegre assim
Ando amando ás escondidas.

Mas, he tempo, Eulina bella,
De gozar doce ventura:
Prizão de affecto, e ternura
Nos ligue em propicia estrella:
Meu peito ancioso anhella
Sempre a teu lado viver:
Baldado he já esconder
Nosso reciproco ardor
Que emfim, onde existe Amor,
Sempre se vem a saber.

1816

EPISTOLA

Nossa Thalia se dignou primeiro
Do humilde verso usar Siracusano,
E os bosques habitou, e honrou-se nelles,
Reis, Guerras, eu cantando, eis pela orelha
Cinthio me pucha, e diz: Titiro, he justo,
Que o Pastor apascente os pingues Gados,
Que humildes versos cante: assim, oh Varro,
Na agreste frauta entoarei sómente
Versos humildes: não faltando em tanto
Musas dos teus louvores desejosas,
Ou quem relate as desgraçadas guerras.
O que me foi mandado eu canto, oh Varro;
Porém se acaso alguem estes meus versos,
Se alguem ler, de amor cheio, e de saudade,
Nossos bosques, e nossas tamargueiras
Teu nome entoarão: nenhum a Phebo
Verso he mais grato, que o que traz teu nome.
Musas continuai. Em gruta escura
Virão Chromis, e Mnasilus mancebos
Sileno, que dormindo ali jazia:
Inchadas como sempre as rôxas veas
Com o vinho da vespera bebido.
Jazião-lhe entretanto ao longe as cr'oas
Cahidas da cabeça, a grande taça
D'aza já muito gasta lhe pendia
Chegando-se (que o Velho muitas vezes
De versos co' a esperança os enganara)
Das mesmas c'roas as prisões lhe tecem,
Aos dois, que temem, Egle então se ajunta
Das Naiades gentis a mais formosa

E ao Velho, que já vê, a testa, as fontes
Co' as sanguineas amoras toca, e tinge.
Elle zombando então do doce engano;
Para que me prendeis, lhes diz sorrindo.
Eia, soltai-me, oh moços, foi bastante
Ser-vos licito o ver-me; ouvi, Mancebos,
Os versos, que quereis: os versos sejão
A vossa recompensa; porem esta
Premiada será de outra maneira.
Elle começa: então dançando em metro
Os Faunos com as feras tu verias,
Movendo o cume os rigidos carvalhos.
Não tanto do Parnaso a rocha excelsa
Com Apollo se alegra e Orpheo Divino
Rhodope tanto, nem o Ismaro admirão.

Outubro de 1816.

FRAGMENTO DE HUA ODE

No claro Ceo scintillão as estrellas,
Quaes lucidos diamantes,
Em socego repousa a Natureza,
E Morpheo doce fecha
Os lassos olhos aos mortaes cançados
Das fadigas do Dia:
Só eu, que meditando os teus louvores
Para achar dignos versos
Tractos dou á turbada phantasia,
Nem descanço hum momento:
Quando trajando roçagantes vestes
Respeitavel Matrona
A' idéa se apresenta, e assim me falla:
"Que? profanar tu ousas?
"A lira, que do Vate Venusino
"O Bom Garção herdara,
"Garção a entregou ao Vate illustre,
"Que tu cantar intentas:
"Honra dos Patrios Cisnes Lusitanos!
"Que da clara Hypocrene
"As agoas recebeo na mente ousada,
"O novo Salmonense,
"Por cuja doce voz Piramo e Thisbe
"As almas enternecem.

Ao Borges. 16 de Dezembro de 1816.

CONTO EM QUADRAS tirado do Livro de Moral

1.ª

Por dinheiro se mostrava
Hum anno aqui no Arraial
Ao povo; por coisa rara,
Hum curioso animal.

2.ª

Eu, desejoso de ver
Esta singularidade
Pedi a meu Pai dinheiro,
E d'ir ve-lo a liberdade.

3.ª

Eis que sahindo de caza
A' vista se me apresenta
Harpagon vil usurario,
Alma perversa avarenta.

4.ª

E para nós se encaminha
Triste velho angustiado,
O corpo, que os annos curvão,
Sobre hu' bastão sustentado.

5.ª

E com voz, que a dor lhe corta,
Por isso mesmo eloquente,
Assim a Harpagon exclama
D'hu' ar triste, e reverente:

6.ª

"Ah, Senhor, tende piedade,
"Do mais desgraçado Humano;
"Annos, doenças, miserias
"Conjurão para meu damno.

7.ª

"Meus annos já não permittem,
"Que ganhe o pobre sustento;
"Acodí, Senhor, benigno
"A tanto desvalimento:

8.ª

"Servirá a vossa esmola
"Para apagar-me esta sede
"Que me roe: negar não posso
"O que a natureza pede:

9.ª

"Em breve a mão poderosa
"Do Mundo me tirará,
"Espero em Deus, q' hu' tão doce
"Momento accelerará.

10.ª

Desta sorte falla o velho.
O que responde porem
O vil, e infame usurario,
A este pobr'homem de bem?

11.ª

Diz-lhe irado: "O que tu queres
"He dinheiro para vinho?
"Venderias a camisa
"Para ter este gostinho.

12.ª

"Para a cova irás borracho;
"A sorte de hu' Mandriâo,
"Que não trabalhou em moço,
"Não merece compaixão.

13.ª

"Quem na sua Mocidade
"Soube o tempo aproveitar,
Para o tempo da Velhice
"Nada tem que recear:

14.ª

Isto diz, e as costas volta
Ao triste todo banhado
Nas lagrimas, que derrama,
P.r se ver tão afrontado.

15.ª

Levando os olhos ao Ceo,
E diz: "Oh Ente Supremo,
"Taes injurias não mereço,
"Tu o sabes, eu não temo.

16.ª

Então resistir não posso,
E chegando-me lhe entrego
O dinheiro que levava
Para differente emprego.

17.ª

Logo delle me retiro,
Já de meus olhos pulando
As lagrimas cento a cento,
Que as faces me vão banhando:

18.ª

Eis que a toda a pressa vinha
Para mim o velho honrado,
E me diz: "Julgo, Senhor,
Que vos tendes enganado.

19.ª

"Não foi engano" eu lhe torno,
"Vossa virtude merece
"Que vos désse muito mais,
"Se mais comigo trouxesse:

20.ª

"Dizei-me, Ancião querido,
"Onde he vossa habitação,
"Que amanhãa irei levar-vos
"Mais avultada porção.

21.ª

Respondeo-me, e logo a caza
Voltei bem determinado
A ir no segundo dia
Com soccorro ao velho honrado.

22.ª

Com effeito no outro dia
Em hu'a grata esperança
Com o alcançado soccorro
Toda a m.ª alma se lança;

23.ª

Mas apenas chego, vejo
Os meus intentos frustrados,
Pois tinhão sido do Velho
Os fracos dias cortados.

24.ª

A serena paz brilhava
Em todas suas feições,
A candura da virtude.
Attrahia os corações:

25.ª

Parecia que da morte
Hum raro veo o cobria,
Que aos olhos vis dos humanos
Como q' hu' pouco o escondia.

26.ª

E sobre o devoto livro,
Que á cabeceira lh'estava,
De pobre, parco alimento,
De pão hu' resto ficava.

27.ª

Ah que se Harpagon o visse
Neste estado tão sentido
Talvez então se mostrasse
C'os pobres enternecido.

Janeiro de 1817.

SONETO

Se as tuas perfeições Marilia attento
Observo de teu rosto a graça e mimo,
Em pouco tudo o mais do Mundo estimo,
Só em ti se demora o pensamento:

Ah Marilia! E porque teu genio isento
Despreza o puro amor de que me animo?
Quem póde mais querer-te do que Alcino?
Quem com mais fé, constancia, e soffrimento?

Ninguem! Ah! deixa então de atormentar-me
Com teus desdens; deixa de ser ingrata:
Serei feliz, se queres inda amar-me.

Vê, Tirana; um rigor dos teus me mata,
E um brando riso teu póde salvar-me
Da sorte má que tanto me maltrata.

Maio de 1817.

SONETO

Tu só pódes, Amor, feliz tornar-me,
Tu só pódes fazer-me desgraçado,
Assim o quiz, assim mandou meu Fado,
Nem eu do Fado ás Leis posso esquivar-me.

Embora contra mim calumnias arme
Cavilloso Impostor, monstro enraivado;
Mostre-me o Grande embora desagrado
Não poderá jamais intimidar-me.

Sêde de oiro, ambição, tu não me illudes,
Em pouco prézo os bens, que o Mundo estima
Tolero da Desgraça os golpes rudes.

Mas ai ! Um só desdem me desanima
Dessa, cuja rigor, graças, virtudes
Darão eterno assumpto á minha Rithma.

Agosto de 1817.

Tendo-se dado ao Preso fazer o elogio de D. João 4.º depois de algum tempo pretextou hu'a impigem brava; e sendo o mesmo encarregado a L. Alves, este se desculpou com hu'a febre.

SONETO

De um illustre Rei nosso eterna a Historia
Hia tornar louvor, que lhe offertava
Uma penna, que negra mão alçava
Para clarificar sua memoria:

Não quiz Deos que na vida transitoria
Houvesse este padrão, que a eternisava,
E terrivel, funesta impigem brava
Do author se apossa, e murcha tanta gloria.

Mas outro audaz á empreza se offerece,
Empunha a penna, e alta mente acceza
Co'as sublimes ideas s'escandece:

Eis febre abrazadora embarga a empreza,
O sacro enthusiasmo desfallece,
Vai-se com ella a gloria Portugueza.

31 de Julho de 1817.

A restauração de Pernambuco.
Agosto de 1817.

SONETO

Rotos já os grilhões dos vis tiranos,
Que a falsa liberdade em vão proclamão,
Rotos já os grilhões a seu Rei chamão
Os leaes, os fieis Pernambucanos:

Não; nunca poderão fataes enganos
Vassallos seduzir, que seu Rei amão,
Que nos seus corações fieis acclamão
João Sexto, as delicias dos humanos:

Deixe a Discordia atroz o facho erguido
Serena paz as regiões bafeje,
Ond'Impera João dos Ceos querido;

Tu Deos, cuja alta Mão tanto o protege,
Faze que seja tal, e tão temido,
Que o Mundo todo sua gloria inveje.

Tendo o Luiz Alves, então encommodado, mandado convidar p.r duas quadras o Machado, a quem nas mesmas chamava — toiro cangado, e o Villela, a quem appellidava — o Tagarella — se lhe fez o seguinte SONETO e DECIMAS.

SONETO

Que estás feito Poeta o Mundo diz,
E que imitas no estilo a Manoel Braz: (1)
Tenho pena de ti: pobre rapaz!
Para pateta só te falta um tris.

Duas quadras fizeste de aprendiz,
Quadras sem remissão, e em tudo más,
Que só podem servir cá p.a traz (2)
Na limpeza do fetido Paiz.

Quiz Apollo fazer castigo atroz,
Para que hu grande exemplo ao Mundo dês,
Exemplo, que da Fama espalhe a voz;

Mas attendendo a seres boa rez
Manda que os versos queime o justo Algoz
E quatro bolos leve a mão, que os fez.

2 de Setembro de 1817.

DECIMAS

1.a

Eu Bandeira, o Tagarella,
Teu amigo e companheiro,
A teus pés vou todo inteiro,
E a minha ousada loquella:
Servir-me-hei agora della
Para pregar-te hu' sermão:
Converter-te pois Irmão,
E deixa de fazer versos;
Porque chamão os perversos
Que as Musas contra ti são.

2.a

Eu que sou sincero amigo
Te dou este bom conselho
Vê que um amigo he espelho
Feliz o que o tem comsigo;
Mas he peior que inimigo
O que máos conselhos dá,
Esta pois contar-te hirá
O que a respeito de ti
Aos perversos eu ouvi
Que murmuravão por cá.

---

(1) Testamento de Manoel Braz, obrinha da paixão do dito Luiz Alves.
(2) Estes 2 ultimos versos do 2º quarteto são do Lobo de Guimarães

3.ª

Dizião que o tal inchasso
A proposito viera:
Ora hu': isso he quimera,
Que fingiu o tal madraço:
Eu em termos nada escasso
Sempre cá te defendi,
Valoroso combati
Com brio tão singular,
Que os fiz quasi acreditar
O mesmo q' inda eu não cri.

4.ª

Mas diz outro: que tem isso?
A ser certa a tal doença
Deve ter grande crescença
O escripto, em que foi remisso,
Mas se elle lhe não dá disso,
E se de estudar não trata;
Era coisa mais barata
Dizer logo de hu'a vez
Que p'ra elle se não fez
Estudo, q' tanto o mata.

5.ª

Eis, em teus versos cortando,
Dizem que a Horacio já sabem,
Que da medida não cabem
Uns p.r falta, outros sobrando...
Mas deixemos este bando
De incansaveis falladores,
Que todo em frios suores
Me puzerão com questões,
E quasi que aos caxações
Acabavão seus furores.

6.ª

E vamos ao nosso assumpto:
Meu caro amigo Luiz,
Escuta attento o que diz
Q.m te estima e te q.r muito:
Não foi feito o teu bestunto
Para versos, e he loucura
Digna de uma exemplar cura,
(Has de o simili perdoar)
Querer a galope andar
Bestinha só de andadura.

7.ª

O Boi Machado tambem
Muito a ti se recommenda,
E não faltando a merenda
Junto comigo aqui vem,
E como não sabe bem
Exprimir-se por ser Toiro,
Quiz lhe fallasse no coiro,
Nestes versinhos que fiz,
Ao meu amigo Luiz,
E acabão aqui de estoiro.

2 de Setembro de 1817.

IDILIO A' PRIMAVERA

A Aurora no Horisonte apparecia
Da Noite dessipando a nevoa escura,
E com sua luz pura
Nunciava aos mortaes visinho o Dia:
Quando desperto já o velho Alcino

Vem gosar da manhãa doce quentura,
E descanço procura
Na margem do ribeiro cristallino,
E ali ao doce som da lyra branda
Este cantico alegre aos ares manda.

Nascem da Primavera os bellos dias,
Nasce a estação risonha dos Amores
Brotão no campo as flores,
Dellas cobrem-se as arvores sombrias:
Já o rosto do Inverno carregado
Não vem os assustados Lavradores
Os fieis Guardadores
Tirão dos seus curraes o manso gado,
E o levão a beber á clara fonte,
Que brota junta ás faldas deste Monte.

De gala a Natureza se reveste
De aroma mil embalsamando os ares
E os nossos doces lares,
E c'o a cor d'esmeralda os campos veste:
Mais moderado o placido ribeiro
Já co'a cheia não causa mil pezares,
Já não imita os mares
Banha, não bate a encosta deste Outeiro:
Encanta o brando som, com que murmura,
Qual de fonte suave a limpha pura.

Tudo quanto prazer em nós inspira;
Saltão na verde relva os Cordeirinhos,
Dos pendentes raminhos
Imita Philomela os sons da lyra.
Longe de nós os asperos cuidados,
Que exigem as riquezas, bens damninhos,
Proprios de vis, mesquinhos
Peitos: e dão-lhe o nome de elevados!
Effeito da infeliz miseria humana,
Que em mór estima tem o que mais damna!

Em vão aquelle que na Côrte móra
(Eu n'uma Côrte fui tambem nascido)
Julga ter conseguido
A ventura, que foge a quem a adora:
Aos campos venha, aqui terá socego,
Doce socego tanto appetecido
Mas tão mal conhecido
Do commum dos mortaes errado, e cego;
Só nestes campos teu valor se alcança
Das Côrtes na tormenta aurea bonança!

Da bella Natureza o quadro lindo
Só das campinas goza a doce esphera,
A amavel Primavera
Só sobre os campos apparece rindo;
Eia Pastores, para aquelle eterno
Senhor, que no universo inteiro impéra
Que os calores modera,
E o frio agudo do gellado Inverno:
Os olhos levantai ao Céo, Pastores,
Dando á Mão poderosa mil louvores.

Aqui suspende Alcino a voz sonora;
Hymnos mil de prazer aos Céos envia
A alegre companhia
Dos Pastores em torno, e o velho chora:
Roga a Deus que jamais a calma ardente
As plantas queime, e que a geada fria
do Cultor a alegria
Não roube, e creste aos fructos a semente,
E que do olhado máu livre o seu Gado
Não tema ser dos lobos devorado.

15 de Setembro de 1817.

Ao Villela p.r uns versos, que me mostrou,
em que traduzira de Ovidio a pintura da Inveja.

SONETO

De teus amaveis versos a cadencia
Não parece de quem começa apenas
A frequentar as placidas Camenas;
Mas sim de antiga, e solita frequencia.

Da baça inveja a negra pestilencia,
E a sanha horrenda que lhe aguça as penas
No estilo e metro, com q' o verso ordenas
Enchem de horror a humana intelligencia.

Se neste quadro copiaste as côres,
E os rasgos do pincel do Sulmonense;
A boa imitação produz Pintores:

Tens natureza, ao uso só pertence
Do Sublime Parnazo aos gráos maiores
Levar o novo Vate Fluminense.

5 de Outubro de 1817.

OS PIGMEOS DO JAPÃO — Conto

N'uma Provincia do Japão famoso,
Se carunchosa chronica não mente
Surgiu praga fatal, praga horrorosa.
Estranhas vozes de sinistro agoiro,
Que em numerosos echos retumbavão,
Enchem de medo os corações mais fortes;
Tão temerosos males annuncião!
Os assustados Incolas já deixão
Dos campos a cultura, morre o gado
Sem ter quem cure delle; finalmente
Para remedio dar a tantos males
Fazer junctos conselhos determinão.
Fallão primeiro os respeitosos Bonzos,
Que conservão do Imperio as leis antigas.
Se repetir quizesse os bons discursos,
Que os sabios do paiz então fizerão,
Quatro grossos volumes encheria,
Mas pertendo ser breve, e em poucas frazes
Direi que os Eloquentes oradores
Difusa, e variamente demonstrarão
Qual poderia ser do mal a origem,
Quaes os progressos seus, que mais effeitos
Podião resultar; faltava apenas,
(Nem tudo pode ser) dar-lhe o remedio,
Ou mostrar para elle algum caminho;
Fez esta reflexão sisudo velho
Que, bem que falto de erudito estudo,
Tinha na sãa razão algum vislumbre.
Elle mesmo um feliz expediente
Deu, que approvado foi pelo Congresso;
Que já sem hesitar segue o seu voto,
Qual segue o Maioral todo o rebanho.
O sabio parecer nada mais era,
Que ir ao pagode sempre venerando,
Onde dos Bonzos mora o grande Chefe
Pedir-lhe humildemente o seu conselho,
Do afflicto povo hu'a escolhida parte.
Em trajo peregrino a tropa marcha
Com macerados rostos penitentes,
Levão segundo o uso ao Grande Padre
Do que tem o melhor para offertar-lhe.
Do Imperio Japonez na Côrte Augusta
Juncto ao Templo onde Brama se venera
Hum pomposo edificio se apresenta
Formado com Chineza architectura.
Larga porta, que em angulo fenece,
De extenso corredor offerece a entrada,

Que vai direito á magestoza salla
Destinada ás solemnes audiencias.
No fundo della se levanta um throno
De oiro macisso sobre chão de prata,
Docel purpureo, que do tecto pende
Todo luzente de oiro, e pedraria
Sombrea o rico solio, onde se assenta
De branca barba, respeitavel Bonzo.
O vestido talar, que aos pés lhe desce
De preciosas pedras recamado
Póde bem compararse ao Sol brilhante.
Tanto luz o esplendor de seus adornos!
Este dos Bonzos he o chefe illustre.
Feitas as dez genuflexões do estilo;
E entregues os riquisimos presentes:
Dos profanos um misero enviado
Com respeito chegando aos pés do Bonzo
O caso narra miserando, e novo,
E com a voz as lagrimas mistura:
Pinta o consternação, o susto, o medo
Que o povo afflige ha tanto, e assim prosegue:
Tendo acabado a narração sentida
Oh Padre venerando, oh Sabio Bonzo,
Por cuja boca os Deozes annuncião
Os seus Santos Oraculos; somente
Pódes tu dar remedio a tantos males,
Que as horrisonas vozes nos promettem:
Nós miseros profanos mal podemos
Com supplicas os Ceos tornar benignos.
Aqui suspende a voz, e os olhos fitos
Inda co'a boca aberta absorto espera
Do Grão Padre a vatidica resposta,
Ou a do Nume, que por elle falla.
Como quem despertou de hu' longo somno,
Que os olhos lhe opprimia, o Sabio Bonzo
Alçando a vista para o Grão Colosso
De Brama, que defronte lhe ficava
Taes palavras profere: o Nume agora
Com santa inspiração me assopra a mente.
Os monstros que temeis, e cujas vozes
Tanto em nossos ouvidos retumbarão,
São fracos, vis Pigmeos, nem tem mais armas,
Que a sua longa voz, que tanto assusta:
Elles de mez em mez soltando a espalhão
D'um remoto Paiz onde se escondem,
E mil echos depois tambem repetem,
Enviando o pavor de longe aos povos:

Praga que um Deus mandou para castigo
Da nossa pertinacia, e vãa soberba!
De tamanha desgraça he o remedio
Total despezo; desprezai seus gritos,
Nem deis ascenso ás vozes seductoras,
Com que pertenderão talvez turbar-vos,
E vereis acabar no pó, na lama
Esta raça de rãas, que a voz levanta:
Aqui se calla o Sabio Sacerdote:
Do Povo o Deputado se retira,
Restitue a alegria ao bom Congresso,
E se a tal velha Chronica não mente
Aproveitou do Bonzo o são remedio.

6 de Outubro de 1817.

Ao Casamento do Principe Real, recitadas na Aula a 20 de Outubro de 1817.

QUADRAS

Ao fastigio do Rheno alçada apenas,
Graças ao Rei, que em corações impera,
A' illustre Europa já não tem inveja
Do mundo de Colombo a vasta esphera.

Digna prole de Hausburgo alta Princeza
Une Hymineo á prole Bragantina;
A que mais aspirar? Ver digna delles
De gloria cheia geração Divina.

Dos Monarchas do Tejo o digno herdeiro
Prende e enlaça Hymineo á illustre Filha,
Daquelle, a cuja luz o Grão Danubio
O altivo collo mansamente humilha.

Unem-se em laço eterno neste dia
A caza d'Austria, e a caza de Bragança,
Firma-se a successão do Luso Throno:
Suave nó, sanctissima alliança!

Ao mesmo assumpto, feita nos dias 21 e 26 de Outubro de 1817, recitada na Aula a 31 do dito mez, soffrendo algu'as mudanças em Novembro do dito anno.

ODE

Ergue a primeira vez, oh Musa, os vôos
Desusada batendo as brancas azas,
Que a de Venusa empresta; sóbe, sóbe,
Remonta-te ás estrellas.
Não de bombardas cento o som terrivel,
Girando em torno a formidavel morte
Nos campos, em que Marte ostenta irado
As furias sanguinosas:
Não da guerra o furor m'aquece a mente:
Reclinado da paz no brando seio
O Mundo mal respira, e sangue verte
Das frescas cicatrizes:
Filho da Paz, e inda que a Mãe mais bello,
O Candido Hymineo dos Céos baixando
Sobre Vienna, e placido Janeiro
Sacode o facho ardente.
Dessa, a que outr'ora em vão a Europa inteira
Quiz das mãos arrancar o sceptro Augusto,
E que de varonil constancia armada
Enche d'espanto o globo:
A gentil neta vai unir seus Fados
A' prole de João, do novo Tito,
A cujas leis do mundo as quatro partes
Se curvão reverentes.
A' fausta nova da união Sagrada
De prazer puro os polos dois exultão,
Vendo p.^r sanctos vinculos eternos
Firmar-se a paz do mundo.
Vamos, oh Musa, vamos, não desmaies,
Mas que vejo? Tu cedes? Nem te affoitas
A suster-te nas azas, e já temes
De Icaro a triste sorte?
Tu cedes? Porem já te não crimino:
A Vates, que mais douto Phebo inspira,
Incumbe a gloria de elevar aos Astros
O Hymineo venturoso.
Pintem do povo Americano, e Luso
Jubilo, que nos rostos lhe rebenta
Ao ver de Heroes a geração preclara
Ir-se tornando eterna:
E ao cimo alçados do Beocio monte
Em metricas canções troando agoirem
Sublime dita aos seculos vindouros
Na esperada progenie.

Tu, Aguia, que inda implume em vão tentára
Remontar-se onde avista a Mãe sublime,
A tomar novas forças, novo alento
As azas colhe; e desce.

MOTTE

Que razão tens de queixar-te?

GLOZA

Ninguem ha que não conheça
Os talentos do Luiz,
Se por chufa se lhe diz
Algu'a graça travêssa,
Se mangação, pulha, ou peça
Lhe armamos com geito, e arte,
Malicia ahi não tem parte,
Isto são de amor signaes,
Vê, Luiz, de extremos taes
Que razão tens de queixar-te?

3 de Outubro de 1817.

A' retirada do Barreto para Minas, que não se effectuou.

SONETO

Os cinco alumnos da immortal sciencia
Aos Deozes grata, e que Minerva inspira,
Pulsão a desusada, eburnea lira
Hoje em Phebea festival cadencia:

Que abandonada estás alta eloquencia!
Quão pouca gente a conhecer-te aspira!
Cinco somos; dos cinco hum se retira,
Oh tristes socios! Oh sentida ausencia!

Deponde a lira; festivaes accentos
Não mais se escutem, lugubres gemidos
Da saudade alliviem os tormentos,

Que hoje a hum de seus filhos mais queridos
Chora a Eloquencia com crueis lamentos;
Chorem com ellas os socios tão sentidos.

Composto a 30 de Outubro de 1817, e recitado na Aula no dia seguinte.

'A' illustre e sapientissima Analise feita na Aula de Rhetorica ás orações de Cicero.

SONETO

Em vão té gora o dente viperino
Da baça inveja, torpe, e macilenta,
Com sanha horrivel vezes mil intenta,
Morder na fama do Orador Divino.

Seu nome, illustre ao povo de Quirino,
Aos seculos vindoiros se apresenta
Com esplendor maior; assim se augmenta
Fugindo o Sol do assento Matutino.

Se o fio lhe cortou da vida amada
Do vingativo Antonio indigno ferro,
Perder a vida transitoria he nada.

Mas sua gloria, oh desatino! oh erro!
N'uma funesta Analise he finada:
Fazemos-lhe hoje o lastimoso enterro...

14 de Novembro de 1817.

Traducção (principio) da *Athalia* de Racine.

ABNER

Sim, no teu templo adorar venho o Eterno,
E segundo a solemne, antiga usança
Comtigo celebrar o illustre dia
Em que a nós no Sinai, a lei foi dada.
Quanto os tempos mudárão! D'este dia
Mal a sacra trombeta a volta...
Já innundava os porticos do templo,
Que de festões magnificos ornava
Do povo santo a multidão devota.
Por ordem ante o altar apresentados
Dos campos nas mãos tendo os fructos novos
Consagravão a Deus suas premicias!
As victimas os Padres não bastavão.
D'huma mulher a audacia, suspendendo
O concurso fiel, tão bellos dias
Em outros nos trocou tão tenebrosos.
Pouco numero apenas de zelosos

Retraçar ousa do bom tempo a sombra,
O resto, de seu Deos nem mais se lembrão,
Ou mesmo de Baal juncto aos altares,
Procura iniciar-se em seus misterios,
E do Deus de seus Pais blasfema o nome.
Receio mesmo, (e deverei dizello?)
Que Athalia, das aras sacrosantas
Fazendo-te arrancar, em ti acabe
Suas crueis vinganças, e deponha
De hum réspeito forçado os fracos restos.

JOAD

D'onde veio hoje tão triste agoiro?

ABNER

Pensas ser sancto e justo impunemente?
A' muito ella aborrece esta firmeza
Que o esplendor da tiara em ti realça
O amor que mostras pela lei á muito,
De traição, sedicção, e de revolta,
Do merito brilhante ella cioza,
Jezabel tua fida Espoza odeia;
Se he do Grão Padre Arão Jojada herdeiro
Do nosso ultimo Rei he ella a filha;
Alem disso Matan, Padre sacrilego
Mais máo do que Athalia, nunca a deixa;
Matan vil desertor das nossas aras,
Perseguidor zeloso da virtude.
He pouco que cingindo mitra estranha,
De Baal sirva ao culto este Levita?
O tempo o vexa, e sua impiedade
Deos, que deixou, anniquilar quizera.
Mil subterfugios por perder-te inventa
Hora te chora, e mesmo te elogia,
Falsa doçura finge a teu respeito,
E dest'arte corando a raiva sua,
Temivel á Rainha hora te pinta,
Ou vendo a sede de oiro que a devora,
Lhe diz, que em hu' lugar, que só tu sabes
Guardas thesoiros que David junctara.
A soberba Athalia ha já dois dias
Jaz em pezar sombrio sepultada,
Hontе observando-a, vi lançar seus olhos
Sobre a Sancto lugar, vista furiosa,
Como se dentro delle o Deos guardasse
Armado vingador para punilla.
Crê-me; quanto mais penso, tanto menos
Duvido que em teu damno as iras suas

De romper todo o dique estejão perto,
E que de Jezabel a cruel filha
Deos em seu sanctuario atacar venha.

JOAD

O que das ondas ao furor poem freio,
Reprimir sabe as tramas dos malvados,
Com respeito submisso ás ordens suas
Deos temo, Abner, e outro temor não tenho.

De 14 a 20 de Novembro de 1817.

SONETO

Ao Villela.

Os teus versos eu li, Villela amigo,
Enchendo-se a minha alma d'alegria,
Ao ver a doce, a amavel Poezia
Sobranceira ao máo gosto, ao fero imigo,

Mas a tanto prazer (com pejo o digo)
Secreto dissabor talvez se unia,
Vendo quão largos dons te repartia
Natureza escacissima comigo.

Vai, prosegue, as sciencias cultivando,
Que dão ao feliz genio novo alento,
E em que tu tanto vais fructificando,

E dentro em pouco o mesmo sentimento
Que hoje em mim os teus versos 'stão causando
Hade ao mundo causar o teu talento.

14 de Março de 1818.

EPIGRAMMA, sobre o segredo

Diz tudo quanto sabe o fallador,
O tonto o de que não he sabedor,
O joven o que faz logo relata,
A contar o que fez hu' velho mata,
Mas meu... só quem he pateta
Refere aquillo que fazer projecta.

14 de Março de 1818.

DECIMAS

A cruel melancolia.

Já o bom tempo acabou,
Em que da doce Eloquencia
M'instruia na Sciencia,
Foi bom, mas já se passou:
Agora estudando estou
A seria Philosophia,
O chiste, a galantaria,
Por aqui não se tolera,
E sempre n'hu' throno impera
A cruel melancolia.

Villela, se lá te for
O nosso amigo Luiz,
Pergunta-lhe o que lhe fiz
Para tanto desamor;
Porque como de estupor
Foge á minha companhia,
Dize, que tal tirania
Duros males me tem feito,
E q' introduz no meu peito
A cruel melancolia.

15 de Março de 1818.

Ao Reverendissimo Sr. P.e M.e Fr. Marcellino,
Professor de Philosofia no Seminario de S. Jozé.

SONETO

Hoje deixado o placido socego
Ao Lyceo philosofico tornando,
De novo, oh Mestre digno, e venerando,
A's tuas sabias instrucções me entrego.

Na gram carreira vacillante, e cego,
Pelos dictames teus m'hirei guiando,
Seguir tuas pizadas procurando,
The onde c'os incertos passos chego.

E se de musa a gratidão valendo
Me elevasse do Pindo á grande altura,
A's estrellas teu nome hiria erguendo;

Mas se taes forças me não deo Natura,
Tu me desculpa, affavel acolhendo
D'hu' peito grato esta homenagem pura.

12 d'Abril de 1818.

Feito no dia em q' se acabarão as ferias da Paschoa.

DECIMAS A S. JOÃO

1.ª

Sempre entre o Povo Christão
Com devoção exemplar
Se tem visto celebrar
A festa de S. João:
E hoje nest'habitação
Com deleitosa alegria
Tambem se festeja o Dia,
Em q' veio ao nosso Mundo
O Precursor sem segundo,
Que ás terras Christo annuncia.

2.ª

Na noite de terça-feira,
Segundo antigo costume,
Já se atcou voraz lume
Na amontoada madeira,
E em roda junto á fogueira,
Na mão o livro fatal,
Já indagou cada qual
Sua sorte boa, ou má,
Divertimento que dá
A todos prazer geral.

3.ª

Neste entertido prazer,
E outros brincos innocentes,
Entre Amigos, e Parentes,
Chegamos emfim a ver
O bello Dia romper
Em que novo entertimento
Faça pôr no esquecimento
Quanto á Noite se passou,
A qual tão pouco durou
Para tal contentamento.

4.ª

Na lauta meza se assentem
Os contentes convidados,
E os saborosos guizados
Logo se lhes apresentem,
O prazer, q' todos sentem,
Augmente o doce licor
De delicado sabor,
E nas saudes mil votos
Se fação pelos devotos
Domingos, e Leonor.

5.ª

E nos Ceos o illustre Santo,
Que alenta os devotos seus
Pede de continuo a Deus
Por quem o festeja tanto;
Assim vós, e tudo quanto
A' vossa caza respeita
Sereis coisa sempre acceita
Para o favor de João,
Cuja Sancta Protecção
Aos que o honrão, nunca engeitão.

23 de Junho de 1818.

SONETO

Brinca, Lilia formosa; os dias passa
Em banquetes Theatros, e contradanças:
Já se lá foi o tempo das carranças,
Em que era o ser mulher huma desgraça.

Tens Marido Taful, encantos, graça,
E na costura, e renda inda te canças?
Deixa as antigas, barbaras usanças
Por nós herdadas da Mourisca raça.

Nas civis assembléas toma assento,
Onde esbelto Monsieur logo se off'rece
Polido Par com doce cumprimento:

Nem o Marido aos gostos teus empece,
Que n'outro delicado ajuntamento
Da metade gentil tambem se esquece.

No estylo de Paulino.
17 de Julho de 1818.

SONETO

Quando, Marilia, vejo o teu semblante
De um sorriso mostrando o doce agrado,
O Ceo sereno, limpido, estrellado
He-lhe em belleza apenas semelhante.

Mas se contra infeliz, malquisto amante
Com terrivel olhar se ostenta irado,
Parece-me o Ceo negro, e carregado
Prenhe de raios todo, e trovejante.

Mas se amor se alimenta de brandura,
Não queiras formosissima Tirana
Mostrar-te ao triste Alcino aspera, e dura;

Antes com gesto affavel, branda; humana
Acolhe as expressões da paixão pura
Deste Peito, onde imperas Soberana.

20 de Julho de 1818.

SONETO

Divina Armia, o meu dezejo ardente
Fôra estar sempre na prezença tua,
Porem a Sorte desabrida, e crua
Tão suave prazer me não consente.

Se a Sorte cede a minha prece urgente,
Vem o Ciume, e a Crueldade sua
Pelas veias veneno me insinua
Que ao rosto sóbe, e que perturba a mente.

Junto de ti me pinta a Phantasia,
De felizes Rivaes a competencia,
E que me não quer bem a minha Armia.

Vê, minha Deosa, a barbara violencia
Dos males, com que esta alma se angustia,
Que entre elles o menor he o da ausencia.

Agosto de 1818.

SONETO

Quem acharia um moço claro, e loiro,
Olhos azues, as faces mui rosadas,
Quatro ou cinco melenas encrespadas,
Mas com andar, e gestos de caloiro.

Batem tinindo-lhe as correntes d'oiro,
Que do relogio traz dependuradas,
Calças de fina ganga fabricadas,
E um sobretudo azul lhe cobre o coiro.

Esperto, como que? Pois que gracinha!
Falla Inglez muito claro, e espevitado,
Tóca bem berimbáo, e campainha.

Quem o tiver nas ruas encontrado,
Que m'o traga já já por vida minha:
De alviçaras lhe dou... o mesmo achado.

Ao Machado, feito na Aula de Inglez,
1 de Outubro de 1818.

P

SONETO

Vivia Papa-ratos mui contente
Em casa de seu dono, e sem cuidados,
Só por guardar os dentes afiados
Branda guerra fazia á rata gente;

Quando o Fado cruel, que não consente
Gozem da santa paz doces agrados
Aquelles, cujos nomes desgraçados
De negro poz no livro, que não mente,

Ordena, que assanhado Cão raivoso
No lombo lhe prespegue atroz dentada:
E então logo que cão! hum pobre, hum gozo!

Temeo-se a mordedura envenenada,
E foi mandado o misero queixoso
Banho eterno tomar d'agua salgada.

[illegible] Novembro de 1818.

EPIGRAMMA

Em renhido combate com D. Galgo
D. Miau, gato douto, e mui fidalgo,
Cahiu ferido mortalmente em terra
Acabando-se assim tão dura guerra.
E foi de tanto brio, e tão preclaro,
Que não quiz (pundonor de certo raro!)
Que morto, a terra os ossos lhe cobrisse,
Mas que nobre sepulchro o mar lh'abrisse.

[illegible] de Novembro de 1818.

Adeozes de E. F. da V. [illegible] legas de Philosofia.

SONETO

Caros Amigos, que leal, sincero
Com puro affecto da minh'alma estimo,
Os adeozes do vosso terno Alcino
Ouvi, se me quereis, como vos quero.

Candido, Estevão, vós, que eu considero
Do Patrio Rio Grande, a Gloria, e Mimo,
Freire! fiel Machado, ah! nem me animo
A dizer-vos o adeos triste, e severo!

E vós todos, que agora estais lembrando
Companheiros leaes, que não nomeio
Se vos lembrar tambem de quando em quando:

Sabei que afflicto, e de saudades cheio
De vós se aparta o Amigo miserando!
De vós me aparto, oh dor! e inda o não creio.

20 de Novembro de 1818.

Do muito Revdo. P.e M.e Fr. Marceilino de Sant'Anna Bueno, Professor de Philosofia no Seminario de S. José, se despede seu alumno E. F. da V.

SONETO

Do Sabio Mestre da Sciencia augusta,
Que he de todas as outras a Rainha,
Fracamente soltando esta voz minha,
Me despeço com dor intensa, e justa.

Eu aquelle que soube o quanto custa
Soffrer a entrega perfida, e damninha
Quando imputar-me o crime, que eu não tinha
Quiz calumnia infiel, suspeita injusta.

Eu de ti me despeço oh Sabio Guia,
Que como pela mão me conduziste
No caminho da Gram Philosophia:

Mas se benigno assim me dirigiste
A' meta, onde eu chegar só não podia,
Serei grato, e a calumnia farei triste.

Feito no dia 27 entregue a 28 de Novembro de 1818.

EPISTOLA AO MACHADO

Se entre as estrellas, que no Céo brilhante
Com luz se ostentão manifesta, e pura,
(Certos faroes ao cauto Navegante,
Que por guia sollicito as procura)
Castor e Pollux tem eterno assento
A amisade lh'o deo, para tormento
Dessas almas; que tanto a desconhecem:
Ah! se ve-la, qual he, elles podessem,
Tão candida, tão pura, e tão suave,
Adornada de duas brancas azas,
Tendo na mão dos corações a chave
E o reluzente facho, com que abrasas,
Oh formosa Amisade as almas puras
Conhecerão então doces ternuras!
Então verião pela vez primeira
Prazeres, e alegria verdadeira.
Mas nós sentimos, oh fiel Machado,
Do dom celeste os placidos effeitos,
Elle os corações nossos tem juntado
Com laços formosissimos e estreitos,
Quaes Damon Pithias, Pilades e Orestes,
E aquelles, que segundo o exemplo destes
Ganhárão na moderna e antiga Historia
Perpetua e formosissima memoria.
Nós que seguindo vámos este exemplo
Novos Castor e Pollux, que nos falta
Para subir áquelle erguido Templo,
Onde o nome de taes Heroes se exalta,
E chegar-mos a ser planetas novos
Então vistos dos mais distantes povos,
Elles se lembrarão que da Amisade
Exemplar fomos nós na prisca idade.
Ah Machado, em que alturas nos veremos
Tantas legoas da terra levantados!
Ah quanto, quanto ali nos não riremos
Das loucuras dos homens depravados!
Mas não póde alcançar ventura tanta
Quem da bella Amisade as leis quebranta:
Tu pois, Machado meu, que sabes isto
Não te esqueças do teu caro Evaristo.

5 de Janeiro de [illegible].

Ao Anniversario da Acclamação d'ElRei D.João 6.º.

ELOGIO

Senhor, se a fraca voz da Musa minha
Hoje subir pertende aos pés do Throno,
Não he que ousada presumpção me anime.
As aulas juvenis deixando apenas,
Minhas forças conheço: mas se accaso
Póde hum puro dezejo, e tenção pura
Valer ante a Real Presença Vossa
Dignai-vos de acceitar, Monarcha excelso
De hum fraco engenho as timidas primicias,
Coisa melhor não tenho que offertar-vos
Offerecera-vos mais se mais tivera.
Hoje o Dia rompeu, que feliz sempre
Aos povos dois, Americano, e Luso
Faustissimos agoiros apresenta,
O Dia em que celebra a Santa Igreja
As Chagas, que da culpa nos livrárão,
E que na Cruz o Filho de Maria
Ao grande Affonso apparecendo em sonhos
Lhe deu por armas. Fortes deste escudo,
Forte da protecção de hum Deos Supremo
O Mundo os Lusos vio, surcando os mares
Plantar do Tejo ao Indo as Santas Quinas,
E alçar de Christo a Lei no adusto Oriente.
Que triunfos, que glorias, que prodigios,
Em as terras, que o Sol primeiro accende,
O nome Portuguez eternizarão!
Mas ja chegava a Epocha marcada,
Em que o aureo Brazil no fertil seio
Recebesse de Lisia o esmalte, a honra:
Deos, que escolhera como Rei primeiro
Da terra Lusitana o grande Affonso,
Ordenou que João as bases lance
Ao novo Imperio do Brazil potente,
E que as Chagas, que já no Mundo antigo
Roborarão aos bravos Portuguezes
C'o favor decidido o Braço invicto,
Sirvão tambem de amparo ao Novo Mundo.
Feliz Janeiro, tu tiveste a gloria
De ser do grande Imperio a Côrte Augusta,
Tu saltaste de jubilo contente
Vendo em teu solo "Cofre de virtudes"
E penhor de ventura o Teu Monarcha.

E outra vez exultaste a fronte erguendo
Quando no Dia, que hoje celebramos,
Ouviste a voz dos filhos teus tão caros
Assim clamar dos intimos do peito:
Viva o Sexto João, o Pio, o Justo,
Viva o Sexto João, o Pai do Povo,
O Principe immortal, que a Mão do Eterno
Em momento feliz nos deo propicio.
O Dia destinado o Céo marcara
Com roseas cores sobre o Livro d'oiro:
O Sol, que o rosto palido escondera
Em hum manto de nuvens, de repente
Fulgente appareceo, e ao leve aceno
Dissipão-se os espessos nevoeiros.
Então que scena! Que risonho quadro!
Eu via, eu via as lagrimas pularem,
Lagrimas de prazer, que as faces banhão,
E no meio do estrepito festivo
Das igneas bocas, dos aereos fogos,
Da basta multidão resoão — Vivas —
Fallece a voz cançada, eis longamente
Coalhado vê-se o ar de Lenços brancos,
Que em repetido movimento ondeão.
Qual do Congresso estreitamente aperta
Em seus braços o amigo; qual nem póde
Já de rouco soltar a voz cançada:
Este agitado, e em rapido transporte
Corre de hu' lado a outro, e vai, e torna,
Dando no rosto seu nos gestos dando
Vivas demonstrações de gosto ingente:
Outro, por ver o Principe que adora
Aos mais altos logares se remonta,
O menino, que vai da Mãi nos braços
De alegria tambem a Mãi aperta.
Mas quem póde pintar com dignas côres
O que vimos então? Eu não, que fraco,
Timido alumno de apoucado engenho
Mal ponho as tintas, e pinceis maneio.
Em quanto o amor, que vos dedica o Povo
Oh Principe excellente, assim se exprime,
E que nos rostos o prazer rebenta;
A vossa Mão Benefica, que espalha
Larguissimas mercês, que faz felizes
Do Mundo ao mesmo tempo em quatro partes,
Hum sinalado, novo Beneficio
Vem mais eternizar o Vosso Nome:
Da purissima côr, que a Mãi do Eterno
Dera aos dilectos seus, candido ornato,
Pendentes fitas, distincções honrosas

Real Munificencia estão mostrando,
E não menos o espirito piedozo,
Que animou de Bragança o Rei primeiro,
E mais fervente resplandece ainda
No Herdeiro egregio! Oh Conceição sagrada,
Se a boca venenosa da Heresia
Tentou manchar atroz tua pureza,
O Monarcha piissimo, que impera,
No Luso Throno, quer que Protectora
Sejas dos Reinos seus, e rico adorno,
E que assim como a lucida venera
Brilha nos peitos dentro delles brilhe
Santo zelo; fervor, que o seu devora.
Sagrada Virgem, tu que pódes tudo,
Tu, que aos devotos teus jámais faltaste,
Protege o nosso Rei! Ah tu conheces
Seu Pio Coração, que já mil provas
Tem dado do mais puro, e sancto anhello,
Hoje mesmo nós vemos de piedade
Hum novo exemplo, quando quiz devoto
Que o venturoso, o grande Anniversario
Neste Dia das Chagas se celebre:
Mostrando assim em quanto mais estima
De hu' Deos a protecção, na Cruz cravado,
Derramando por nós todo o seu sangue;
Que a Regia pompa, que o sublime fausto.
Eia Virgem Sob'rana; eia defende
Seu throno, seu poder; e a gloria sua,
E de teu Filho as Chagas Redemptoras
Sejão do novo Imperio o firme Escudo,
Mas, que o Pio João por longos annos
Para ornamento, e dita do seu povo
Prospere, reine! Da existencia sua
Tecido seja d'oiro, e seda o fio !
Taes, Principe immortal, são nossos votos,
Filhos do coração; que vivaes tanto,
Quanto durar de vosso Nome a Gloria,
Vosso Nome, que hirá de boca em boca,
De Paiz em Paiz até que o Tempo
Cessando de existir, se extingua o Globo.

Feito em 17, 18 e 19 de Fevereiro de 1819.

Emendado em Outubro de 1825.

SONETO

Vate immortal, que nesses tenros annos,
Do mais caro sentido assim privado,
De tão celeste dom foste dotado,
Que vês de Phebo os conditos arcanos:

Dize-me, e dize a todos os humanos,
A quem teus versos tem maravilhado,
Como entraste o recinto do Sagrado
Templo, escondido aos olhos dos profanos?

Dize por onde dirigiste os passos
A' morada immortal? Mas antes creio
Que Apollo te levou sobre seus braços:

Ah! não temas; franqueia sem receio
Esses immensos, Apollineos Paços;
E o Mundo deixarás de espanto cheio.

Ao Poeta cego — 11 de Março de 1819.

SONETO

Cheia d'encantos a gentil Princeza,
Que o Céo benigno, ha pouco, á Hespanha déra,
O Céo mesmo a roubou; e a gente Ibera
Chora, e com ella a gente Portugueza:

Chorão extincta ver essa belleza,
Que na terra, qual Anjo apparecera
Graças, Virtudes, de que a enriquecera
A sabia mão do Author da Natureza.

Tudo, tudo acabou; a horrenda Morte
A esperança tornou falsa, illusoria
Ao povo Hispano c'o terrivel córte:

Della apenas nos resta a vãa memoria,
Mas sua alma benigna, sabia, e forte,
Vencedora subio á eterna gloria.

A' morte da Rainha de Hespanha.
23 de Março de 1819.

SONETO

Que mestas vozes, lugubres gemidos,
No ar resoão! que funereo pranto
D'agoa os afflictos olhos enche tanto,
E fere triste e crebro os meus ouvidos!

Mas já oiço da morte os alaridos
Que apoz si vão deixando horror e espanto!...
Huma Joven conduz, que Regio Manto
Traja sobre riquissimos vestidos!

Eis lá diviso Iberia lastimosa,
Que co'a convulsa mão os olhos cobre,
E o sceptro quebra alheada e pezarosa:

Chora Isabel, que a terra vil lh'encobre,
Isabel que lhe rouba a Morte irosa:
Não merecia o Mundo alma tão nobre!

Ao mesmo assumpto.
23 de Março de 1819.

SONETO

Machado, Amigo bom, caro, e dilecto,
Como penhor sagrado da Amisade,
A offerta recebi, que da vontade
Pura foi filho amado: o Soneto;

Só notei nelle, que o teu grande affecto,
No excessivo louvor falta á verdade,
Que, posto que este ao proprio amor agrade,
Nunca póde aproval-o o senso recto:

Hum pouco della, Amigo, te apartaste,
Quando os conceitos fracos, e pequenos,
Dos versos meus immodico louvaste.

Ama, se pódes mais, mas louva menos
Aquelle, que fiel sempre encontraste
Livre de affectos baixos e terrenos.

Em resposta a hu' do Machado,
13 d'Abril de 1819.

SONETO

Cá recebi, Machado, o teu Soneto,
E bem que te agradeço a sãa vontade;
Como não queres que falte á verdade;
Esta Analise-sinha te remetto:

Ella ha-de hir n'um estilo assim faceto,
E meio dorminhoco, que te agrade;
Porque um Frade he que gosta d'outro Frade,
E um Preto na linguagem d'outro Preto:

As sillabas dos versos mal contaste;
Porque uns trazem de mais, outros de menos,
E os accentos tambem d'alguns erraste;

Mas pelos grandes ficão os pequenos;
Pois creio, que por junto he que as sommaste,
E o Soneto não tem nem mais, nem menos.

Pelos mesmos consoantes. 15 d'Abril de 1819.

EPISTOLA

Oh do mais puro amor unico objecto,
Cara porção desta alma desunida,
Se te lembras de mim, se o triste Alcino
Merece algum lugar nesse teu peito,
Escuta de um Amante as ternas queixas,
Que fiel te adorou, e que te adora.
Quando junto de ti passava os dias
Que o falso Amor formou para enganar-me;
Quando junto de ti as breves horas
Só perturbava de offender-te o susto,
Já no meu coração Amor potente
Absoluto imperava, já meu Peito
Esta chama nutria em que se abraza.
Quantas vezes ali ao som das ondas,
Que na praia batião mansamente,
Teu nome repetia: as ondas gratas
Ao longe o respondião murmurando,
E lá das fundas grutas em cardumes
Os Tritões, as Nereidas resurgião
Por escutar teu canto, e ouvir teu Nome.
Quantas vezes ali junto ao teu lado,
E em roda mil ternissimos Amores
Brandamente comtigo discorria
Nas frescas noites, nas calmosas séstas,

E tuas lindas Graças contemplando,
Já de Amor outras Glorias não queria
Senão jamais ter fim tanta ventura.
Quantas vezes ali... Porem deixai-me,
Deixai-me saudosissimas memorias
De um bem, que já passou, que foi tão breve,
Não venhais aggravar o mal presente!
No momento da nossa despedida
Tu viste quantas lagrimas correrão
De meus afflictos olhos, mas não vias
Os tormentos crueis, porque passava
Meu triste coração... Porem ao menos
Inda perfida então te não julgava,
Inda então vi correr desses teus olhos
(Olhos, que Amor fazia inda mais bellos)
Doces lagrimas, filhas da Ternura,
Suave lenitivo em tanta pena.
Tudo agora acabou! Do antigo affecto
Nem te resta a lembrança: em quanto eu soffro
Longe de ti, cruel, por teu respeito
Duros tormentos, que explicar não posso.
Tu te esqueces de mim, de ti me eu lembro
Continuo, sem cessar um só momento.
Quando, acordado, a vaga phantasia
A varias artes volvo, em quanto vejo
Ella sempre o meu Bem me está mostrando,
Seu semblante, seu ar, sua voz terna,
E finalmente a sua Tirannia.
Se repouso procuro em tanta lida,
O somno que dos mais sepulta as magoas
Em mim as exaspera, os vivos sonhos
Novas causas me pintão de tristeza,
Humas vezes te vejo que desprezas
Com rigoroso aspecto os meus extremos,
Outras que já nos braços de outro Amante
Insultas meu Amor... Então acórdo
Cheio do horror de tão funesta idéa,
Então dentro em minh'alma as Furias todas
As entranhas me roem, nem mais escuto
Do que a voz do furor, que me atormenta.
Depois algum allivio á dor buscando
Penso que ver-te ameigará meus males,
Mais benigno encontrar teu rosto espero,
Procuro-te, o que encontro, são rigores,
Que mais perturbações me causão n'alma.
Ah! Cruel, que motivo assim te obriga
A envenenar meus dias? Este o premio
Da mais viva paixão? Antes acaba
Acaba o terno Alcino, que te adora,
Crava-lhe de uma vez no peito o ferro:

Contente morrerá vendo que he tua
A mão que o fere: um golpe só lhe finde
Dias tristes, que a seu pezar arrastra;
Mas conhece, Tirana, que foi sempre
Sincero adorador, ardente Amante
Aquelle, que apunhalas! Mas que digo?
Póde occultar um tão gentil semblante
Uma alma assim cruel? Não és tu mesma,
Que outr'ora encheste de prazer meus dias,
Não és tu, que tão branda me acolheste
Com o sorriso teu? Sim; sim; tu foste.
Torne então outra vez para o teu peito
A antiga compaixão, que inda mereço,
Torne o sorriso teu para teus labios
(Meigo sorriso, que invejavão Numes)
E um milagre verás, verás tornar-me
Alma, vida, prazer n'um só momento:
O mesmo inda serei, que dantes era,
Inda em torno de nós verás que adejão.
Os Amores loução, e lindas flores
De odorifero cheiro, e côr purpurea
Inda nos lançarão sobre as cabeças:
Tudo junto de nós serão prazeres,
E envergonhada a Palida Tristeza,
As negras azas despregando ao vento
De um vôo fugirá dos nossos peitos.

Abril de 1810.

A' Praia Grande.

SONETO

Oh de prazeres sãos feliz morada,
Onde juntárão Arte, e Natureza
Do Campo a simplicissima belleza
Ao brilho, e garbo, que na Corte agrada:

Dos ares salutiferos banhada,
Em ti misero enfermo acha defeza;
E o que a pura saude guarda illeza
Doce recreio, e refeição prezada.

Formosa Praia Grande, ah tu mereces
A justa gratidão deste meu peito,
Tu, que entre as bellas Villas resplandeces;

Que o mais caro serviço me tens feito,
Quando hoje mais robusto o Irmão m'offereces
Ha tanto a enfermidade atroz sugeito.

1 de Maio de 1819.

CONTO

Vivia, a tempos, na opulenta Corte
Da mercantil, riquissima Inglaterra
N'uma pobre choupana, que contrasta
C'os soberbos, visinhos edificios,
Humilde Artista, cuja mão gelada
Pelas forças dos annos não podia
Ganhar, como ganhára, o seu sustento.
Filha querida, que perdera ha pouco,
Já de sua velhice fraco esteio,
Dois netos lhe deixou de tenros annos;
Tudo em fim da pobreza aggrava os males.
Mas que remedio dar? Faltão-lhe as forças,
Amigos faltão do bom tempo antigo,
Que os annos lh'os levárão: resta apenas
Um vislumbre de fragil esperança.
Da sua choça ao longe se avistava
De famozo Banqueiro a grande Caza,
Onde a bella fachada do Edificio
He da interna riqueza indicadora,
E do prodigo luxo de sou dono.
Que! diz o Velho, negar póde acaso
Tenue soccorro quem despreza o oiro?
Quem as mãos cheias a capricho o entorna?
Não: possivel não he: assim discorre,
E caminhando vai; firmado o corpo
Sobre o bordão: com elle os dois meninos,
Na idade ainda de infantis encantos;
Com mal seguros pés tambem caminhão.
Mas ei-los já na porta do Banqueiro,
Esperando o momento, em que se possa
Uma palavra dar-lhe: em tanto escutão
Dos vis criados insultantes dictos.
Depois de longa espera o rico assoma,
Que vai montar riquissima Berlinda
Por quatro gordos urcos arrastrada:
Elle rapido os pateos atravessa
C'o sequito servil, c'o a corte abjecta
Dos vis aduladores: eis ao velho
Hora lhe bate esperançoso o peito,
Hora frio tremor lhe gela o sangue.
Com voz submissa, e que interrompe o pranto
A fallar principia; desdenhoso
C'um olhar de travez lhe atalha as vozes
O cruel Millionario, ao carro sóbe,
E da vista veloz desapparece.
Qual o preso innocente que esperava
Na justiça fundada, e no direito

O momento da proxima soltura,
Ouvindo injusto Accordão, que o condemna
A castigo cruel, ou pena infame,
Aterrado da subita sentença,
Como um rochedo immovel fica, e mudo:
Tal o triste Ancião, a lingua presa
Co'a magoa, que pungente o peito aperta,
Nem sólta uma palavra: de seus olhos
Pelas faces o pranto corre em fio,
Pranto, que falla mais que as proprias vozes,
Pranto, que aos Ceos chegou, e os Ceos são justos.
Pobre Hortelão que apenas se sustenta
Dos productos de modico salario:
(Onde a virtude vai achar guarida!).
Sabendo de seu amo a acção tirana,
De terna compaixão, de zelo cheio
Do Artifice infeliz a Choça busca.
Mal entra um Genio tutelar parece,
Singelo coração mostra o seu rosto:
E prestante bondade que não sabe
Negar-se do infeliz á dor, ao pranto;
Sobre suas feições está pintada.
Tenros meninos, velho angustiado,
Cessai já de chorar que vossos males
Vão prontamente terminar seu curso!
Meu amigo (elle diz) offerecer venho
Quanto de meu possuo; um pobre alvergue,
Onde em vez de riqueza, amor, carinho
Podereis encontrar: tereis um filho
No meu querido Henrique: estes pequenos
Nelle um Pai acharão... todo este tempo
Fixára nas feições do Jardineiro
O velho as vistas suas, mas cortando
Neste ponto o discurso com presteza,
E semblante agitado assim pergunta:
Podeis dizer-me o vosso nome, amigo?
Carlos lhe torna o outro. E de que parte
De Inglaterra sois filho? Eu no Condado
De Suffolk he que tive o nascimento.
Não posso duvidar: Carlos, oh Carlos,
Teu irmão não conheces! Onde Henrique,
O meu Henrique está, que tão pequeno
Eu na Patria deixei! E's tu Guilherme,
O meu irmão querido! Ah vinde, vinde,
Este peito apertar, chegai meninos!
Os dois Irmãos então cheios os olhos
De lagrimas de gosto se abraçarão:
Os pequenos tambem c'o doce rizo,
Simples filho da candida innocencia,

O seu novo Papai apertão, beijão;
Grupo terno, e sublime, ali se estreitão
De novo da Amizade, e sangue os laços;
Ali terna, gentil Beneficencia
Saborea os dulcissimos prazeres,
Que o coração do rico não conhece!
Consta que depois disto largos annos
Unidos sempre os dois irmãos viverão,
Cobertos pela benção protectora
De ver reproduzir sua existencia
Em filhos dignos delles, recebendo
De amor universal doce homenagem.
Pelo contrario o barbaro Banqueiro,
Quando na lauta meza aos convidados
Dos infelizes offerecia o sangue,
Entre arrancos crueis subitamente
Lançou a cruel vida. Assim mostrando
A justa Providencia, que reparte
Já mesmo neste mundo sabiamente
Castigo ao vicio, premios á virtude.
Ella permitta que não mais se vejão
De feroz coração ricos avaros,
Que a triste humanidade assim deshonrão,
Antes em maior numero se encontrem
Compadecidas almas bemfeitoras
Para arrimo da misera pobreza.

5 de Maio de 1819.

Ao Sr. Alexandre Maria de Mariz.

Estes humildes, mal limados versos,
Que um simples conto sem bellezas d'arte
Adornão parcamente em tosca Rima,
Filhos do coração, e não do engenho,
Caro Alexandre, amigo, eu t'os dedico,
Como áquelle, que goza no meu peito
Tão distincto lugar; se he tenue e fraca
A limitada off'renda, tu perdoa;
Que mais não pode dar quem he tão pobre.

Aos annos de S. Magestade.

SONETO

Neste brilhante, respeitavel Dia,
Em que o Ceo nos mandou penhor Sagrado
Da ventura maior, o Nosso Amado,
O Grande Filho da Immortal Maria:

Hoje, que os povos em fiel porfia
O enthusiasmo de seu peito honrado
Tem sempre ao Mundo attonito mostrado,
Trasbordando em seus rostos a alegria:

Dignai-Vos de acceitar, oh Rei Potente,
Sinceros votos, que n'um peito puro
Nascidos são do amor mais reverente:

E quantas sobre o estavel, e seguro
Throno, Graças fazeis á Lusa gente,
Tantos annos conteis para o futuro.

13 de Maio de 1819.

A' despedida de meu Mano.

SONETO

Campos do Rio Verde, eu vos entrego
Metade d'alma n'um irmão querido,
Que das enfermidades opprimido
Busca em vós, refrigerio, paz, socego.

Se a merecer-vos tanto, oh Campos, chego,
Que em breve á patria são seja volvido,
Quanto em mim cabe, terno, agradecido
Sereis da minha rima o doce emprego:

Dai-lhe, dai-lhe a mais prospera saude,
Os males, que lhe fez a patria ingrata
Vossa benefica influencia mude:

E eu vejo a Fama, que em clarim de prata
Da vossa salutifera virtude
A nova espalha bemfazeja, e grata.

29 de Junho de 1819.

A' despedida do Machado.

SONETO

Quando, Machado meu, quando chegares
A ver as ferteis margens do Mondego,
Não te esqueças nos braços do socego
Do amigo, que deixaste á quem dos mares.

E ahi, quando solicito buscares
Os d'antiga Amizade amado emprego,
Dize, que as faces com meu pranto rêgo
Cheio de saudosissimos pezares:

Que o Patrio Rio pela ausencia dura
Chorando os filhos seus, que amava tanto,
Com triste, e desusado som murmura;

Se querem ver cessar tão largo pranto,
Que ao terno Amigo escrevão, que assegura
Dar as novas ao Rio em Delio Canto.

30 de Junho de 1819.

A' despedida do Machado.

EPISTOLA

Assim, caro Machado, assim me deixas,
Assim deixas a Patria tão querida,
Os amigos fieis, os bons Parentes,
E outros demandas arredados climas,
Sem temeres os mares procellosos,
Nem do Pirata cubiçoso a furia?
E que póde obrigar-te a tanto excesso?
Acaso a sede d'oiro, que devora
Humanos corações, no teu se abriga,
E deixando os nataes, saudosos lares,
E a mãi chorando os olhos apertando
Com o lenço ensopado em quente pranto
Buscas a feliz terra, em cujo seio
Brotou a Natureza as ricas minas
Dos luzentes metaes, que o Mundo adora?
Ou do Commercio os lucros trabalhosos
Te conduzem alem passando os mares?
Carregando ao Navio o largo bojo
Das varias producções da patria nossa?
Mas não... outro motivo a nós te rouba,
Das Sciencias o amor he quem te guia

P

A' famosa Coimbra, onde quizerão
As nove Irmãas fazer sua morada,
A' Lusa Athenas, onde sabios Mestres
Da sisuda equidade as leis explicão,
D'Astrea na balança ali se aprende
Apezar dos mortaes virtude, e crimes,
Ali as salutiferas doutrinas
Vais attento escutar, de que pendentes
Estão os nossos bens, e as nossas vidas:
Na carreira escabrosa, mas brilhante
Entra, Amigo, nem timido vacilles,
Que a gloria sem fadigas não se alcança.
Vai, vai, Machado meu, que gema embora
Pella ausencia cruel o terno Amigo,
Embora os dias dilatados passe
No horror da melancolica tristeza,
Sem ter com quem reparta os duros males,
Que o seu turbado coração lh'anceião.
Quantas vezes, julgando ver-te ainda,
Na viva phantasia irei pintando
Os gostosos momentos, que passava
Junto, junto de ti, querido Amigo;
E conhecendo então, que estou tão longe
Do meu Machado, lançarei do peito
Mil suspiros, mil lagrimas dos olhos.
Mas nada te demore: nem te lembrem
As saudades ternissimas, que deixas
A' querida familia, nem te assustem
Os perigos do mar, do vento a furia.
Ondas não vos ireis encapelladas
Contra o fragil baixel, que em si me leva
O meu Amigo: tormentosos ventos,
Fugi, não levanteis os grossos mares:
Zephiro apenas, ou Favonio amigo
Enfune brandamente as pandas velas,
Até que vá surgir o curvo lenho
Da Gram Lisboa no famoso porto.
Em pisando de Luso os cultos lares,
O esplendor magestoso não t'offusque
Dos erguidos Palacios, onde brilha
O gosto, a polidez, e a mão do Mestre.
Nas Quintas, onde Flora, onde Pomona
Dos mais bellos adornos se atavião,
Nos braços dos prazeres encantados
Não te esqueças do Amigo, que cá deixas,
Não te esqueças do amor, que nos ligára
No Patrio Rio, que de ti saudoso
Tambem do caro filho a ausencia chora.
E ahi quando soltar ao vento as velas
Esperado baixel, elle me traga

De novas tuas Carta mensageira,
Novas, que de prazer enchão minh'alma.
Venhão depois amiudadas vezes
Servir de doce allivio as lettras tuas
A' pungente saudade, em quanto longe
Vives do caro Amigo, em quanto a roda,
Que os annos leva na veloz carreira
Te não torna outra vez aos patrios lares
De loiros immortaes cingida a fronte.

7 de Julho de 1819.

Ao Sr. Lourenço José Ribeiro.

EPISTOLA

Se nessa Scientifica Cidade
Tão cara de Minerva aos doutos filhos
Pódes toscas soffrer, incultas phrazes;
Se entre os novos Amigos não te esquece
Aquelle que no Rio aqui deixaste:
Ouve, caro Lourenço, as debeis vozes,
Que de um peito saudoso são nascidas;
Deste peito onde occulta simpathia
Mal te vi, fez nascer o amor mais terno.
Tua modestia, e merito excellente
Minha Amizade mais accrescentárão,
E se seus laços estreitar não pude
Só tua pronta ausencia foi culpada.
Ah quanto me custaste ausencia dura !
Quanto da despedida oh triste abraço.
A expressão me faltou, faltárão termos
Com que mostrar podesse a pena minha,
Frieza parecendo o que era extremo
De puro affecto, de Amizade pura.
Mas baste já de choro, que não devo,
Quando a fortuna d'escrever-te alcanço
De lagrimas turba-la, e d'amargura.
O fido Achates meu, por quem te envio
Esta Carta, melhor pintar-te póde
Quaes sejão da minha alma os sentimentos·
E em quanto por seu meio não recebo
(Doce allivio na dor, que me magôa)
Ou letras, ou fieis noticias tuas,
Sirva de lenetivo a meus pezares
Lembrar-me o quanto viverás contente,
Dos amigos na amavel companhia,
Dos amigos por quem conservo ainda
A mais justa saudade, a dor mais justa,

E por quem tão sentido o nosso Rio
Com triste, e desusado som murmura,
Do meu Barreto perspicaz, e alegre,
Do meu Teixeira, do Monteiro amante,
E do caro Luiz sincero, e doce.
Feliz, feliz o tempo, em que eu podia
Passar alegremente as breves horas
Na sua companhia affavel, branda,
Ora escutando os prazenteiros Contos,
Ora no jogo dos picantes dictos
Adubados do sol, que tanto agrada:
Porem (e vai de choro a Carta toda)
Porem se tanto bem gozar não posso
Peço-te, Amigo, que a escrever-me os mova
Já que tanto os amei, que firme espero
Vê-los todos, um dia, aqui na Patria,
(Cheios de gloria, e Bachareis formados).
E as novas suas dando ao nosso Rio
Então verei cessar seu largo pranto,
E serão lenetivo as letras caras
Da pungente saudade, e dor tirana,
Que o peito, ha tanto já, me martirisão.
Tu tambem, caro Amigo, nunca risques
Teu Evaristo da lembrança tua:
Paga amor com amor, lei doce, e justa,
E se ouvir-te não posso, escreve ao menos

30 de Julho de 1810.

SONETO

Amavel Nise, as Graças te formárão,
E quando tão gentil depois te virão
A Venus, que as chamava, as tres fugirão
E no teu niveo seio se occultarão.

Mal os ternos Amores te avistarão,
De tão Divina perfeição se admirão,
E ind'hoje em torno de teu rosto girão
Esquecidos de Chypre, que deixárão.

As Graças acolhidas com brandura
Forão continuamente prosperando
No bello rosto, na gentil figura;

Mas os Amores, (entre os quaes chorando
Anda tambem o meu) a má ventura
Vai seus miseros dias acabando.

1 de Agosto de 1819.

SONETO

Nise amada, não são teus olhos bellos,
Onde Amor, e as decentes Graças morão,
Quem minha alma rendeo; nem tambem forão
Teus ondados, finissimos cabellos.

A boca, os rubros labios, que de vê-los,
Os corações mais livres se enamorão,
Os meus puros affectos não penhorão,
Nem o motivo são dos meus desvelos.

Outra me captivou melhor belleza,
Do que essas, que consome o Tempo irado,
Meiga virtude, Angelica pureza:

Setta, que tem meu coração passado,
Sem que servir podesse de defeza
Um peito já ferido, e calejado.

24 de Setembro de 1819.

A' vinda dos Suissos.

SONETO

Esse paiz, que agreste, e sem cultura
Habitavão ferozes moradores,
Nem regavão fructiferos suores,
Do Lavrador, que ajuda a Mãi Natura:

Hoje, graças á prospera ventura,
Que elevando-o já vai aos gráos maiores,
Espera ver vestida de aureas cores
Florecer no seu seio a Agricultura.

Da singela Nação, que Helvecia habita,
Colonia a nossos climas transportada
A Industria Nacional soccorre, e excita:

Graças rende ao Ministro, oh Patria amada,
Ao Ministro, que ao Rei benigno imita
E a quem dadiva deves tão prezada.

5 de Novembro de 1819.

Ao mesmo assumpto.

SONETO

O Brasil, que antes rude, e sem cultura
Da Industria os ricos dons não conhecia:
Onde, ha já tanto estupida jazia
Nos braços da Indolencia a Mãi Natura:

Hoje a Sorte mais prospera lh'augura
O Grande Portugal, que o Ceo lh'envia
A cuja aceno lá na Helvecia fria
Corre um povo, e nos traz a Agricultura.

Feliz Brasil, que tantos bens teu seio
Enriquecido tem, e que inda esperas
Vê-lo de muitos mais ufano, e cheio!

Tu, sempre grato, nas futuras eras
Bemdirás da abundancia, e paz em meio
A bemfazeja mão, que já venéras.

11 de Novembro de 1810.

SONETO

Eu zombava de Amor: o Deos frecheiro
Já para mim perdera a valentia,
Das settas, do carcaz folgava, e ria,
De cobarde o tratava, e de embusteiro.

Mas Amor que he rapaz fino, e matreiro,
E que em dezejos de vingar-se ardia
Mostra-me os olhos da formosa Ullia,
E com elles me torna ao captiveiro.

Eis-me aqui outra vez atado e prezo
Aos pezados grilhões do máo Tirano,
N'um ardente desejo o peito acceso.

Quiz inda Amor, para aggravar meu damno,
E fazer dos grilhões mais duro o pezo
Que tenha Ullia hu' peito deshumano.

16 de Março de 1820.

POR ORDEM PATERNA

PENSAMENTO DADO

De tres maneiras largo bem se alcança
Por fraude, economia, ou por herança.

Quem riquezas possue sem ter herdado
Ou com fraude as ganhou, ou tem poupado.

Esse, que vês farto, opulento, e rico,
Ou larga herança o fez sem custo, e lida,
Ou tem mil fraudes praticado inico,
Ou soube governar poupado a vida.

Fortuna aos homens os seus bens envia
Por fraude, herança, ou por economia.

O Rico, a quem larga herança
Não deixou grossa quantia,
Ou com fraudes más a alcança,
Ou com sabia economia.

Março de 1820.

SONETO

Ulina, esses teus olhos engraçados,
Habitação dos trefegos amores,
Fazem nascer nos peitos amadores
Um numeroso enxame de cuidados.

Todos de teus dulcissimos agrados
Esperão brando allivio em suas dores,
Se fizesses sentir crueis rigores,
Que seria de tantos desgraçados?

Mas alenta-os o modo meigo, e brando,
Que prende os corações tão docemente,
Todos n'um puro affecto transformando:

Dá-lhes vida esse docil, e excellente
Genio teu, que vai tudo sugeitando
A' Lei universal de Amor Potente.

Abril de 1820.

Ao Thomaz.

EPISTOLA

Caro Thomaz, os versos, que me pedes,
Humildes producções de hu' fraco engenho,
Bem merecem jazer no rio escuro
Do triste esquecimento sem que vejão
Do dia a clara luz, e mais Amigo
Em tão miserando estado os tristes vivem
Com riscos, e borrões, que nem podião
Chegar em trajos tal ante os teus olhos,
Mas quanto póde a misera vaidade
De um Author, e Poeta por peccados,
Excitada de algum ligeiro encomio
Nascido só de pura cortesia?
Alguns, que menos rabiscados tinha
Ei-los; as tuas mãos com ancia buscão,
E vão fraquezas mil, e mil defeitos
Mostrar no Tribunal do teu criterio:
Da-lhes porém desculpa, como a filhos,
De quem de Amigo teu merece o nome.
Fico agora esperando a troco destas
Meia duzia de linhas, (não daquellas,
De que usão Costureiras, e Alfaiates),
Mas sim de letra tua, e mais que sejão
Em verso, em verso sim; que inda que o negues
Nesses teus olhos leio, que frequentas
Das Musas o risonho, e Santo Albergue,
E que as irmãas gentis de seus favores
Comtigo não se tem mostrado escassas.
Nem te esqueça tambem o tal caderno,
A que deo ser a Satyra maligna
Contra o pobre Reitor da Mana Chica
E adeos, que nada mais tenho a dizer-te
E não quero roubar-te inutilmente
O tempo precioso: Adeus amigo!
Deste, que de o ser teu se preza sempre.

E. F. da V.

4 de Abril de 18[illegible]

Aos annos de El-Rei.

SONETO

Ante o Throno do Eterno; o Rei primeiro
Que os destinos regeo do Lusitano,
Submisso pede o auxilio Soberano
Em favor de João, o digno Herdeiro:

Senhor, elle lhe diz, se hu' povo inteiro
(O vosso povo Luso-Americano)
Livre quereis fazer de todo o damno
Sob hum Rei pio, amavel, justiceiro;

Permitti que João (sua ventura)
Longo tempo os governe, e que este Dia
Mil vezes lhes off'reça a luz mais pura.

Aqui não mais Affonso proseguia;
Pois vê que já com mostras de brandura
Deos sobre a Terra os olhos seus volvia.

28 de Abril de 1820.

HYMNO Á INNOCENCIA

1

Salve, filha do Eterno, oh Innocencia,
Que no berço do Mundo entre os humanos
Breve tiveste, fragil existencia
E que fugindo aos damnos
Do primeiro peccado, te acolheste
Para o Ceo, onde aos homens te escondeste.

2

Tu és mais pura, e virginal, mais bella
Que a Nuncia da manhãa, risonha Aurora,
Quando, ornada de flores a capella
Já sahe do Ganges fóra,
E espalha pelas terras a alegria
Co' a doce nova do visinho dia.

3

Pelos hombros de neve, desparzidos
Tens os negros cabellos sem adorno,
Pudibundos, branquissimos vestidos
    Do airoso corpo em torno
Recatados te cingem: luz brilhante
Derramas do bellissimo semblante.

4

Das Celestes Virtudes te rodea
O venerando Choro, e á imagem tua
O vicio despejado, a Culpa fea
    Perturbado recua,
E na confusa escuridão se embrenha
Erriçada de espanto a hirsuta grenha.

5

Salve Dea gentil, que sobre a terra
Volves de pranto os olhos arrazados
Vendo co' a vil intriga, e feroz guerra
    Os mortaes lacerados:
Eis logo á meiga infancia a vista lanças,
E com ternura nelles a descanças.

6

Ali c'o sopro da benigna boca
Lhes bafejas o berço, ali lhes mandas
Simples sorriso, que agradavel toca
    Materno peito, e brandas
Sabe tornar fadiga, e magoas cruas,
Tanto, oh Candura, n'alma te insinuas.

7

E's tu, que escondes roedor cuidado
Aos feiticeiros olhos do innocente:
Quando ás bordas do abysmo esbarrocado
    Dorme profundamente,
Sem que tema o perigo; no teu seio
Jaz sem pavor de segurança cheio.

8

Debalde ao cadafalso, curvo, oppresso
Sob o pezo dos ferros, o homem justo
Caminha: dos Tirannos sem successo
Contra o peito robusto
Se aguça a feridade: alegre, e forte
Vê-te a seu lado, e não receia a morte.

9

Tu és da santa Paz, da Graça pia
A mãi fecunda, carinhosa, e pura
Por ti sabe a dulcissima ambrozia
A taça da amargura,
Eia recebe, oh Deoza este meu Hymno,
E o guarde e cerque o teu fulgor divino.

19 de Julho de 1820.

SONETO

Em quanto dormes de cuidado isenta
Nos braços do repouso e da alegria,
Sem que de Amor perturbe a Tyrannia
Esse teu coração com dor violenta.

Grato somno dos olhos meus se auzenta,
Que a paixão, que fervente est'alma cria,
M'o está roubando, e a cada passo impia
Mil confusas ideas me apresenta.

Porem dorme, cruel! Nem justo fôra
Padecesses por mim desgosto, ou pena;
Essas fiquem ao triste que te adora!

Antes Amor, que injusto me condemna,
O somno enfeite, que me rouba agora,
Dos lindos olhos teus a luz serena.

Outubro de 1820.

SONETO

Marilia em premio da paixão mais pura,
Que do misero Alcino abraza o peito,
Contra o seu coração de amor desfeito
De rigores se armou tiranna, e dura.

Mesmo aos olhos do amante sem ventura,
Que tanto excesso vê tão pouco acceito
Com brando gesto, com risonho aspeito
A outro acolhe cheia de brandura.

Alcino que fará em dor tão forte?
Desprezar a cruel? Não pode tanto;
Que Amor o não consente, nem a Sorte:

Envolto da Tristeza em negro manto
Esperará que venha a mão da Morte
Fixar seus dias, e seccar seu pranto.

Novembro de 18[illegible].

DECIMAS

1.ª

Meu Bem, não sei a razão
Porque com tanto rigor
Deste seu Adorador
Trata a pura inclinação:
Se exige satisfação
De alguma offensa inorada
Ao reo seja declarada,
Pois de si mesmo afiança
Tomar tão dura vingança
Que se contente a aggravada.

2.ª

Eulina, feliz eu fôra
Se junto de ti vivesse,
Se as cadeias que Amor tece
Te unissem a quem te adora:
Mas a sorte que até gora
De perseguir-me não cança
Roubou-me toda a esperança
Pelas mãos da crueldade;
Que nem ao menos piedade
De ti meu Amor alcança.

Novembro de 18[illegible].

Um suave instincto obriga
Homens, e feras a amar,
Desta Lei nenhu vivente
Jamais se póde isentar.

1.ª

Jóve quiz que em laço estreito
A terra toda se unisse,
E que no Mundo existisse
A um peito unido outro peito,
Eis por um suave effeito
De beneficencia amiga,
Nasce Amor, que prende e liga
Coração a coração,
E a querer bem desd'então
Um suave instincto obriga.

2.ª

D'agoa os peixes nadadores
Do ar as cantoras aves,
Os mesmos leões, suaves
Tem uns com outros amores,
Da dura guerra os furores
Só Amor póde abrandar,
Quer na terra, quer no mar,
Ninguem a Amor se roubou,
Que a Natureza ensinou
Homens, e feras a amar.

3.ª

Só a tirana Delmira
Com deshumano rigor
Quer fugir á lei que Amor
Nas almas todas inspira?
Cupido as flechas atira,
Fere este peito insolente,
Que assim zomba irreverente
De toda a potencia tua;
Fere; que não se exceptua
Desta Lei nenhu vivente.

4.ª

Lance mil artentes ais
Do fundo do coração,
Da mais fervida paixão
Dê manifestos signaes.
Então folgando os mortaes
Teu poder hão de adorar,
E essa ingrata confessar
Que á tua lei superior
Ninguem, oh Potente Amor,
Jamais se póde isentar.

Novembro de 1820.

DECIMAS AO NATAL

1.ª

Já são chegados os dias
Em que santa devoção
Permitte a todo o Christão
Prazeres, riso, alegrias:
Pezares, melancolias
Fogem de nossas moradas,
Donde forão desterradas
D'ordem do presunto, e vinho:
Nem achão um só cantinho
Onde fiquem abrigadas.

2.ª

Aqui, e ali discorrendo,
Entrão no meu peito em fim:
Triste, misero de mim,
Que agora as estou soffrendo:
Mas nesta desgraça entendo
Que quando a festa acabar,
Se hão de pronto retirar
Estas hospedas molestas,
Que tão insipidas festas
Me tem feito assim passar.

3.ª

Hoje pois, que a santa Igreja
Entre o numero infinito,
Que escapou ao Rei maldito
Tambem a mim me festeja:
Justo he que o ultimo seja
Da minha pena cruel,
E que á alegria fiel,
Que cuido deixei por cá
Torne a apparecer-me lá
Entre os livros, e o papel.

4.ª

He tambem costume antigo
Dar por festa algum presente,
Mas a mim o não consente
Da pobreza a Lei que sigo.
Trago he verdade comigo
Hoje aqui dinheiro grosso,
Mas talvez digais que he vosso;
Pois sabei, que receber
Dividas, se póde ter
Por festas no tempo nosso.

27 de Dezembro de 1820.

Ao dia 26 de Fevereiro, em que se jurou a Constituição.

SONETO

Nymphas do Patrio Rio, erguei de fóra
Das vitreas lapas a gentil cabeça:
Erguei-a sem temor; que hoje começa
Raiar da liberdade a rubra Aurora.

Em vão com cem cadeias até gora
Sob o pezo servil gemia oppressa,
Os grilhões rompe, ás armas s'arremessa
E o sagrado pendão triunfante arvora.

O clamor, que resoa em vossas grutas,
São desusados gritos d'alegria,
Que louco de prazer, oh Rio, escutas:

Banhem ondas de gosto neste Dia
Vossas faces de pranto nunca enchutas,
Que jaz por terra, e morta a Tyrania.

27 de Fevereiro de 1821.

Ao enthusiasmo dos Habitantes da Freguezia da Candelaria por occasião das Eleições.

SONETO

Illustres Cidadãos, a vossa gloria
Irá sem mancha aos seculos vindoiros,
Jamais se murcham os virentes loiros,
C'roa da Musa, que preside á Historia.

Vossos nomes nos bronzes da Memoria
De fama alcançarão ricos Thezoiros
Não; arrostando os bellicos peloiros;
Mas conseguindo me paz melhor victoria.

He dos Tiranos o cruel flagicio
Vivo zelo, que tanto em vós fulgura,
Enchendo de terror o torpe vicio:

Lançai de magestoza Architectura
As bazes do magnifico Edificio,
Que a pronta queda ao Despotismo augura.

13 de Abril de 1821.

Ao enthusiasmo desenvolvido na Procissão do dia 13, em q' os Eleitores da Parochia da Candelaria forão ao *Te Deum* á Freguezia.

ELOGIO

Que vejo! Donde nasce que em mil rostos
Resplandece o prazer: de que procedem
Os gritos, que resoão? São votados
A' torpe adulação? Mas a meus olhos
D'ocioso Cortezão as aureas vestes
Soberbo insulto á publica miseria:
Não vem apresentar-se nem se avista
Pelos possantes Urcos arrastado
Na custosa Berlinda o filho inutil
Da prodiga Fortuna. Hum povo immenso
De Cidadãos, d'iguaes seus passos guia
Para o Templo sagrado, onde entre nuvens
De odorifico insenso aos Ceos levantem
Para o Supremo Ser cadentes Hymnos.
Estes Vivas, que escuto, a quem são dados?
Meu ouvido os estranha: e temo ainda...
Mas não mais temerei, que o santo fogo
Da patria liberdade esplende, e brilha

Em os olhos de todos: já preferem
A' vil escravidão a propria morte.
A's epochas antigas me remonto:
Vejo em Roma, e na Grecia um povo cheio
De heroico enthusiasmo, e não lh'o invejo.
Americanas plagas, que até góra
Terra de escravidão, tiraes do jugo
Finalmente o pescoço; olhai ah quanto
He bella a Liberdade. Ei-la trajando
As roupas roçagantes calca, e piza
Os indignos grilhões, q' lhe prendião
As mãos formosas, e sorrindo inclina
Para nós o bellissimo semblante.
Que já não vê de estupidos escravos
A cafila servil, que attenta espreita
De um Senhor, e de um Despota as vontades.
Então cheia de horror ah nem ousava
As vistas sobre nós lançar a furto:
Gemia, vendo quanto os Portuguezes,
Nação, brava nação, que sempre amára,
De seu prisco esplendor tinhão cahido.
Hoje novo espectaculo consola
O terno peito; agora que se lanção
Por vossas mãos, por diligencia vossa.
As bazes do magnifico Edificio,
Que a pronta queda ao Despotismo augura.
Vêde a Patria a seu lado, e como exulta
Nos doces braços seus, que já não teme
Abraça-la, cingi-la estreitamente!
Patria amada, inda vejo no teu rosto
Os traços de tristissimas lembranças
Dos dolorosos males, que soffrestes!
Prosegui, Cidadãos, na grande empreza
Se quereis resurgir d'entre as ruinas
O Reino Portuguez: tornar-lhe o brilho,
Que tanto entre as Nações o distinguira.
Neptuno espera ainda ver seus campos
Acurvados das Quinas sob o pezo,
Quinas, que ha tempo em vão procura,
Os olhos, estendendo longamente
Por seus vastos Estados, onde d'antes
Ufanas floreavão sem receio.
A Patria, he quem vos falla, ouvi-lhe as vozes
Ouvi-lhe, e prosegui. Que nunca possa
Interesse, ou temor jamais mover-vos
Da linha do dever; que não pereça
Em vós o Patrio amor, e sempre unido
Ao doce amor da cara Liberdade.

18 de Abril de 18[illegible]1.

Para o Timotheo apresentar em hu'a Sociedade no Campo

SONETO

Amaveis Socios, que deixando agora
O turbilhão confuso da Cidade,
Vindes gozar nos braços da Amizade
Os prazeres, que o Campo nos melhora.

Com seus aromas a risonha Flora
Nos sentidos derrama a suavidade,
Em quanto Baccho a triste gravidade,
E os sinistros pezares lança fóra.

Amaveis Socios, ante vós voltcão
Graças discretas, prazenteiro riso,
Que as almas delicadas saboreão.

Eu só, que tanto de favor preciso,
Trago, onde os outros de saber se arreão,
Hum rude engenho; mas o peito he liso.

9 de Maio de 1821.

Ao Timotheo — Enigma.

SONETO

Sou em toda a Cidade conhecido:
Mascate, entre os Mascates afamado;
Em varias condições, em vario estado
Por aqui, por ali tenho corrido.

Meu trato he gracioso, e divertido;
Sou por isso de muitos cubiçado:
A's Sciencias Politicas mui dado,
Mil Jornaes, mil Gazetas tenho lido.

De fallar jamais tive ou pejo, ou medo
E sem que frequentasse nunca estudo,
De semisabio os gestos arremedo.

Passo entre os Idiotas por agudo...
Em fim sou... (mas que fique isto em segredo)
Sou o Timotheo, e tenho dito tudo.

9 de Maio de 1821.

P.

Aos çapatos do Ignacio, quando elle se calçou.

QUADRAS

1

Quando quiz o nosso Ignacio
Pôr-se á moda, e de çapatos,
Desde logo se aprontárão
Mil pelles de Cães, e Gatos.

2

Despejou a sola tôda
O Mendes da loja sua,
Alastrando em comprimento
A terça parte da rua.

3

Aqui he que forão canas
Para obra preparar;
Que uma caza acom'odada
Foi difficil encontrar.

4

Mas seja assim, ou assado
O Moço os çapatos quer,
E com toda a prontidão
Forão mandados fazer.

5

O Senado, a cuja custa
Sempre até-gora calçou
Para a obra dos çapatos
Cem obreiros apenou.

6

Finalmente coisa rara!
Os çapatos se fizerão,
E na rua em pés mettidos
Prontamente apparecerão.

7

Então passados d'espanto
Capadocios de feição
Contão-se ter exclamado
Com grande admiração:

8

O nosso Ignacio de Brito
Calçou por fugir da lama,
Em um pé a Nau *Rainha*
E n'outro a *Vasco da Gama*.

13 de Junho de 1821.

Queixas de um Fidalgo velho contra as novas idéas, principalmente a respeito da Nobreza.

SONETO

Não tem duvida, o Mundo está mudado!
Ah meu tempo, ah meu tempo! em que se via
Temida, respeitada a Fidalguia,
Conhecendo os plebeos o seu estado.

Então qualquer Fidalgo era tratado
Com respeito, com summa cortezia,
Hoje a moderna, vãa Philosofia
Tem nobres e peões emparelhado.

Diz que somos iguaes! Que só me dera
Distincções a virtude propria minha!
Que a nobreza do sangue isso he quimera!

Ver então como péga a seitazinha
Nos nossos Sabichões! mas que se espera,
Se elles lêm nestes livros de fitinha!

13 de Junho de 1821.

A' primeira reunião da Junta Provisoria.

ODE

De bronzeada côr, viril aspecto,
Cingido em roda de gemmadas plumas,
Na mão a eburnea lua, e prenhe a aljava
Das empennadas settas:
Quem he este Mancebo, que a meus olhos
Com magestoso garbo se apresenta,
Cortando co'as serenas brancas asas
A região dos ventos?
Genio de Nictheroy! E's tu, que sempre
Velaste cuidadoso em nossos climas,
Sobre nós com mão prodiga entornando
Os Rios da Opulencia?
Tu és, que tanto tempo nestes lares
Reinar fizeste o placido Socego,
Em quanto entre as Politicas tormentas
O mundo soçobrava!
Então dize-me, ah! como t'esqueceste
De teus miseros filhos, que reclamão
Com pranto inutil, com ferventes preces
Os bens que já gozárão?
Vê, que horrendos escolhos nos rodeão!
Que terriveis perigos ameaça
A pendente procella, que rebrama
Sobre as nossas cabeças!
Crebro reluz o acicalado ferro
Nas mãos hostis da bellica phalange
Aonde, aonde estão os inimigos?
Só Cidadãos eu vejo!
O Numen do Commercio, a quem cobrião
Longas asas da Paz, cheio de susto
Vôa, foge de nós: voão com elle
A abundancia, as riquezas.
Genio de Nictheroy, tu sempre amaste
Os puros dons da publica concordia,
E os apparatos de mavorcias lides
Te horrorisárão sempre.
De nós remove os palidos temores,
E espectros de suspeitas que esvoação
Ante a nossa presença, e que intimidão
Os incolas tranquillos:
Outra vez nos conduze a Paz doirada,
Da alegria, e prazeres Mãi fecunda:
Tornem com ella os do repouso antigo
Inseparaveis socios.
"Nada receies, me responde o Nume;
"He neste dia de feliz memoria

"Que vai mostrar-vos da Bonança o Iris
"O favoravel rosto.
Então dos hombros estendendo as asas,
Rapido vôa pelo ar vasio.
Já no Horisonte de listradas cores
Fulge o arco brilhante.

[illegible] de Junho de 18[illegible].

A COBRA E A LIMA

FABULA DE PHEDRO

Huma cobra na forja de hu' ferreiro
Acaso entrou n'hu' dia de Janeiro,
Acossada da fome, e dos rigores
Que o frio traz do Arturo aos moradores.
Ali topando logo c'uma lima
Julgando-a boa presa folga e estima.
E c'os dentes no ferro pertendia
Ver se á pura dentada o desfazia.
A lima então de seu furor zombando,
Assim lhe falla: "amiga, vá-se andando,
Que aqui por mais esforços que fizer,
Não ha-de achar por certo que roer.

2[illegible] de Junho de [illegible].

A minha Vida Escholastica.

SONETO

Poucos menos de lustros tres contava,
Quando sob a severa disciplina,
Entre a turba escholastico-Latina
Noviço combatente me alistava.

Em tres annos um pouco gaguejava
Nos authores da lingoa Peregrina;
Então passando a mais subtil doutrina
Na Oratoria palestra floreava.

Em fim, deixando o meu Quintiliano
Já na cabeça o Genuense encaixo
Tanto aqui, como ali gastando um anno.

Andei mais dois ao cheiro do despacho,
Sem conseguir se quer um desengano;
E assim vão vinte e hum pela agoa abaixo!

3 de Julho de 18[illegible].

A's Musas.

SONETO

Salve, Nymphas do Pindo, Irmãas formosas,
Que desd'essa remota antiguidade,
Os encantos guardais da fresca idade,
E dos rostos gentis as virgens rosas:

Salve, oh Nimphas, por quem inda famosas,
Escapando á esquecida escuridade,
Vivem na fama, existem na saudade
De Heroes mil as memorias gloriosas.

He vosso trato lenitivo brando
Contra os da sorte barbaros rigores,
Cujas iras vós hides amansando:

Por vós despreza o Sabio os vãos furores
Da magra Inveja, e Fado miserando;
Tanto podeis nos vossos amadores!

4 de Julho de 1821.

BILHETE EM VERSO AO THOMAZ

Bonjour Mr. Thomaz, comment se porte:
Je suis ravi de voir que o seu visage
Dá de bonne santé toda a apparencia:
Moi pour votre service; aqui lhe trago
Mon paquet poetique, que he composto,
D'un rang, ou rango de versinhos soltos,
E d'um Ode; oh que Ode! coisa boa!
Quatorze estrophes tem todas inteiras,
Sem que lhe falte ao menos um só verso:
As sillabas tambem (ou je me trompe)
Não tem falta nenhua, nem sobejo;
Contei-as duas vezes pelos dedos,
Duas vezes me deo a conta certa.
Não arrepare nesta Francezia,
Que c'est l'usage cá da nova escola,
Que se moquant do ranço dos antigos,
Já banirão das suas livrarias
Andrade, Coito, Barros, e Lucena,
Que serião peut être bons Authores,
Se soubessem Francez; se quer dois dedos;
Mas assim fazem dó. Je vous demande
Pardon da secatura; e como finda
Aqui o meu papel, tambem eu findo.

6 de Julho de 1821.

A' sahida do Villela para Coimbra.

ESTANCIAS

1

Villela amigo, quando a Patria deixas
Entre as lagrimas doces da saudade,
He justo que em sentidas, mestas queixas
Desafogue a ternissima Amizade.

2

De nossos olhos corra o pranto em fio,
Que um dos dilectos filhos, que presava,
Vai perder, triste ausencia! o nosso Rio,
Que delle a si mil glorias agoirava.

3

As Musas Fluminenses, que os formosos
Ramos cortavão por c'rcar-te a frente,
Já pela terra os lanção, e os mimosos
Semblantes banhão com seu pranto ardente.

4

Dos amigos a magoa não se pinta,
Porque para a traçar com vivas cores
São fracos os pinceis, he fraca a tinta,
Vão o talento dos subtis Pintores...

5

Mas de que serve neste caso o pranto,
Se para maior gloria nossa, e sua,
Deve este amigo, que choramos tanto
Roubar-se á nossa dor, e pena crua?

6

Se elle, passando os tormentosos mares,
A fonte busca rica em sãas doutrinas,
D'onde venha aditar os Patrios lares
Co'as proficuas sciencias peregrinas?

7

Já do Mondego as Nayades te esperão,
Fora da agoa as cabeças levantando,
Que do Tio, a quem tanto bem quizerão,
Inda a doce memoria está lembrando.

8

O lastimoso choro assim troquemos
Em vivas preces, em ferventes votos,
Com que a furia das ondas abrandemos,
E o rude impulso dos bramantes Notos.

9

O mar em crespas serras todo erguido
Não quebrando com raiva o fragil lenho.
Antes Neptuno de furor despido
Amavel desenrugue o sobrecenho.

10

Sópre somente Zephiro ligeiro,
Que a Nau ás Lusas plagas vá levando,
Onde os poucos do povo Brasileiro
'Stão o Patricio ha muito desejando.

11

Lá nunca da tirana Enfermidade
A dura mão teu debil corpo offenda:
Cruel! que tantos sustos á Amisade
Tem já causado co'a presença horrenda.

12

Então ganhando cada vez mais gloria,
Honra serás da Patria appetecida,
E bemquisto das filhas da Memoria
Dellas receberás eterna vida.

9 de Julho de 1821.

Tendo alguns Estudantes de Philosofia tomado os nomes de varios Philosofos da Grecia.

SONETO

Philosofos illustres; povo honrado,
Que os prazeres da amavel companhia
Entre os doces pasteis, e a gritaria
Neste nosso Liceo tendes gozado:

Vós, que he certo, não tendes folheado
Da Grecia antiga os livros noite, e dia,
Mas ao menos com alta fantasia
Dos authores o nome haveis tomado.

Pois sabei que em vingança a turba Grega
Se prepara no fundo dos abysmos
Para vos atacar com furia cega:

Vêde que nuvem negra de Aphorismos
Já contra vós intrepida se chega!
Ide: ás armas correi dos Sillogismos!

18 de Julho de 1821.

Ao SONETO antecedente respondeo Anaxarco (o Sequeira) com outro, em que desafiava a todos os Philosofos &c.

EPISTOLA

Caro Anaxarco meu, que audacia he esta?
Que intrepido valor, de que blasonas?
Inda o não posso crer! Tu não receias
De mil Gregos Philosofos a furia!
Tu, que na Philosofica palestra
Entrando apenas, mal firmar devias
Os vacillantes pés na fôfa area?
Como assim, rude Athleta, ungido o corpo
Da lustrosa azeitona, os braços mostras
Musculosos, e prontos á peleija?
Ou da Joven idade o fogo ardente
Pelas veias te corre, e á mente esconde
O proximo perigo, que recresce,
Ou... e he natural seja o mais certo
Te entrou o máo espirito no corpo;

Nesse caso tens facil o remedio,
Que o nosso grande P.e Quintanilha
Philosofo, Theologo profundo,
Tomando n'uma mão o bento Hissope,
Tres vezes aspergindo-te com elle,
Te dará pronta cura a mal tamanho.
Mas se não fôr assim lembre-te, amigo,
(E he muito de prezar-se um são conselho)
Que prudencia he melhor que a força rude,
E quem foge do mal segue a virtude.

22 de Julho de 1821.

A uns versos do Thomaz á separação de uma filha da companhia de sua mãi.

Quando nesse tirano apartamento
Terno descreves, pintas com viveza,
Da meiga filha o barbaro tormento,
Geme comtigo á mesma Natureza.

20 de Julho de 1821.

SONETO

Brando sexo aos amores consagrados,
Obra prima das mãos da Natureza,
Que aos attractivos da gentil Belleza,
Os encantos unis de um doce agrado.

Vós que sem duro ferro haveis domado
Dos corações mais brutos, a fereza,
Que fazeis conhecer paixões, fraqueza,
Ao mesmo Sabio de Stoicismo armado.

Vós, que a mansão terrena adornais tanto,
Lindas filhas dos candidos amores,
Da humana especie feiticeiro encanto:

A Sorte manda: oh barbaros rigores!
Vós sois funesta causa de meu pranto;
O motivo cruel de minhas dores.

23 de Julho de 1821.

Aos Portuguezes.

MOTTE

Portuguezes são sempre Portuguezes.

SONETO

Nesse famoso campo, onde primeiro
A Lusa gloria scintillou brilhante,
Um povo livre, um povo triunfante
Affonso acclama intrepido, e guerreiro:

Quer em vão sugeita-los o Estrangeiro;
Que da Patria em ruinas expirante
Confia o Luso o sceptro rutilante
Ao nativo João brioso, e inteiro.

Ah quantos na remota antiguidade
Exemplos déste, ah quantas vezes
De ardente amor da Patria Liberdade!

Mas de antigas proezas não te prezes,
Ellas revivem já na nossa idade!
Portuguezes são sempre Portuguezes!

27 de Julho de 1821.

A' Amizade.

SONETO

Perdendo pela sua iniquidade
Da primeira innocencia o dom Divino,
O homem sobre a terra peregrino
Sem leis vivia já, sem sociedade:

Gemia em luto a pobre Humanidade
Sob influxo de barbaro Destino,
Eis desce ao Mundo malfazejo, indino,
Filha dos Ceos, a candida Amizade

Ella soube ameigar no peito humano
No centro da desgraça a magoa dura
Agro desgosto, desprazer tirano:

Provou o Amigo a taça da amargura
Destinada do Amigo em triste damno,
E o veneno adoçou da Desventura.

31 de Julho de 1821.

A' Melancolia.

ESTANCIAS

1.ª

Da fusca região do escuro Averno,
A turbar a dulcissima alegria,
De innocentes prazeres, veio ao Mundo
O monstro da fatal Melancolia.

2.ª

No seu mirrado, macilento rosto
O pezar, que a devora, está pintado,
Sobre a terra os chorosos olhos fita,
E a cabeça lhe pende para o lado:

3.ª

Immundos trapos d'idiondos aspecto
São do longo esqueleto a vestidura,
Inficiona o ar, por onde passa,
Fetida exhalação da roupa impura.

4.ª

Tristes fantasmas, pallidas figuras
De face carcomida, e negras cores,
Seguem a Furia, e marchão junto della
Perturbados Receios, vãos temores.

5.ª

Os graciosos risos espantados
Da vista de tão funebres semblantes,
As asas despregando, pressurosos
Fogem do rosto, onde habitavão antes.

6.ª

Nos corações a barbara derrama
Funesto influxo de Lethal veneno,
Espremido das plantas empestadas
Que do Inferno vegetão no terreno.

7.ª

Ah miserando o peito, onde lançado
Foi o suco infernal, que ali se entranha!
A furia nelle ceva sem piedade
A insaciavel fome, e horrivel sanha.

8.ª

O tormento de Ticio fabuloso
A que as entranhas roe eterno abutre,
Não, não era em verdade mais pungente
Que nas almas o horror que o Monstro nutre.

9.ª

Ella cruel despotica domina
Com sceptro iniquo de implacavel mando,
E do gosto ás imagens aprasiveis
A difficil entrada está vedando.

10.ª

Em vão pertende o triste, em vão se esforça
Por quebrantar o duro captiveiro
Em vão recorre ao bemfazejo auxiilio
Da leitura, do trato prasenteiro:

11.ª

Se alguns tenues, curtissimos momentos
Já debellada a perfida parece
Com mais ancia, e furor, com forças novas
Outra vez contra o misero recresce.

12.ª

Mesmo agora me déra de repouso
Um breve instante ao coração afflicto,
Um breve instante! Oh Ceos! ei-la que torna,
Torna outra vez ao seu poder maldito!

1 d'Agosto de 1821.

Enviado ao Siqueira, Estudante de Philosofia, em resposta a outro, em que contava a Historia de Cupido.

SONETO

Enganas-te, Siqueira, o tal Cupido,
Filho do Padre Jove Soberano,
Ou da formoza Esposa de Vulcano
A' custa da cabeça do Marido:

Porto que em Paphos, Amathunta, e Gnido
Com rito, e culto barbaro, e profano
Incensos lhe offertasse estulto humano
Um Numen foi phantastico, e fingido.

Amor existe, porem como, e onde?
Não he possivel aos humanos vê-lo,
Que o salteador nos corações se esconde.

Pintarão-o os Poetas meigo, e bello
Porem elle ao retrato não responde,
E infeliz de quem chega a conhece-lo.

17 de Agosto de 1821.

Ao Soberano Congresso Nacional.

SONETO

Oh digna escolha da Nação preclara,
Que pelos Mundos dois seu nome estende,
De quem Europa com espanto aprende
Quanto amar deve a Liberdade cara:

Vós, cujo alto saber, prudencia rara
Do povo aos males de continuo attende;
Vós, cujo zelo os foros nos defende,
E o grande Codigo á Nação prepara:

Honra, gloria da gente Portugueza,
Sublimes Pais do Lusitano estado
Da Patria propugnaculo, e defeza:

Olhai, vede, oh magnanimo Senado,
Como tem sobre vós na immensa empreza
Os olhos o Universo inda assombrado.

21 de Agosto de 1821.

Ao Sr. Manoel Fernandes Thomaz.

SONETO

Filhos, meus caros filhos, Lisia afflicta
Com lastimosos ais assim clamava:
Geme em cadeas vossa Mãe escrava,
E não tem quem lhe valha em tal desdita!

A' sua voz um coração se agita,
Coração Portuguez, que inda restava,
Elle desperta da preguiça ignava
Mil fieis Cidadãos, elle os excita:

Ah quantos e gravissimos perigos
Não correo pela Patria sem receio,
Quasi entre as garras já dos inimigos!

Ergue-te, oh Lisia, o filho do teu seio
Colloca a par de teus Heroes antigos,
E fique de seu nome o Mundo cheio!

23 de Agosto de 1821.

A' gloriosa Regeneração Nacional.

SONETO

De Lisia o Genio em gloria assignalado,
Vencedor de mil bellicas phalanges,
Senhor de quanto largamente abranges,
Oh vastissimo Atlantico afamado:

E inda das verdes palmas adornado,
Que junto ás marges do espantoso Ganges,
Entre nuvens de settas, e de alfanges
Co'a triunfante mão tinha cortado:

Ora em lethargo estupido jazia,
Seus roxeados pulsos apertando
Vergonhosos grilhões da Tirania!

Acordou finalmente e já mostrando
Quebradas as prisões, os Lusos guia
Da Liberdade ao Templo venerando.

1 de Setembro de 1821.

A' entrada de S. Magestade nas Cortes, e Juramento ali prestado.

SONETO

Com rosto affavel, gesto prasenteiro
Lá vai das Côrtes no Salão entrando,
Do Luso Estado o Chefe Venerando
Dos Cidadãos o Cidadão primeiro:

Heroes! grande Thomaz, grande Carneiro:
Nomes que vai a Fama eternizando!
Caminhão junto delle, e resoando
Acclamações estão de um povo inteiro.

Sobre o livro da lei fiel thesoiro
O Rei jurou sagrado cumprimento
Ao voto universal; oh fausto agoiro!

E já cortando as regiões do Vento
O Genio da Nação nas asas d'oiro
Leva aos Céos o solemne juramento.

20 de Setembro de 1821.

Ao Brasil.

SONETO

Minha Patria, oh Brasil! tua grandeza
Por legoas mil immensa se dilata
Do Amasonas caudoso ao rico Prata,
Os dois irmãos sem par na redondeza:

Das tuas serranias na aspereza,
Na fechada extensão da intensa matta,
No solo prenhe d'oiro se recata
Tosca sim, mas sublime a Natureza:

Da antiga Europa os dons em ti derrama
Junto dos mares a civil cultura,
Que das artes, e Industria os fructos ama:

De teus filhos o amor mil bens te augura,
E aos lares teus a Liberdade chama:
Não: não tens que invejar maior ventura.

17 de Outubro de 1821.

A' Liberdade.

ESTANCIAS

1.ª

Em vão continuo por erguer forceja
A atroz cabeça o Despotismo horrendo,
Na furiosa, barbara peleja
O corpo pela terra revolvendo,
Que a Liberdade co'a terrivel planta
Firme lhe calca a horrida garganta.

2.ª

Nympha gentil! a sua formosura
De estranhos atavios não se arrêa,
O fulgente esplendor da face pura
Logo as almas cativas, e senhorea,
No porte seu a Magestade brilha,
Que a soberba dos Satrapas humilha.

3.ª

As soltas roupas que dos hombros descem
Mais brancas, do que a neve cristalina,
Dos membros nunca o movimento empecem,
Nem do corpo a presteza peregrina:
Em sua mão; terror da grey malvada
Reluz tremenda a vingadora espada.

4.ª

Vê-a a belingue, perfida cohorte,
E a salvação já busca na fugida,
Julgando achar a cada passo a morte,
Ou dos crimes a pena merecida;
E inda o pavido medo não minóra
Dentro da escuridade protectora.

5.ª

Que grandes feitos, assombroso espanto
Do attonito Universo a Deoza inspira!
Dos corações magnanimos encanto,
Ella os accende em formidavel ira,
Quando infames grilhões lançar-lhe intenta
Soberbo Orgulho, ou Ambição sedenta.

6.ª

As planicies enchendo, enchendo os montes
Já no Peloponesso se avisinha
A multidão, que encobre os Horisontes:
Xerxes á sua frente, Xerxes vinha,
A quem lembrar não póde que se opponha
O valor Grego a força tão medonha.

7.ª

Barbaro! que não sabe quaes perigos
Audaz arrosta um peito generoso!
Só trezentos da gloria, e Patria amigos
Fazem tremer o Persa presumpçoso,
Caras vendendo as denodadas vidas
Ao exemplo do bravo Leonidas.

8.ª

Então a Grecia, abandonando os lares,
Para fugir da escravidão nefanda
Vão tentar a fortuna sobre os mares:
De Salamina a fama veneranda
Dura inda hoje com pregão seguro,
Atravessando as sombras do futuro.

9.ª

Porém acaso irei da Argiva Historia
Revolver a esquecida antiguidade?
Lisia, Lisia, tambem de immensa gloria
Se cobrio, defendendo a Liberdade:
O valoroso Castelhano o diga,
E do filho de Agar a gente imiga.

10.ª

Portugal das facções infeliz preza
Via as hostes innumeras Hispanas
Talar seus lindos campos sem defeza:
As Quinas de victorias sempre ufanas
Ante os Leões já timidas fugião,
E cortadas de medo se escondião.

11.ª

Eis que da Liberdade a voz as chama
E, o valente João á testa sua,
Pelos poucos soldados se derrama
Desprezo vencedor da morte crua:
No imigo sangue o Luso a espada embota
Nos campos da famosa Aljubarrota.

12.ª

Aos olhos meus que scena variada
De brilhantes triunfos não offerece
O nome Lusitano! ali armada
A Nympha nos combates apparece...
Sempre porem guerreira, has de mostrar-te
Entre os horrores do irascivel Marte?

13.ª

Não; que já vejo resurgir do Doiro,
Pintada a paz no seu gentil semblante,
Aos turbados humanos fausto agoiro
Toda formosa a Deoza, e fulgurante:
O Tejo corre rapido a encontrá-la;
Que em solicito zelo o Doiro iguala.

14.ª

Já de Marte cruel depondo a lança,
Dirige a Deoza o Nacional Congresso,
Que péza na Politica balança
Dos interesses publicos o preço,
Ou que fulmina com a mão segura
Fantasmas da cubiça, e da impostura.

15.ª

Tu hoje, oh Liberdade és tu que imperas
Nos Brasileiros generosos peitos,
Tu farás que se veja em nossas eras
A lembrança esquecer de antigos feitos,
E dos recentes o esplendor preclaro
Ha-de a furia vencer do Tempo avaro.

16.ª

Tremei, sectarios vis do Despotismo,
Olhai; o monstro moribundo arqueja,
E já sob os seus pés o horrendo abismo
A boca abrindo turbido negreja,
Que vai tragar no Barathro profundo
Do mal o Genio, que empestava o Mundo.

21 de Outubro de 1821.

Ao Thomaz p.r motivo de se demorar sempre no Seminario, e não vir comigo depois de acabada a Aula de Inglez.

EPISTOLA

O Thomaz! o Thomaz! que será feito
Deste rico Thomaz dos meus peccados?
Bem cheio de cuidados
Me traz o maganão por seu respeito:
A ver se lhe acho um geito,
Com que venha na minha companhia
Dez minutos ao menos cada dia
Ou seja solto, ou prezo:
Pois olhe que eu sou tezo
E se me incita levo pronto um laço,
Ao pescoço lh'o lanço sem demora,
E assim o vou puchando para fóra...
Mas por essa maneira nada faço;
O rapaz é valente,
E se revira o dente
Temos perdida toda a diligencia:
O que fazer então?
Vou logo direitinho á Conceição
Ter com sua Excellencia,
E ali feita a devida reverencia,
Em respeitoso tom assim lhe digo:
Senhor tenho um amigo
Que aqui na caza Episcopal se emprega

E he o ingrato maior, que as Aulas chega:
Elle Thomaz por nome se intitula
A quem toda a matula
Da escholastica raça chalacenta
Tanto preza; que são mais de quarenta
Mais a mim, mais a mim
Venha cá, venha cá, Sr. Thomaz:
De sorte que o rapaz
(Isto he timtim contar-lhe por timtim
Tudo que lá se passa) prezo fica,
E comigo não vem; assim supplica
E muito humildemente
Esse seu Diocesano aqui presente
Que uma ordem mui rigida se passe
Por onde se embarace
Aos ditos supplicados que o detenhão
Por capciosos meios,
Ou por quaesquer politicos rodeios.
E sempre juntos venhão
O sobredito Reo, e mais o Author
Ao menos té ao canto do Ouvidor,
Pede que um bom despacho se lhe dê
Como espera, e

R. Mercê.

23 de Outubro de [illegible]

A' morte do Bispo de Elvas.

SONETO

Morreo Coitinho ! o varão sabio, e forte,
O incansavel Prelado, e virtuoso,
Da cara Patria o campeão zeloso
Já não existe mais: roubou-o a morte:

Sem tregoa combater foi sua sorte
Contra o da Inveja monstro venenoso:
O amor da lei, e do natal saudoso
Das brilhantes acções foi sempre o Norte.

Dos conterraneos seus a voz o chama
Para o jus defender dos patrios lares;
E já clarim sonoro emboca a Fama:

Eis: oh inutil dor ! oh vãos pezares !
Quando em zelo fervente mais se inflama,
Acaba ! expira ! Oh patria erguei-lhe altares.

30 de Outubro de 1821

A' Homilia do Bispo do Pará.

EPIGRAMMA

Certo Prelado em solida homilia,
Chorando destes tempos a desgraça
Depois de maldizer a humana raça
N'um lamentavel tom assim dizia:
Senhores, este Mundo está perdido
Com tantas perigosas novidades,
Por Soberano o povo quer ser tido,
E perde-se o respeito ás Magestades:
Tem-se mesmo chegado a tanto extremo
Que já chamão a Deos... Ente Supremo!

3 de Novembro de 1821.

A' mania dos papeis politicos.

SONETO

Assim, amigo assim; 'nessa canalha
Nesses vis, nesses cães: raça corcunda!
Gritava accaso o Mestre Barafunda,
Uns queixos n'uma mão, n'outra a navalha:

Sr. Mestre! Ora o Demo que lhe valha,
Clama o freguez; que cóva! arre tão funda!
E já de sangue a barba se lhe innunda
Que em grossas gotas cahe sobre a toalha.

Perdôe-me por quem he Senhor visinho:
'Stava fóra de mim! forte fracasso!
Civil lhe torna o nosso Barbeirinho:

Mas olhe, attenda; espere-me um pedaço,
Porque o resto hei de ouvir do papelinho,
E a barba a sangue frio então lhe faço.

3 de Novembro de 1821.

A's futuras Conclusões Philosoficas.

SONETO

Já vejo vir-se o dia aproximando,
Em que hão de apparecer na fôfa arêa
Os bravos combatentes, que alardêa
O Episcopal Collegio venerando:

Já dos Capotes o temivel bando
Por toda a parte os Campeões rodea,
E nos chochos dicterios se recrea,
Que os conscriptos Patratos vão soltando.

Lá com rostos estão de Anachoretas
Os valentões; e rosnão os rapazes
(Roxas batinas, e casacas pretas)

Porém calem-se ahi linguas maldozas,
Que são esses fortissimos Athletas
O Candido, o Martins, e os dois Thomazes.

16 de Novembro de 1821.

A's barbas do Motta.

DECIMA

Senhor Motta, então que fez
Dos bigodes, que trazia,
Com os quaes me parecia
Mais Moiro, que Portuguez:
Os Barbeiros desta vez
Tiverão boa assadura,
A doblinha foi segura
(Que eu já sei) pela Patente
E deo de mais ao servente
Cinco réis de molhadura.

16 de Novembro de 1821.

Ao mesmo assumpto.

VERSOS

Onde as barbas estão do nosso Motta
Que uma fechada mata pareciāo ?
Foram talhadas, postas em derrota
Porque a grandes excessos se atreviāo:
Ellas a luz do Sol tapar quizerão
Com arrogante insolita ousadia
E entrelaçando os ramos pertenderão
Roubar ás Regiões beiçaes o dia.
Insolentes que são ! Mas em castigo
Do seu atrevimento, na poeira
Jazem hoje do esquecimento imigo:
Quanto sangue na guerra carniceira
Em fio não correo ! Inda a navalha
Rubra recorda a horrida batalha !

16 de Novembro de 1821.

Ao Sequeira — p.r occasião das Conclusões Philosoficas no Seminario de S. Jozé.

SONETO

Quando, Sequeira meu, quando te via
Apertado na asperrima tortura;
No meio da anciedade, e da amargura
O sangue se me gela, o rosto enfia:

Mas apenas fallaste; a luz do Dia,
Depois da pavorosa noite escura,
Não tem para os mortaes tanta doçura,
Quanta ao meu coração déste alegria.

Os rijos golpes no cobate rudo
Com quanto esforço, com destreza quanta
Tu não pairavas no valente escudo:

Vendo em taes annos fortaleza tanta,
Filha só de exercicio, e longo estudo,
De pedra mostra ser quem não se espanta.

6 de Dezembro de 1821.

Na boca de hu' Official da Tropa Auxiliadora.

SONETO

Muito me cabe no goto esta insolencia,
Com que a raça Simoa grita, e ralha,
Isto quando somente se trabalha
Para dar-lhes de gente uma apparencia:

Ora vejão a grande irreverencia
De mandar gente branca que lhes valha!
Vis escravos! Estupida canalha,
Que não querem senão a Independencia.

Já lhes foi concedida a excelsa graça
De entrarem na familia Portugueza;
Não sei o que mais querem que se faça:

Culpa tem quem não sabe a natureza
Desta corja, que a páo he que se amassa; (1)
Tropa, e mais tropa, e tirem-lhe a riqueza.

10 de Dezembro de 1821.

Ao Bachá Luiz do Rego por occasião da sua sahida da Cidade de Pernambuco.

SONETO

Esse tigre; esse monstro, que innundava
De humano sangue Olinda infortunosa,
Que de carnagem feia, e pavorosa
O barbaro furor nunca fartava:

Zombando impune da Justiça ignava
Lá vai surcando a Região nudosa;
Seguem-o as maldições de triste Espoza,
De infeliz Pai, que em pranto o rosto lava.

A vós tocára, oh furibundos Ventos,
Purgar do Verres novo a terra afflicta,
Horror até dos mesmos Elementos:

Mas se em seu peito um coração habita,
Do remorso abandone-se aos tormentos,
Furias entrai-lhe n'alma atroz, maldita.

10 de Dezembro de 18[illegible]1.

---

(1) *Esta cambada [illegible] ha se a páo* — fraze favorita.

A's Conclusões, que optimamente defendeu o meu amigo Thomaz Gomes dos Santos.

EPISTOLA

Brilhaste; não tem duvida nenhu'a,
Brilhaste, meu Thomaz, e que outra coisa
Se devia esperar de teus talentos?
Nem o Congresso abastecido e pleno
Nem dos Padres conscriptos a presença
Pôde o medo incutir no teu semblante.
Com quanto sangue frio, e graça quanta
Não dissolveste as duvidas fallazes,
Que sophisma subtil occulta aos olhos!
Instruidos nos conditos arcanos
Da bella, Philosofica sciencia;
A' aguda perspicacia de teu genio,
Qual raio que transmitte o Pai das luzes
Fazia ver, desvanecendo as sombras
O erro, que de trevas se reveste.
Não menos digno de louvor preclaro,
Se percorres da Historia o Campo ameno
Na variada noção, selecta phraze
De erudita lição mostraste os fructos:
E ou narrasses os ritos, e costumes
Da sabia Grecia, e Lacio memorando,
Ou transcendendo ás regiões do Dia
Explicasses de Brama o Culto antigo
Sempre, sempre corria de teus labios
Do gosto, e da razão linguagem pura.
Sim: de doce prazer encheste o peito
Do sollicito amigo, que prestava
Ouvido esperançoso ás vozes tuas.
Se em minh'alma tivesse entrada, ou mando
De triste aspecto a macilenta Inveja,
Que dor o coração me não pungira.
Os olhos sobre ti fitavão todos,
Olhos, aonde a approvação se pinta,
Onde se pinta o pasmo; que em taes annos
Quem cuidaria achar sciencia tanta?
Quem do nascente arbusto esperaria
Colher já doces, sazonados pomos?
Ou ver hu' joven Campeão na arêa,
E destinado ao desigual certame
Nelle ganhar as palmas da Victoria?
Prosegue, Amigo, na formosa estrada,
Que, se espinhos produz, tambem tem flores,
Na estrada, que direito ao templo guia,
Onde a Gloria recebe incensos, culto:
Prosegue, caro Amigo, ah não recêes

Mal pagadas fadigas afanosas,
Ingratidão, hypocrito Ciume
De espirito apoucado, que cercea
Merito estranho, que igualar não póde.
Monstros sanhudos, enraivadas serpes
Não te amedrentem; sabe um peito forte
Zombar constante dos malignos tramas
Da negra Inveja, e até da Sorte infausta
Mesquinha lei, revezes não abatem
Um'alma nobre, a quem o amor do estudo
Eleva acima de quanto he terreno.
A Patria, que amas tanto, já te acena
Que não pares ahi; que a longes Climas,
Atravessando os Neptuninos Campos
Vás roubar o deposito sagrado
De uteis sciencias, que ao nativo seio
Deves trazer depois: as lindas c'roas
De flores odoriferas, e bellas
Do Rio as Nymphas já contentes tecem
Para o filho mimoso, e o nosso Velho,
Que por ti immortal seu nome espera,
Um futuro gentil tambem te agoira.

14 de Dezembro de 18.1.

Ao Jornal intitulado—*Astro da Lusitania*—:
que mostrava então defender os direitos do Brasil.

SONETO

Salve, de immensa luz Astro brilhante,
Que as condensadas trevas afugentas;
Tu, que dos raios teus a força augmentas
Lá de tão longe no torrão distante:

Na pomposa carreira, e fulgurante
Té no Brazil aos olhos aprezentas
Esse, com que os Tiranos amedrentas,
Magestoso, lucifero semblante.

Foi nestas regiões Americanas
Que dos Astros, o Pai altares teve
Entre as simplices gentes Indianas:

Eia; nos nossos peitos se te eleve
Culto mais puro em aras não profanas,
Seja grato o Brazil ao que te deve.

16 de Dezembro de 1821.

A' remessa de Tropas para o Brazil.

SONETO

Surgindo de entre o pó da sepultura
Do famoso Cabral a sombra irada,
De Luso ao povo fortemente brada,
Formidavel no aspecto, e na figura.

Que he isto? que delirio ou que loucura
Vos tem do entendimento a luz roubada ?
A terra Santa Cruz contais em nada,
Ou julgais que com ferros se segura?

Portuguezes vós sois? E Portuguezes
Vossos irmãos não são? Já não provárão
Sua bravura Gallos; e Hollandezes?

Ah ! que elles quando a Patria libertárão
De estranho, ou proprio jugo tantas vezes
Para novos grilhões a não guardárão.

8 de Fevereiro de 1822.

Ao bravo General Carretti

SONETO

Neptuno, cujo imperio em guerra ardia,
Que mil rebeldes rios lhe formavão,
Vendo que os inimigos triunfavão,
E vacillante o throno seu tremia:

E como pela fama já sabia
Onde Heróes mil impavidos moravão,
Por trazer um dentre os que mais brilhavão
O famoso Tritão seu filho envia.

Sobre as margens ao Norte do Janeiro
Deo a sua embaixada o rapazinho;
E o Carretti escolheo por mais guerreiro.

Eis pronto pelo madido caminho
Dos peixes arrostando o povo inteiro
Entra no Reino d'agoa o Rei do vinho.

15 de Fevereiro de 1822.

A' sahida da Divisão Auxiliadora.

SONETO

Com as proas cortando o salso argento
Já lá vão os Baixeis, em si levando
Longe das margens do Janeiro brando
O barbaro esquadrão sanguisedento:

Com gritos de alegria cento e cento
Estão o caso as Nymphas festejando,
E até do Rio o Numen venerando
Desenruga o semblante truculento.

A amavel Liberdade linda, e pura,
Que de infames grilhões se receava,
Mostra sem medo a tão gentil figura.

Que fugiu a phalange, que intentava
Armada da perfidia, e da impostura
Fazer a Brazileira gente escrava.

[illegible] de Fevereiro de 1822.

A' perfidia de Portugal.

SONETO

Brazil da Natureza encanto, amores
Do Despotismo o jugo mal soffrendo
Vio que lhe estava os braços estendendo
Lisia livre dos ferros oppressores.

Eu quero unir-me com prizões de flores
Ao meu querido Irmão; eu só pertendo
Mutua ventura: Lisia assim dizendo,
Cahe o Brazil nos braços seus traidores.

Então depondo a perfida brandura
Ella lhe lança os ferros deshumanos
E só de escravisa-lo trata, e cura.

Mas; conhecendo os conditos enganos
Do somno da lethargica doçura
O Brazil acordou: tremei Tiranos.

22 de Fevereiro de 1822.

A' desgraçada catastrophe da Bahia nos dias 19, e 20 de Fevereiro de 1822.

ESTANCIAS

1.ª

Eis os fructos do perfido presente,
Que ao sincero Brazil Europa envia,
Ei-lo lá corre o sangue Americano
Nas ermas ruas da infeliz Bahia.

2.ª

A Matrona Gentil, que ergueo primeiro
Da Liberdade o grito, as roupas veste
Da tristeza, do luto, e da ignominia;
Da mais cega adhesão o premio he este!

3.ª

Mãos assassinas, Monstros inhumanos
Em troco da Amizade hospitaleira
Em o sangue de irmãos o ferro ensopão:
Oh scena digna do cruel Madeira !

4.ª

O rival de Avillez, rival de Rego,
Da ambição e das furias escoltado
Dirige, ordena a barbara matança,
Atiça a raiva do brutal Soldado.

5.ª

Nem as cans venerandas da velhice,
Nem o sagrado asilo dos Conventos
Ao furor deshumano impõe limites
Destes fardados Tigres famulentos.

6.ª

Do Eterno a Esposa, victima innocente,
Aos golpes cahe dos Lobos humanados,
Aos Ceos o puro sangue se levanta
A vindicta pedindo a grandes brados.

7.ª

A habitação do Cidadão tranquillo
He da avidez avara infeliz presa:
Dentro das portas e do lar Paterno
Já não póde o pudor achar defesa.

8.ª

Então deixando os bens, e a Patria cara
A' morte foge a inerme gente afflicta,
Morna tristeza em torno se derrama,
Que o silencio dos tumulos imita.

9.ª

Duras cadeas, e grilhões pezados
Da misera Cidade os pulsos prendem,
Seus filhos foragidos, ou captivos
Para o Ceo as mãos supplices estendem.

10.ª

São estas as promessas ? As palavras
Todas prenhes de conditos enganos ?
He esta a Liberdade ? A Liberdade
He nome vão na boca dos Tiranos.

11.ª

Se livre nos quereis para que vindes
Trazer ferro aggressor aos nossos lares ?
Livres seremos, quando por barreira
Haja entre nós a vastidão dos Mares.

12.ª

Triunfastes, crueis, surri de gosto
Vendo a scena da horrida matança;
Mas dos máos o triunfo é sempre breve,
Já se avisinha o dia da Vingança.

20 de Abril de 1822.

Hindo S. A. R. á Provincia de Minas.

SONETO

Erguei, bravos Mineiros, sem receio
Do jugo da oppressão a cerviz dura,
Erguei, que a Liberdade vos segura
Quem de seus povos vai lançar-se em meio:

As riquezas, que encerra o vosso seio,
Oh aureas Minas, elle não procura;
Aos monstros da cobiça, e da impostura
O Regente foi pôr limite, e freio.

Mal apparece o Iris da Bonança,
Logo o Sol refulgio da Liberdade,
Que a terrivel tormenta ao longe lança:

Tremeo no throno, ao vê-lo, a vil Maldade,
Já não lhe resta ao menos a esperança:
Ditoso agoiro da futura idade!

23 de Abril de 1822.

A' chegada de S. A. R. que regressava de Minas.

SONETO

Exulta Nictheroy, que neste dia
Tendo passado inhospitos lugares,
Qual o Genio da Paz entra em teus lares
O vencedor dos monstros da Anarchia.

Hoje teus filhos com gentil porfia
Da pura gratidão sobre os altares,
Incensos queimem, e subindo aos ares
Vão entoados cantos de alegria.

Teção-lhe as c'roas de virentes loiros
As bellas filhas da immortal Memoria
Franqueando-lhe o Pindo os seus thesoiros:

E rodeado de fulgente gloria
Passe o seu nome aos seculos vindoiros
Nas indeleveis paginas da Historia.

26 de Abril de 1822.

Consolação aos pés de Chumbo.

SONETO

Foi-se o Carretti, foi-se o Avillez
Sem resistencia, tudo em santa paz:
E o outro mais ladino capataz
Tambem ás trancas deo dentro d'um mez.

Amigos Pés de chumbo, desta vez
Vão as coisas correndo muito más:
Brilhou por essas Minas o rapaz,
E tudo quanto quiz por lá se fez.

Por ora he não dizer nem chus, nem bus;
Deixa-los: essa corja de servis,
Que fogem da verdade á santa luz!

Que não tardão (he certo o que se diz),
Cem mil bravos, que o Rego aqui conduz
A açoitar os Macacos do Paiz.

6 de Maio de 1822.

SONETO

Amor cançado de ferir meu peito
Com tiros mil, que ervados lhe lançava,
Por tomar folgo um pouco repousava,
Das antigas proezas satisfeito.

Era de molle relva o brando leito,
Onde o pequeno corpo reclinava:
Longe delle seu arco, e sua aljava,
Como se mal nenhum tivesse feito.

Eu, que dormindo encontro o Deos Tyrano,
Agora sim; as settas quebro, e pizo,
Eis surge Amor sorrindo, e todo ufano.

E assim me diz: Vai triste, e sem juizo:
Viste de Isbella o rosto sobrehumano,
E julgas que outras armas eu preciso ?

27 de Maio de 1822.

Proclamação aos Povos do Brazil, depois do requerimento da Camara em 23 de Maio, e resposta de S. A. R.

Brasileiros, então que vos demora ?
Da Santa Liberdade a voz vos chama,
E a quebrar as cadeas vos convida !
Não essa Liberdade, que impostora,
Quando o Brasil os braços lhe estendia
Com pura singeleza; iniquos ferros,
Que da negra perfidia a Mão forjara,
Hia lançar nos generosos pulsos.
A mascara cahio: vio-se o semblante,
Era do Despotismo a face antiga !
A Patria nos acena: eia, seus filhos,
Vós todos, que habitais do Norte ao Austro
A vasta Região, que a Natureza,
Entre os Rios assombro do Universo
De uma peça inteiriça fabricára:
Eia, vós todos, o momento he este:
De vossos corações, de vossos braços
Cingi-lhe em torno o formidavel muro:
Filhos da Mai commum, que mais s'espera ?
Brasileiros não sois ? A mesma injuria,
Que o brio nos ferio, tambem vos fere.
Os nossos passos o inimigo espreita,
Que intenta dividindo alçar triunfos.
União ! União ! Deixai que ronquem
Ferozes gritos de impotente raiva!
Fujão longe de nós os quaes perturbão
Com seu bafo pestifero estes climas,
Que a paz quiz escolher para morada.
Que tendes a temer ? Que mais não busque
Vossos portos as quilhas encurvadas,
A quem o Genio do Commercio guia.
As varias producções do vosso solo
São firmes fiadores: crescem nelle
As essencias da Arabia: as ricas drogas
Ardentes do calor da tocha Eoa,
E os dons Occidentaes da flava Ceres,
Do novo Mundo aos vegetaes reune.
Exercitos temeis ? Da terra o seio
Oiro só não produz, tambem tem ferro.
Com commodos iguaes, iguaes direitos
Só justas leis, reciproca equidade

A' velha Europa deverão prender-nos.
Mas se intentão com ferros oppressores
Sugeitar nossos animos briosos,
Livres nós somos; morreremos livres.
Grande, forte o Brazil, qual he se ostente,
Conheça Portugal, quando lhe escapa
Das cubiçosas mãos, tudo o que perde.
    Quem a voz vos detem ? Olhai, Provincias,
Olhai a vossa irmãa ! Nos ferros presa
Tinta no sangue dos queridos filhos
Aos Ceos nem ousa levantar seus olhos.
Jaz escrava a Princeza das Cidades ?
Ao estrondo das armas assassinas
As brancas asas desprendendo ao vento
Timida a Paz fugiu ! A mesma sorte,
Se do somno lethargico não surges,
A mesma sorte te esperava, oh Rio
Mas quanto póde um generoso esforço !
Quanto póde de um Principe a Presença
De um povo livre o Defensor, e o Chefe !
Eis posta em fuga a perfida phalange
Por entre as ondas de Neptuno irado
Vão em Lisia esconder sua vergonha.
    Hoje da Paz, da Liberdade o Templo
Do Monarcha, e da Lei sobre as columnas
Aqui patricios meus, aqui se eleva.
Já da calumnia os tramas impostores,
Frageis tecidos da infiel mentira
Mão Tutelar cortou: já temos livres !
Medonho Despotismo os nossos lares
Deixou por uma vez; seu torpe vulto
Não ha de encher de susto as nossas plagas.
Filhos da terra de Cabral; vós todos
Do Amasonas ao Prata: a vis suspeitas
Fechai nos vossos animos a entrada.
Da Patria os vigilantes sentinellas,
Depositarios da vontade vossa
Enviai para nós: venhão de perto
Ser no peito do Heroe da nossa idade
De uma alma franca os livres sentimentos.
    Leis para nós, por nós queremos feitas,
Que a futura grandeza nos preparem.
Já não mais precisamos de Senhores,
Que desde alem do Atlantico nos mandem
Leis, Despotas, e ferros: eia acabem
Da triste escravidão os grandes annos:

O momento chegou, que te guardavão
Aurifero Brazil os teus destinos,
Momento que tres seculos formarão:
Sóbe; e não temas: pavidos temores,
Espectros de receio, que esvoação
Ante a presença tua ao longe arreda.
A mesma Natureza te fez grande,
E as serpes agitando a negra Inveja,
Por mais que enraivecida se remorda,
Poder não tem de te tornar pequeno.

28 de Maio de 1822.

Por occasião do Decreto de 3 de Junho.

SONETO

Ardendo pela Patria em viva chamma
Da Pensilvania o filho generoso,
Corre, voa, atravessa o Campo undoso,
E do oppresso natal o jus reclama:

A' sua voz que a Liberdade inflam'a
O jugo estala ignobil, e affrontoso,
Eis de Franklin fulgente e glorioso
O nome leva aos Posteros a Fama.

Prodigio inda maior te coube em sorte
Do novo Mundo oh mais feliz metade;
Cede por tanto a America do Norte:

Que um Principe, escutai Posteridade!
Calcando os prejuizos, sabio, e forte,
Foi quem deo ao Brazil a Liberdade.

15 de Junho de 1822.

Proclamando-se em Pernambuco a Regencia de S. A. R.

SONETO

Parabens! Parabens! Nos nossos braços
Das suspeitas rompendo a nevoa escura,
Já Pernambuco os seus irmãos procura:
Da Patria ardente amor lhe guia os passos.

Do Paiz, e do sangue em ternos laços
Branda nos quiz prender a Mãi Natura:
Debalde Machiavelica Impostura
Dividir-nos tentou em mil pedaços.

Parabens! Parabens! Provincia bella,
Risonha habitação da Liberdade,
Ao turbado Brazil do Norte estrella!

Brilhe em nós um desejo, uma vontade!
A cara Patria ver-nos sempre anhela
Em vinculos eternos d'Irmandade.

21 de Junho de 1822.

Para se recitar a S. A. R. na occasião em que elle havia de hir á Caza dos Expostos da Mizericordia.

ELOGIO

Não he, Senhor, no meio dos Combates,
Sanguinosos tropheos aos pés calcando,
Não por entre mil victimas votadas
A vil capricho, ou ambição sedenta,
Que um Principe de grande alcance o nome.
Outra mais bella, mais risonha estrada
Da Gloria rutilante ao Templo guia:
Estrada, que pizou na antiga Roma
O bom Tito, as delicias do Universo;
Beneficencia lhe marcava os passos,
E a escuridão dos seculos rompendo
Vivos chegárão até nós seus feitos.
Vós Princepe excellente igual carreira
Seguido haveis na flor de jovens annos.
Impostora Lisonja não vos falla
Roupas vestindo de emprestadas cores:
Do ouropel deslumbrado das riquezas
Ella dos Grandes o Palacio habita,
Mas não busca dos Pobres a Morada.

Hoje, Senhor, no Dia, em que quizestes
Honrar o franco asilo da Desgraça
Novo juntando a antigos beneficios,
A pura Gratidão vos rende os cultos:
A' sua terna voz prestai-lhe ouvidos.
Estes Meninos; tenros infelizes
A quem faltou desde os primeiros annos
O que aos brutos concede a Natureza;
Que as caricias do Pai, da Mãi caricias
Não poderão gostar; que abrindo ao Mundo
Os innocentes olhos, nem encontrão
Aquella, que lhes dera o ser, e a vida,
Hum Pai, hum Protector em vós reclamão,
Hum Pai, hum Protector em vós possuem.
Da vossa Mão benefica os favores
Tem já sentido: vive nos seus peitos
Nos peitos infantis, que inda não sabem
Sentimentos fingir: vive a ternura
Doce, grata lembrança do que devem;
E as tenues expressões unindo ao grito,
Que do Brazil pela extensão resoa
O Bemfazejo Pedro hoje saudão:
Pedro, Prole Real, que a nossas Praias
Em venturoso instante os Ceos mandárão:
Pedro, que quando o barbaro Decreto
Por fraudulenta, imiga mão lavrado
Hia lançar no horror da Civil guerra
Da vasta Santa Cruz as ricas plagas,
Foi Anjo Salvador, Propicio Nume,
Iris da Paz, que as trevas afugenta:
Pedro, onde o desvalido encontra abrigo
Contra os duros vaivens da instavel Sorte:
Pedro... ah Senhor! nos vossos elogios
Quem não tomará parte! Estes pequenos
Tem para vos louvar muito direito:
Vós sois no Mundo o seu mais firme amparo,
He debaixo das asas protectoras
De vossos beneficios, que elles crescem,
Quaes á sombra d'uma arvore frondosa
Que os seus ramos estende, as frageis plantas.
Perdoai pois se hoje em seu nome ousamos
Proferir ante Vós o que hão de um dia
Ler com espanto os posteros na Historia.
Em vós, Senhor, as nossas esperanças
Achão seguro Porto: os nossos votos
Benigno acolhimento: um povo inteiro
Obra vossa publica a vossa gloria.
A par de vós dos Cezares a filha
E das virtudes de Thereza herdeira
Dos infelizes Mãi tambem se mostra.

Quanto o Brazil á Providencia deve,
Que prodiga dos bens, que a mil negára
Almas tão bellas fez brilhar no Solio!
Que dita para as victimas infaustas
Da Pobreza, e Desgraça: elles já sabem
Donde o soccorro, e protecção lhes venha.
No pobre leito isentos de cuidados,
Longe do susto dormirão contentes.
Estes, que tem colhido os dons que espalha
Vossa Mão liberal, aos Ceos envião
Por Vós humildes supplicas, que sóbem
Sobre as asas dos Anjos Tutelares;
E se a voz da Innocencia os Céos escutão
Com distincto favor, as preces suas
Serão do vosso Throno o firme esteio:
O Illustre Fundador do Novo Imperio
Hirá com elle da Grandeza ao cume,
Inveja das Nações, do Mundo Inveja.
E seu Nome immortal por longas eras
Entre os titulos mil, que em folhas d'oiro
Insculpidos serão, terá por timbre —
— Pedro, da Patria o Salvador preclaro
— Foi dos Expostos Pai, foi Pai dos Pobres. —

30 de Junho de 1822.

Aos Jornalistas.

EPIGRAMMA

Os antigos prodigios
De encanecidos seculos tornárão
Volverão os prestigios,
Com que as velhas avós nos embalárão.
Nós não vemos hum homem
Por conjuros mudar-se
Em cavallo, ou medonho lobishomem,
Mas cavallos em homens tranformar-se.
Quem juntar duas phrases não sabia,
E um livro nunca leo de cabo a rabo
Tentado do Diabo
A escrever quatro letras principia:
Ao bem publico, diz o novo Author,
E seja como for,
A minha livre penna se consagre,
Ei-lo que o povo instrue, que julga os Reis
Dos bons oitenta réis,
E santo amor da Patria oh que Milagre!

9 de Julho de 1822.

A' expedição, que sahio para a Bahia.

SONETO

Do Oceano Brasilico entre os mares
Pelas agoas abrindo a longa esteira
Pouca, mas brava gente Brasileira
Navega, e busca da Bahia os lares:

Inda em throno de horror nesses logares
Tirano impera o barbaro Madeira:
Mas a Mão poderosa, e justiceira
Já brilha o ferro vingador nos ares.

Das humidas cavernas em cardumes
A ver da Patria os fortes Defensores
Surge, do largo mar propicios Numes:

E tu Padre Oceano, os teus furores
Depoem, porque de agora te costumes
Humilde a respeitar os teus Senhores.

15 de Julho de 1822.

SONETO

Adeus, oh Praia, adeus, amena Praia,
Onde vi o meu Bem a vez primeira,
Onde primeiro affavel, e fagueira
O semblante gentil mostrou-me Olaia.

Suaves brincos em que Amor se ensaia,
Timido ainda em face menineira:
Só de vossa lembrança feiticeira
De puro gosto o coração se espraia.

Lá vejo a Caza, onde o meu Bem vivia,
Era ali que passava junto della
A fresca Noite, o caloroso Dia!

Saudoso adeos, te, deixo, oh Praia bella,
Onde gozei momentos de alegria:
Hoje não m'os permitte a minha Estrella...

30 de Julho de 1822.

Aos Eleitores Parochiaes.

SONETO

Filhos da Patria, em quem a confiança
Tem cem mil Cidadãos depositado,
Gloria do nosso Rio, honra do Estado
Donde pende dos povos a esperança.

Vede: a perfida intriga não descança;
A Calumnia immoral marcha a seu lado,
E sob a capa de um fingido agrado
Ambição ás emprezas se abalança:

Longe fugi da suggestão maligna,
Correi de novo as paginas da Historia,
Hum Graccho ali vereis, hum Catilina:

Na escolha vos trará Benções, e Gloria
Da Patria a salvação; sua ruina
Infamia, maldições, negra Memoria.

31 de Julho de 1822.

A's desordens succedidas na Prov.ª de S. Paulo.

SONETO

Manes dos Goes, dos Lemes, e dos Buenos
Vós, que pelo Brazil com forte braço
Ganhastes os sertões de immenso espaço,
Para o animo vosso inda pequenos.

Sós na rota dos Campos Agarenos
Vedastes aos Leões de Hisperia o passo
Fechando a Liberdade no regaço
Das Montanhas, e Mattos Paulicenos.

Surgi, Manes, surgi da Campa fria,
Vinde exprobrar aos vossos descendentes
Sua vergonha, e torpe bastardia.

Mas suspendei; que intrepidos, e ardentes
Elles já vão da feia Tirania
Despedaçando as perfidas correntes.

2 de Agosto de 1822.

HYMNO CONSTITUCIONAL BRAZILIENSE

1.ª

Já podeis filhos da Patria
Ver contente a Mãi gentil;
Já raiou a Liberdade
No Horizonte do Brazil.
Brava Gente Brazileira
Longe vá temor servil;
Ou ficar a Patria livre,
Ou morrer pelo Brazil.

2.ª

Os grilhões que nos forjava
Da perfidia astuto ardil,
Houve Mão mais poderosa,
Zombou delles o Brazil.
Brava Gente Brazilr.ª &ª.

3.ª

O Real Herdeiro Augusto
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos Tiranos
Quiz ficar no seu Brazil.
Brava Gente Brazilr.ª &ª.

4.ª

Resoavão sombras tristes
Da cruel Guerra Civil,
Mas fugirão apressadas
Vendo o Anjo do Brazil.
Brava Gente Brazilr.ª &ª.

5.ª

Mal soou na serra ao longe
Nosso grito varonil;
Nos immensos hombros logo
A cabeça ergue o Brazil.
Brava Gente Brazilr.ª &ª.

6.ª

Filhos clama, caros filhos,
He depois de afrontas mil,
Que a vingar a negra injuria
Vem chamar-vos o Brazil.
Brava Gente Brazileira
Longe vá temor servil;
Ou ficar a Patria livre,
Ou morrer pelo Brazil.

7.ª

Não temais impias phalanges,
Que apresentam face hostil:
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brazil.
Brava Gente Brazilr.ª &ª.

8.ª

Mostra Pedro á vossa fronte
Alma intrepida e viril:
Tendes nelle o Digno Chefe
Deste Imperio do Brazil.
Brava Gente Brazilr.ª &ª.

9.ª

Parabens oh Brazileiros,
Já com garbo juvenil
Do Universo entre as Nações
Resplandece a do Brazil.
Brava Gente Brazilr.ª &ª.

10.ª

Parabens; já somos livres;
Já brilhante, e senhoril
Vai juntar-se em nossos lares
A Assembléa do Brazil.
Brava Gente Brazilr.ª &ª.

16 de Agosto de 1822.

HYMNO MARCIAL

Valentes Guerreiros,
Que a fama buscais,
E as armas alçais
A novo esplendor.
Mostremos ao Mundo
Bravura, energia,
A Patria confia
No nosso valor.

Oh vós que aos clamores
Da Patria correstes,
E nada temestes
No Heroico fervor
Mostremos ao Mundo &ª.

E vós que seguindo
As novas bandeiras,
Antigas fileiras
Deixastes sem dor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Ouvi de Bellona
O grito, que entoa,
Ao longe já soa
Da guerra o fragor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Se vive na fama
De Heroes a Memoria,
Salvou-os a Gloria
Do Tempo ao furor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Que horror nos combates !
Que p'rigos no assalto !
Mas falla mais alto
O bellico ardor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Os chefes zelosos
Vos vão excitando;
Marchai a seu mando
Sem susto, ou temor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Fiel Disciplina
De Marte he divisa
Seguir-se precisa
A voz sup'rior.
Mostremos ao Mundo
Bravura, energia,
A Patria confia
No nosso valor.

A Mão Bemfeitora
De Pedro Immortal,
Quiz ser liberal
Em vosso favor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Os seus Beneficios
Nos peitos guardai
E gratos lhe dai
Mil provas de amor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Em vós, oh Guerreiros
A Patria descança
Da sua esperança
Vós sois o penhor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Por vós não receia
Imigos alfanges,
Nem teme as falanges
De injusto oppressor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Da Espoza, e dos filhos
Quem guarda o direito
Não teme o seu peito
Aos tiros expor.
Mostremos ao Mundo &ª.

Corramos á Gloria,
Que assim nos convida;
Mais vale que a vida
Da Patria o louvor.
Mostremos ao Mundo &ª.

19 de Agosto de 1822.

A' minha saude valetudinaria.

SONETO

Desde os primeiros innocentes annos
Dura Mão da Oppressora Enfermidade
Prazeres me roubou da tenra idade
De precoce velhice expoz-me aos damnos.

No tempo, que engolfada em mar d'enganos
Folga alegre a robusta Mocidade
Eu enfermo, eu motivo de Piedade
Gemo sob o furor de mil Tiranos.

Com turbado semblante, e macilento
O Monstro da fatal Melancolia
Aggrava de continuo o meu tormento.

O que hei de oppor a tanta Tirania ?
De remorsos crueis um peito isento,
E o escudo da sãa Philosofia.

5 de Setembro de 18[illegible].

Ao Machado.

EPISTOLA EM ESTANCIAS

1.ª

Em quanto me entregava pensativo
A's saudosas lembranças do passado,
E dando á magoa doce lenitivo
Mandava o pensamento ao meu Machado.

2.ª

Em quanto retraçava na Memoria
(Dos antigos successos claro espelho)
A miuda, chorada, e longa Historia
Disto, a que chamão meu bom tempo velho.

3.ª

Ou sonho fosse, ou fantasia errada
Filha da escandecida mente escura;
De largo corpo, e fórma desmarcada
Aos olhos se apresenta uma figura.

4.ª

Era um velho de aspecto venerando,
Onde um ar de Divino apparecia:
Por sua verde barba resvalando
Um largo jorro d'agoa lhe corria.

5.ª

A face conheci do bom Janeiro,
De nossas agoas bemfazejo Nume;
Chamou-lhe Rio o viajor primeiro,
E Rio inda se chama por costume.

6.ª

Humilde, e curvo a Divindade adoro:
Então a voz do peito desprendendo
O maritimo Deos, em tom sonoro,
S bem me lembra assim me foi dizendo:

7.ª

Não te espantes de ver-me: a mais obriga
Desta minh'alma o desprazer interno,
Tendo de mim distante, em plaga imiga
Um filho caro ao coração Paterno.

8.ª

Tu o conheces bem: o laço estreito
Eu sei que de Amizade ambos vos prende:
Se pois o affecto habita no teu peito,
A's vozes Paternaes um pouco attende.

9.ª

Já saberás o quanto de contin'o
Sua ausencia lamento: ah quantas vezes
Afflicto, melancolico imagino
Serem annos de tempo os longos mezes!

10.ª

Receio esses encantos, com que inflam'a
Os corações Europa feiticeira;
Talvez (eu digo) á Patria, que não ama
Elle prefere já terra estrangeira.

11.ª

Talvez, qual outros filhos, oh vergonha!
Julgue o Brazil selvagem, ou mesquinho:
E regiões estranhas anteponha
Ao mimoso natal, ao Patrio ninho!

12.ª

Talvez... mas pelo que? Acaso inveja
Polidez, de que Lisia se ennobrece?
Ah! quem das galas o ouropel deseja
Seu ridiculo preço não conhece!

13.ª

O que valem os marmores lusentes
Por destra mão d'Artifice talhados!
Palacios, Obeliscos eminentes
Pelo Orgulho dos homens fabricados!

14.ª

De encantos virginaes a Natureza
Nas suas producções é mais sublime:
Tem amavel brilhante singeleza
Que affectado artificio nunca exprime.

15.ª

E a que paiz, ou região do Mundo
Essa Mãi liberal mais dons offerece?
He n'uma terra joven que jocundo
Seu semblante aos humanos apparece.

16.ª

Nunca o bafo da peste tragadora
Meus climas infectou: aqui suspende
Seu passo a Furia, que no Egypto mora,
Donde aos Reinos d'Europa o sceptro estende.

17.ª

Minhas margens ditosas nunca viram
Do triste Inverno a feia catadura:
Nem co'a fria geada se despirão
Meus ridentes Oiteiros de verdura.

18.ª

Nos Lusos campos o cultor forçoso
Encontra da fadiga em troco a fome;
Nos meus ind'entre os braços do repouso
Do monstro apenas se conhece o nome.

19.ª

Se a linda Ceres foi comigo escassa
De loiros trigos; as espigas troca
Com mais facil favor, mais ampla graça
Em raizes da fresca Mandioca.

20.ª

Vence muito ao mel d'Hylla na doçura
O branco suco da flexivel canna:
Pende em caxos do tronco sem cultura
Nutriente, economica banana.

21.ª

Os doces fructos, que produz meu sólo,
Ceder não deve aos que Europa estima:
As Arvores altissimas o cólo
Elevão dos Pinheiros muito acima.

22.ª

Gira nas veias da fecunda Terra
Desejado metal fulgente, e loiro;
Com o dedo me aponta o Deos da Guerra
De ferro abundantissimo Thesoiro.

23.ª

Assim, oh misero! illudindo as magoas
Os meus receios arredar pertendo:
Correm no emtanto livremente as agoas
Que eu a sua braveza não defendo.

24.ª

Porem esforços vãos! que a pena crua
Mil denegridas cores emprestando,
Outra vez em minh'alma se insinua
Nella o seu fel amargo derramando.

25.ª

Mas talvez a saudade enganadora
Essas imagens finge de tristeza !
Talvez o filho ausente a Patria chora,
A que Amizade o chama, e Natureza !

26.ª

E podia encontrar aquelle ingrato
Onde a amavel Ternura em mais se conte ?
Aqui doçura, e prazenteiro trato
Mostrão por toda a parte a léda fronte.

27.ª

De meiga condição, de genio brando
Dotados são meus filhos venturosos;
Que o doce, ameno clima os vai tornando
Amenos igualmente e carinhosos.

28.ª

Foi nos risonhos natalicios lares
Que elle os annos viveo da meninice:
Mil prazeres gozou nesses lugares,
Prazeres, que inda lembrão na velhice.

29.ª

Se amorosas cadeias do Deos cego
O detêm com suave senhorio,
Acaso são as Nymphas do Mondego
Mais formosas que as Nayades do Rio ?

30.ª

Como olvidar do espirito pudera
Das fagueiras patricias os favores,
Que inda hoje nas festas de Cithera
Em seus hymnos celebram os amores ?

31.ª

Ou vergonha terá de haver nascido
No Brazil, que dos ferros dos Tiranos
Soube altivo zombar e destemido
De seu louco furor despreza os damnos ?

32.ª

Hoje, que a Liberdade os Monstros vence,
Que nos fingirão perfidos Senhores,
A' gente Americana só pertence
Formosa c'roa de immortaes louvores.

33.ª

Eia, escreve-lhe já que a Patria estime,
E della o terno amor conserve illeso:
Seu Paiz esquecer seria um crime,
Horror seria olha-lo com desprezo.

34.ª

Mal hia essas palavras acabando,
A visão pelos ares esvaece;
E com a vista o Nume procurando
Nada mais a meus olhos apparece.

35.ª

A penna então tomei na mão tremente,
E nesta humilde Epistola que envio,
Trasladei, se a Memoria me não mente
As palavras que ouvira ao nosso Rio.

36.ª

Pódes porem julgar ou sonho, ou peta
Do Deos a apparição, Patricio Amigo;
Mas, tirando os ornatos do Poeta,
Deves crer, e de fé, tudo o que digo.

8 de Setembro de 1822.

INDEPENDENCIA, OU MORRER

16 QUADRAS GLOSADAS

Ouvi, oh Povos, o grito,
Que vamos livres erguer:
O Brazil sacode o jugo
Independencia, ou Morrer.

Leis, que a Impostura dictava,
Não mais devemos soffrer;
Ferros nunca, nem doirados
Independencia, ou Morrer.

Congresso oppressor jurára
Nossos fóros abater:
Em seu despeito juramos
Independencia, ou Morrer.

Hu' povo que quer ser livre,
Livre p.r força ha-de ser:
Ha esta Lei das Nações
Independencia, ou Morrer.

Temos Heroe que trabalha
Em nosso jus defender:
Longe fuja o Servelismo,
Independencia, ou Morrer.

Unem-se força, e direito
Para as cadeias romper,
Mão Real as despedaça;
Independencia, ou Morrer.

Depois de trezentos annos
Livre o Brazil vai viver:
Deve a Pedro a Liberdade
Independencia, ou Morrer.

Da nossa Patria, oh Regente,
Só tu penhor pódes ser:
Ou Pedro, ou deixar a vida,
Independencia, ou Morrer.

O Brazil do Mundo inveja,
Não deve em ferros gemer,
He tempo; sejamos livres,
Independencia, ou Morrer.

Abrasado em patrio zelo
Sente-se o sangue ferver;
Resoa em todas as bocas
Independencia, ou Morrer.

Embora esquadrões armados
Ferros nos venhão trazer:
He brazão das almas livres
Independencia, ou Morrer.

Os satellites do crime
O que nos podem fazer ?
Jurámos no altar da Patria
Independencia, ou Morrer.

Os corações dos Tiranos
Hão-de cobardes tremer,
Vendo escripto em fortes braços
Independencia, ou Morrer.

Nós escravos ! Oh vergonha !
Mais vale a vida perder !
Nossa Patria tem por timbre
Independencia, ou Morrer.

Havemos entre as Nações
Nossos direitos manter,
Corra embora o sangue em rios,
Independencia, ou Morrer.

Vem oh Brazil, os teus filhos
Hoje abraçar de prazer:
De ti são dignos seus votos
Independencia, ou Morrer.

16 de Setembro de 1822.

HYMNO PATRIOTICO

1.ª

Ja da querida Patria
Foi decidida a sorte
He do Brazil divisa
Independencia, ou Morte.

2.ª

Temos por nós a Pedro
Heroe prestante, e forte,
Longe o Receio fuja,
Independencia, ou Morte.

3.ª

Quer Pedro, oh vis Tiranos
Que o negro plano aborte:
Queremos nós com elle,
Independencia, ou Morte.

4.ª

De Throno, e Patria esteios,
Oh filhos de Mavorte,
Dentro gravai dos peitos
Independencia, ou Morte.

5.ª

Da guerra entre os horrores
Vosso valor conforte
O grito da Victoria
Independencia, ou Morte.

6.ª

De nossos lares fuja
Feroz, hostil cohorte,
Ao ler em nossos braços
Independencia, ou Morte.

7.ª

Quem haverá que os ferros,
Da escravidão supporte!
Ao vê-los quem não clama
Independencia, ou Morte!

8.ª

No Prata, no Amazonas
Do Sul resoe ao Norte
O grito, que retumba,
Independencia, ou Morte.

9.ª

Os Pais da Patria venhão
Com venerando porte
Dar leis, que tem por base
Independencia, ou Morte.

10.ª

Recebão destes povos
Entre o geral transporte
O Santo Juramento,
Independencia, ou Morte.

N. B. — A 8.ª Quadra póde servir de Estribilho a todas.

19 de Setembro de 1822.

HYMNO PATRIOTICO

1.ª

De seus briosos filhos
Hoje o Brazil precisa:
E dá-lhes por divisa
Independencia, ou Morte.

2.ª

Nos ferros dos Tiranos
Triste, infeliz gemia;
Mas clama neste Dia
Independencia, ou Morte.

3.ª

Roubar os nossos fóros
Quer oppressor Congresso:
A vida perca o preço,
Independencia, ou Morte.

4.ª

Corramos aos Combates;
A Gloria está segura:
Comnosco Pedro jura
Independencia, ou Morte.

5.ª

O Heroe nos mostra escripto
No braço seu prestante
Em letra rutilante
Independencia, ou Morte.

6.ª

Do Principe excellente
Vai ser eterna a gloria:
Dá-lhe por timbre a Historia
Independencia, ou Morte.

7.ª

Por elle as vis cadêas
Quebramos de Lisboa;
Por elle entre nós soa
Independencia, ou Morte.

8.ª

Grato o Brazil a Pedro
Incensos mil tributa,
E um só clamor escuta
Independencia, ou Morte.

9.ª

Brasilica Assembléa
Se vem aqui juntar:
Por baze ás Leis vai dar
Independencia, ou Morte.

10.ª

Oh gente Brazileira,
Surgi da escuridão !
Surgi ! já sois Nação;
Independencia, ou Morte.

11.ª

Rompeo de vossos labios
Voz, que nos peitos clama:
Repita ao longe a Fama
Independencia, ou Morte.

12.ª

Amavel Liberdade
Que os braços nos estende,
Nosso Paiz defende;
Independencia, ou Morte.

Vê oh querida Patria
Quanto fieis te amamos !
No teu altar juramos
Independencia, ou Morte.

19 de Setembro de 1822.

Ao Dia, em que se declarou a Independencia.

SONETO

Estás livre, oh Brazil ! Jazem quebrados
Ferros da escravidão ! Ergue a cabeça,
Oh Genio Tutelar ! Vem, vem depressa
Ver quanto os teus Destinos são mudados.

Já vês a Pedro, que escutou teus brados,
E que em teu nome á Gloria se arremessa:
Verás da Patria os Pais, em que começa
Epocha nova, Seculos doirados !

Nossos limites demarcado havia
Immensamente a Mão da Omnipotencia,
E largos dons comnosco repartia.

Para os planos cumprir da Providencia,
Desde seculos trez faltava um Dia.
Ei-lo aponta, e nos traz a — Independencia. —

20 de Setembro de 1822.

No dia da apuração dos Votos para os Deputados do Rio de Janeiro.

SONETO

Ei-los da Patria os Pais ! No seu semblante
O Saber, a Prudencia estão gravados.
Ditoso agoiro ! Os seculos doirados
Do Imperio o mais feliz temos diante

O coração nos peitos palpitante
Nos diz que os nossos ferros são quebrados.
Oh Pedro ! Oh Patria ! Oh Cidadãos honrados,
Nossa escolha, e de nós porção brilhante !

O Jubilo escutai, que neste Dia
Rompe de nossas bocas; vendo a Sorte
Surrir contente á Nova Monarquia

Seja de vossas Leis a Patria o Norte !
Este Povo, que a empreza vos confia,
Vos dá por Base — Independencia, ou Morte.

21 de Setembro de 1822.

QUADRAS AO LUIZ ALVES

Luiz, querido Amigo
Porque me não escreves ?
Do amor, q' tu me deves
A paga assim me dás ?

Ingrato o que te custa
Tomar na mão a penna,
E Carta mui pequena
Mandares-me rapaz ?

Se da memoria tua
Na triste ausencia imiga
De uma Amizade antiga
A idéa se perdeo;

Desse teu genio frio
Sou bem dissemilhante:
De ti a cada instante
Aqui me lembro eu.

Depois que tu te foste
No meu sensivel peito
Saudades mil tem feito
A sua habitação.

Sem ti o breve dia
Um anno me parece:
Sem ti a pena cresce
No afflicto coração.

Luiz, Luiz, eu digo,
Onde o Luiz se esconde ?
E o Echo só responde
Luiz, Luiz, Luiz.

De uma affeição sincera
Ha prova mais segura ?
Amor que tanto dura,
He firme, e de raiz.

Vê lá não te demores
Tres letras só, meu rico,
E satisfeito fico,
Senão... ficamos mal.

Que se me não attendes
Tal satira te faço
Que sejas o palhaço
Da Gente Estudantal.

24 de Setembro de 1822.

A' Acclamação do Imperador.

SONETO

Ceos ! Que escuto ! Que unisonos clamores
Soão pelo Brazil ! Que Mão Potente
Despedaçou a barbara corrente
De orgulhosos antigos oppressores !

Que ! Já somos Nação ! Os resplendores
Da C'roa adornão vencedora fronte ?
A Pedro acclama a Brazileira Gente
O primeiro dos seus Imperadores !

Que te falta oh Brazil ! Já tens segura
Tua Gloria: e do Imigo em vituperio
Ha-de ceder a perfida Impostura !

Nações ! Neste Brasilico Hemispherio
Um povo grande, e livre hoje vos jura
Morrer por Pedro, e pelo novo Imperio.

9 de Outubro de 1822.

Ao mesmo assumpto.

SONETO

Quanto da Inveja os Monstros meditavão
Da nossa escravidão o plano horrendo,
Mal sabião que os povos offendendo
O triunfo maior nos preparavão.

Em vez da vil Colonia, que esperavão
A's cadêas os pulsos estendendo;
Nação livre encontrárão, que rompendo
Foi os ferros, que estupidos forjavão.

De nós sua soberba escarnecia:
Eis de Cabral na terra inda nascente
Surge um immenso Imperio nesse dia;

E por dar-lhe mais gloria, á nossa frente
Do Brazil os Destinos rege, e guia
Pedro, Mimo da Mão do Omnipotente.

10 de Outubro de 1822.

Ao mesmo assumpto.

SONETO

Com traidoras promessas de igualdade
Mascarando mil perfidos enganos,
Tinhão tentado barbaros tyrannos
Despojar o Brazil da Liberdade.

Mas Pedro, o Nosso Heroe na tenra Idade
Soube prudente desfazer seus planos:
Seu Peito Forte os imminentes damnos
Afastou da horrorosa Tempestade.

Que premio a tantos Feitos. Neste Dia,
Em que por nos salvar do captiveiro
A' terra o Ceo benefico te envia.

O Povo, oh Pedro, Imperador Primeiro
Entre vivas Te acclama de alegria
Neste nascente Imperio Brazileiro.

11 de Outubro de 1822.

HYMNO NACIONAL BRASILIENSE

1

Parabens, ditosos Filhos
Do Brasilico Hemispherio:
Vossa Patria, Novo Imperio
Ergue a fronte sem temor.
Jura o Povo Brasileiro
Dar contente os bens, a vida
Pela Patria tão querida,
Pelo Grande Imperador.

2

Os Tyrannos intentavão
Lançar ferros aos Brasil,
Mas um Peito Varonil
Lhes rebate o vão furor.
Jura o Povo Brasil.ro &a.

3

Por mil legoas os limites
Este Imperio ao longe estende:
Seus Direitos lhe defende
Pedro o anjo Protector.
Jura o Povo Brasileiro
Dar contente os bens, a vida
Pela Patria tão querida,
Pelo Grande Imperador.

4

Pedro existe á nossa frente;
O triunfo está seguro:
He da Patria o forte Muro
Seu Denodo, e Seu valor.
Jura o Povo Brasil.ro &a.

5

Já Nação, a par das outras
O Brasil assombra o Mundo
Ruge a Inveja, e no profundo
Vai sumir a im'ensa dor.
Jura o Povo Brasil.ro &a.

6

Sabias Leis espera o Povo
Da Brasilica Assembléa:
De cem luzes a rodea
Brilhantissimo esplendor.
Jura o Povo Brasil.ro &a.

7

Aos Conselhos seus presida
Zelo ardente, sãa Prudencia
Firmem nossa Independencia
Contra as furias do Aggressor.
Jura o Povo Brasil.ro &a.

8

Vinde, oh Povos, neste Dia
Contemplar a Patria cara
Seu destino lhe prepara
No Universo o Gráo maior.
Jura o Povo Brasil.ro &a.

14 de Outubro de 1822.

HYMNO P.a O BAT.ão DO IMPER.dor

1

Hoje a Patria he q.m vos chama,
Oh valentes Brazileiros,
E do ferro dos Guerreiros
Vossos braços vem armar.

ESTRIBILHO

Bravos Filhos de Mavorte,
Já no Campo estais da Gloria:
Vamos, vamos á Victoria,
Combater, e triunfar.

2

Do Brazil a Mãi primeira,
Formosissima Bahia,
Da feroz aleivosia
Quer os vis grilhões quebrar.
Bravos F.os de Mavorte &a.

3

Do Janeiro sobre as margens
Seus clamores escutastes:
Desde logo ali jurastes
Os seus muros libertar.
Bravos F.os de Mavorte &a.

4

Eis da Guerra o clarim soa,
E a triunfos mil nos chama:
Negra furia que rebrama,
Não nos póde intimidar.

ESTRIBILHO

Bravos Filhos de Mavorte,
Já no Campo estais da Gloria:
Vamos, vamos á Victoria,
Combater, e triunfar.

5

Lá nos tece a Patria C'roas,
Nossa Patria o Grão Brazil,
Que sublime, e senhoril
Vai dois Mundos assombrar.
Bravos F.os de Mavorte &a.

6

Lusas Quinas enfiadas
Da Soberba em vituperio
Vem do novo Augt.o Imperio
As estrellas fulgurar.
Bravos F.os de Mavorte &a.

7

Pedro a nossa Independencia
Sobre baze poz segura:
As promessas da Impostura
Não nos hão-de fascinar.
Bravos F.os de Mavorte &a.

8

Pedro firma o Throno Egregio
Em valentes, livres Peitos,
Sua Gloria illustres feitos
Deve a todos inspirar.
Bravos F.os de Mavorte &a.

9

Appareça nestes lares
Sacrosanta Liberdade:
O Egoismo, a vil Maldade
A seus pés hão de expirar.
Bravos F.os de Mavorte &a.

10

Já nos Ceos fuzilão raios,
Chega o dia da Vingança:
O vislumbre da Esperança
Vai nos Monstros acabar.
Bravos F.os de Mavorte &a.

24 de Janeiro de 1823.

A' partida do Batalhão do Imperador.

SONETO

Honra, brio, dever, tudo vos chama
Aos opprimidos lares da Bahia:
Ide, oh Bravos! A Patria em vós confia,
E já vos tece do triunfo a rama:

Santo fogo, que o peito vos inflamma,
Vai abrazar a enorme Tyrannia:
Já da vingança se avisinha o Dia,
E sobre os Monstros o trovão rebrama.

Genio da Liberdade, tu que inspiras,
E proteges Heroes! ao longe afasta
Do furioso Mar, do vento as iras!

Tu vês com dor os vis grilhões, que arrosta
A Bahia infeliz, e tu suspiras?...
Quebrem-se! He tempo! O teu favor nos basta.

26 de Janeiro de 1823.

Aos Cortezãos.

SONETO

Eu não sei adular, não sei mentir,
Nem desprezos, e affrontas supportar;
Não posso, para os Grandes frequentar,
Humilde nas cocheiras assistir.

Em tudo, onde o meu voto se pedir,
Singelo, e sem rodeio hei de fallar,
Como hei-d'hir certa gente delatar,
Se mil vezes serei d'igual sentir ?

Não affecto politico furor,
Nem como quantas petas me quizer
Arrumar cabeçudo Grão-Senhor:

Não desejo por honras vans valer,
A vida escura tenho por melhor:
O que vou lá na Corte assim fazer ?

28 de Janeiro de 1823.

Ao Cadete João Nepomuceno da Motta, destacado na Fortaleza de Villegaignon.

EPISTOLA

Assim, oh Motta, longe do tumulto
Da populosa Corte: sem soffreres,
No futil turbilhão de mil vaidades,
Deste o farfante orgulho, inepcias d'outro,
O Servilismo d'um, que tudo approva,
Curvado aos pés dos Idolos do Dia,
Com baixa complacencia: a bilis negra
Do que o nada perdoa, que envenena
Innocentes acções, e seus motivos
Mil vezes nem conhece: assim desfructas
Dos tenros annos a Estação viçosa,
Nos lares, a que deo origem, nome
O Huguenote Francez, que vio primeiro
Com olhos de cobiça as ferteis margens
Da linda Nictheroy. A nossa Patria
Nas fachas inda da primeira idade
De infieis artificios não se ornava
Naquelle simples tempo. As ricas vestes
Talhadas por sciencia, os Edificios
De audaz Architectura: as rectas ruas,
Os vistosos vergeis com pomos d'oiro,

Que em linha collocou sagaz cultura,
Inda aqui se não vião: tudo enfeites,
Que depois nos mandou a velha Europa,
E com elles Pobreza, e Luxo, e Crime.
O Indigena contente a simples vida
Entretinha na cassa; arbustos, folhas
Lhe formavão a Choça, o Clima brando
Do vestido os cuidados lhe poupava.
E sem cançasso, e horridas fadigas
Para fartar os modicos desejos
A Mãi Natura lhe offertava os fructos.
　　Então Villegaignon deixando as praias
Do ardiloso Francez, as Terras busca
Mostradas a Cabral, e a barra entrando
Da nossa Nictheroy fundou com Muros
Astuta habitação, funesto laço
Contra a doce Indiana Liberdade.
Os singelos Caboclos lhe prestavão
Com seus braços auxilio, elles suppunhão
Que bemfazejos Numes tinhão vindo
Os seus mattos honrar. Ceos ! se soubessem
A progenie de males, de desditas,
Que trouxera comsigo a Gente estranha,
Oh ! que diverso proceder terião !
Porque Lei do Destino sempre, sempre
Zombarão da Innocencia Astucia, e Força ?...
　　Foi ahi nesses Muros, nessas Praias,
Onde as auras do Zephiro ligeiro
Vais desfructar no caloroso Estio,
Foi ahi que os dois Sás, filhos de Marte
Ardendo o Coração da Patria em zelo
E no zelo da Fé, com forte audacia
Entre as Ondas, e o Sangue as Lusas Quinas
Plantarão sobre as Gallicas ameas:
Doces recordações para quem segue
Alumno de Mavorte os seus dictames !
　　O Deos da feroz guerra se alimenta
De sangue, e de carnagem: sobre o Carro
Puchado pelos fervidos cavallos
Com a lança na mão, aos seus aponta
Para o da Gloria Magestoso Templo
Marchar queres na rispida carreira,
Com passo firme, e procurando a Fama,
He precizo estudar. Que sobre os livros
Entres pela alta noite, Euler, Bezouthe
Fação tuas delicias: He por elles,
Que dos Vaubans, Condés, e dos Turennes
Virás a conhecer a tempo as sabias
Manobras, e Preceitos. Vai no emtanto
Formando o teu juizo, e todo entregue

A' solução difficil de um problema
Embora sobre ti trovejem raios
Não percas a attenção. Se lá chegarem
Deste Mundo Politico as Noticias
Nos malditos Jornaes (que justo fôra
Para acabar tal peste, a seus authores
Todos metter na Caza dos Orates,
Digna morada de Cabeças ocas)
Deste Mundo Politico, que ha muito
Qual rabudo cometa sem governo
Corre de um lado, e outro enchendo a todos
De panicos terrores, de suspeitas
Aos sonhos vãos dos Sabios Estadistas,
Bem como o Grego ás vozes das Sereas,
Fecha os cautos ouvidos; que te roubão
Ninharias gentis aos teus cuidados.
Deixa as Musas tambem, travessas Moças,
Que dão por um gostinho cem pezares,
E com feitiços mil prendendo as almas
Fazem perder o tempo que não torna.
Só sisudos assumptos de disvelem.
Dizia, e sabiamente o Mestre Fabio,
Geometra severo, que em seus dias
Um suave prazer jamais tivera
Excepto em decifrar os seus Problemas.
Não te embrenhes com tudo de tal sorte
Do X e B nas reflexões profundas
Que os amigos te esqueção: antes quando,
Aerias Regiões deixando um pouco,
Ao vil commercio humano alguns momento s
Quizeres conceder, lembre-te, Amigo,
Que saudoso de ti anhelo eu vêr-te.

Teu am.°,
&ª.

29 de Janeiro de 1823.

A' Liberdade.

ODE

Vêm, vêm dos Ceos oh Liberdade, oh Deoza !
Tão sublime, qual hes, te mostra aos homens;
Que do vulto a severa Magestade
Os Despotas assuste !
Da Lei, na dextra, o Codigo sagrado
Que aos fóros, e ao dever demarca as raias,

Temp'rado escudo, onde resvalão golpes
Da ambição sempre armada.
Qual na Estiva estação a terra anhela
O orvalho, em que revive a natureza,
Assim por ti suspirão os teus filhos,
Flagelo de tiranos.
Com que horrorosas cores te não pintão
Os perversos Mandões ! Dizem que o crime
Anda após os teus passos, que pertendes
Destruir altar e thronos:
Que armada do livel queres se alinhem
Os bens, as condições, fingindo sonhos
De impostora igualdade, que derribe
Social sublime escala.
Oh que mal te conhecem ! Quanto póde
De abjecta servidão costume antigo,
Que as bocas vis de estupidos escravos
Teus sacros dons blasfemão.
Quantos se forjão tresdobrados ferros
Contra teus pulsos na officina astuta
De Monarchas soberbos, que o capricho
Partilhão o Universo ! (1)
Mas tu zombando do aloucado arrojo
Ris de seus planos, e rasgando a venda,
Que a verdade encobria; patenteas
Ao homem seus direitos.
Por ti o sabem: de um governo as fórmas
Tem só por fito a publica ventura:
O que a mal préza, e em sonhos devaneia
Mentio aos seus deveres.
Republica se chame, Imperio, ou Reino
Se basea em tal maxima, eis levantas
Ahi patentes aras, e recebes
Incensos, sacrificios,
E em quanto co'o potente pé comprimes
O sagaz Despotismo, que se eleva
Dissipa com a luz negros horrores
Da disforme Anarchia
Vêm a nós !... mas já vejo-te nos lares
Da Patria minha: ah ! nunca nos deixes
Olha ! na nossa America teus templos
Na baze não vacillão.

30 de Janeiro de 1823.

---

(1) A Santa Alliança nos seus Congressos liberticidas.

A Estacio de Sá.

SONETO

A vida, que te deo a Patria amada,
Perdeste, oh Bravo Estacio peleijando
Por sua Gloria, audaz desbaratando
Do Francez, e Tamoio a immens'Armada:

Os rijos golpes da cortante espada
Mavorte os invejou, e já cuidando
Que vais o lustre ao nome seu roubando
Chamou-te para a Olympica morada:

Mas se a vida perdeste, Fama e Gloria
Na morte honrada intrepido ganhaste,
Vive immortal o nome teu na Historia:

E a nossa Nictheroy, que assim fundaste,
Jamais esquecerá tua Memoria,
Nem o brioso exemplo, que deixaste.

2 de Fevereiro de 1823.

Esboço da traducção do — *Dies irae, dies illa* —.

No dia d'ira, no dia
Por David prophetisado
Este Universo abrazado
Em cinzas se desfará.

Que tremor terá de ver-se,
Quando o Juiz Venerando,
Dos Ceos á terra baixando
Decidir tudo virá.

Das Regiões nos sepulchros
Ouvida a Tuba final,
Ante o Throno do Immortal
Todos se vão reunir.

A Morte, e a Natureza
Pasmarão da sua affronta
Quando então para dar conta
Vem o homem resurgir.

O Livro ali se aprezenta,
Onde tudo existe escripto,
A Virtude, e o Delicto
Para o Mundo se julgar.

Em o Juiz se assentando
Logo quanto estava occulto
Apparece e nada inulto
No processo ha-de ficar.

Que hei-de oh misero dizer
Ante aquelle egregio Throno ?
Quem terei p.r meu Patrono
S'inda o Justo incerto está ?

Rei d'immensa Magestade
Que por tua Graça pura
Tem salvado a Creatura
Hoje a salvação me dá.

Pio Jesus não te esqueças
Que quando ao Mundo vieste
P.a meu bem o fizeste;
Não me percas, oh Senhor !

Se cançaste de buscar-me,
Se na Cruz me redimiste,
Os trabalhos, que sentiste,
Ah ! não fiquem sem valor.

Justo Juiz das Vinganças,
Antes que esse dia chegue
Tua Clemencia não negue
Aos meus delictos perdão.

Como Reo suspiro, e gemo,
Já da Culpa o rosto córa,
De pezar est'alma chóra;
Ouve, oh Deus, m.ª oração.

A Maria perdoaste,
Ao Ladrão na Cruz ouviste,
Desde logo permittiste
Esperança ao peito meu.

Minhas preces não são dignas;
Mas, Bom Pai, benignamente
Não deixes que em fogo ardente
Abrazado seja eu.

Põem-me entre as tuas ovelhas
Dos cabritos me separa,
A' tua dextra prepara
Feliz lugar para mim.

Confundidos os malditos,
E á voraz cha'ma enviados:
Entre os bemaventurados
Lá nos Ceos chama por mim.

Curvo imploro e supplicante
(O meu coração trilhado
Como cinza) tem cuidado
Deos Potente do meu fim.

Nesse dia lastimoso,
Em que para o seu juizo
Por tuas Leis he precizo
Que resurja o homem Réo.

A este, vale, e perdoa
Oh Bom Jesus de Piedade,
E por toda a Eternidade
Dá-lhe descanço no Ceo .

4 de Fevereiro de 1823.

Ao ataque de Itaparica.

SONETO

Brava Caxeiral sucia Lusitana
Arrotando valor ao Bey supplica
Os deixe ir á pequena Itaparica
Ensinar a Canalha Americana.

Vendo tal brio o General se ufana,
Manda que vão, mas da Cidade fica:
E a corja, que o triunfo prognostica,
Coisa certa, ao prazer se entrega insana

Mas roncou-lhes tamanha trovoada
De tiros, com que o Bronze o Mar atroa,
Que abalou toda aquella Caxeirada:

Ah ! que o sabio Madeira não se dôa,
São seus filhos Heroes; mas de Cabrada
Não podia esperar-se coisa boa.

5 de Fevr.º de 1823.

A' Morte.

SONETO

Morte, horror dos humanos, que revoas
Sobre nossas cabeças: de contino
De presas avida, e rancor ferino,
Tu á belleza, e annos não perdoas.

Nos cerrados sepulchros amontoas
O Pobre, o Rico, o Velho, e o Menino,
E co'a foice daqui, dali sem tino
O negro immenso Barathro povôas.

Fogem todos de olhar-te a horrivel fronte,
Que te julga illudida humanidade
Longe de si p.r te não ter defronte!

Melhor fôra encarar-te a enormidade,
Pensar em nós, lembrar-nos que és a Ponte,
Que do Tempo conduz á Eternidade!

10 de Fevr.º de 1823.

O RUSTICO, E O MACHADO

FABULA DE PHEDRO

Hum pobre camponez a quem faltava
Madeira para o fogo, acaso estava
N'um bosque de arvoredo em certo dia,
O ferro de um Machado, que trazia
Precizava de cabo: então que fez
O Camponio velhaco, procurou
Um tronco, que mais docil encontrou,
Com elle em comprimentos se desfez
E lhe supplica ao menos que lhe deixe
Um esgalho arrancar; o bom pateta
Engolio do tratante a labia, e peta.
"Não somente um esgalho, mas um feixe
"Póde vmcê tirar: — Muito obrigado —:
Ei-lo de cabo o ferro do Machado.
E já cortando o Rustico sem dor
Pelos Membros do proprio Bemfeitor.
Acabando dali foi outro: em summa
As arvores derriba de uma em uma.
E fez tão dura guerra
Que o bosque destruio, e poz por terra.
Dem armas a perversos, e verão
Como sabe pagar a Ingratidão.

20 de Fevr.º de 1823.

A' vista da Imagem do Senhor dos Passos.

SONETO

Com o pezo da Cruz todo curvado
Eu vejo o Homem Deos: de seu semblante
Lhe goteja o suor: sangue abundante
Corre do corpo attrito, e flagelado.

Entre os ultrages do Judeo malvado
Soffrendo mil baldões a cada instante:
Opprimido, sem côr, quasi expirante
Do mesmo Pai parece abandonado.

A' morte o leva o Homem Parricida,
Onde pratique os ultimos extremos
Sua Alma dos Mortaes compadecida:

E acaso a tanto excesso respondemos ?
Elle por nosso amor quiz dar a Vida,
E nós por amor delle o que fazemos ?

21 de Fevereiro de 1823.

Estancias ao 2.º Anniversario do dia 26 de Fevr.º

1

Foi neste Dia, foi ! Nas doze Cazas
Duas vezes o Sol tem feito o giro
Depois que o Despotismo derribado
Mostrou lançar o seu final suspiro.

2

Ao som da queda miseranda, e feia
Palmas batendo as Gentes applaudirão:
Os Vivas, que rompião de seus labios
As Montanhas, e Valles repetirão.

3

Já somos livres ! Barbaras Cadêas
Rompemos de uma vez ! Em nossos lares
(Assim chamava o Povo) a Liberdade
Vai finalmente ergeur os seus os seus Altares.

4

Sim; o tempo he chegado: os nossos foros
Mandões curvos aos pés da Tirania
Não hão de mais calcar: nós o juramos
Por este sacro, venerando dia.

5

Ferve nos peitos desusado fogo,
Pulão da boca nunca ouvidas vozes
Que tremer fazem nos Palacios d'oiro
As almas vis de Satrapas ferozes.

6

Dois annos decorrerão, e parecem
Antes seculos dois ! Que tão cerrados
Tem marchado na fila dos successos
Feitos discordes, casos não cuidados.

7

Dos Negocios politicos a face
Quantas vezes mudou no espaço breve !
Que innumeros Actores sobre a scena !
Rola no pó quem no fastigio esteve.

8

Do Tempo a leve Roda assim ligeira
Os vãos juizos dos humanos troca
Que os sacros dons aos Ceos então subidos
Hoje basfema audaz a mesma boca.

9

Da Patria os Pais, os Idolos do Povo,
Salvadores do Estado, hoje perdido
Momentaneo esplendor, são Monstros, Furias
Que o carrancudo Inferno tem parido.

10

Assim tocando a meta dos extremos
A multidão sem termo applaude, insulta:
Os seus Heroes adora, e apedreja,
Chora de raiva, de prazer exulta.

11

Debalde a fronte aos Astros levantando
Este seculo inchado só dizia
(Em desprezo dos outros, que passárão)
Bella Idade da sãa Philosofia:

12

:Essas mesmas doenças, que enfestavão
Sempre o Mundo Moral atacão hoje
A geração prezente, e hirão aos filhos:
Em vão a Humanidade, em vão lhes foge!

13

De Athenas inconstante o futil Povo,
Nos seus comicios o feroz Romano,
E o polido Francez mudão seus Numes,
E alterão seus principios de anno em anno.

14

Direitos! Liberdade! Nomes grandes,
Onde a esphera dos animos se estende,
Nomes, que nesse Dia por mil bocas
O Povo pronuncia, e não entende!

15

Novos Protheos mil variadas fórmas
Vos tem já dado: o rosto furtacores
Multiforme Impostura vos empresta
Nas pennas de esfaimados Escriptores.

16

Ora pintão a Deoza com as roupas
Alvas, e soltas, os grilhões quebrando:
Ora de seda, e oiro revestida
O peito vão de fitas enfeitando.

17

Tudo muda! A cadêa dos successos
Vai prendendo os anneis de ferro, e d'oiro,
Que do tempo a mão rapida colhendo,
Com elles accrescenta o seu Thesoiro.

18

Por uns esquecem outros: Genio astuto,
Que os sabe aproveitar; o seu intento
Móve a grosseira turba, que recebe
O impulso das ideas do momento.

19

E em quanto algum fantastico imagina
Ter só bem proprio, ou bem da Patria em vista,
Outra coisa não he nos seus furores
Que a alavanca nas mãos do Machinista.

20

Vai dia 26, em paz descansa,
Tiveste a tua vez, permitte agora
Que outros dias em par de fresca data
Do brilhante lugar te lancem fóra.

26 de Fevr.º de 1823.

LAMURIA VELHA

OU

DECLAMAÇÃO EPIGRA'MATICA

Oh bom tempo, era o meu ! Mudou-se tudo !
Que he feito dessa simples innocencia,
Que então reinava ! Apenas della existe
Um fantasma enganoso, uma apparencia.
Que prazeres, que festas
Cheias de pompa, e tão diff'rentes destas
Que estão agora em uso ! Ah bellos annos !
Quão rápidos correstes !
Vós nunca mais a face nos volvestes.
Assim sentindo da velhice os damnos
Um saudoso passado de venturas
Lamenta o Ancião, que descontente
Do seculo presente
Ralha, e murmura. Coisas taes dizia
O seu terceiro Avô nos tempos d'oiro,
Em que tendo na honra o seu thesoiro
Castro em penhor as barbas off'recia.
Assim na Grecia, em Roma
Os velhos se queixavão pela boca
De Terencio, e Menandro: esta doença
Só a existente geração não tóca,
He antiga, inda mais do que se pensa:
De sorte que imagino
(E o meu juizo em sonhos vãos não fundo)
Que desde o Padre Adão aos nossos tempos
De peior a peior tem hido o Mundo.

27 de Fevereiro de 1823.

A João Fernandes Vieira.

SONETO

Nas nossas Plagas, Immortal Vieira,
Honra ganhaste, e Fama esclarecida;
Bem que te désse nascimento e vida
"Do saudoso Campo a flor, gentil Madeira:"

Foi á testa da Gente Brazileira
Que de bellas acções na Heroica lida
Ornaste Pernambuco, onde vencida
Cede a phalange barbara, Estrangeira.

Essas Montanhas, que em combates cento
Virão do Belga os vergonhosos damnos
Te servirão de Eterno Monumento.

E nós, do teu exemplo ind'hoje ufanos,
Damos por tua Gloria o Juramento:
Morrer pelo Brazil, vencer Tiranos.

3 de Março de 1823.

A' Enfermid.ᵉ de m.ᵃ Mãi (de q' falleceo ! ! !)

QUADRAS

Como permittis, oh Deus !
Que uma Mãi tão carinhosa,
Uma espoza virtuosa
Fine em dor os dias seus ?

Da Tirana Enfermidade
Crueis pena a rodeão:
Afflicções, que o peito anceão
Movem pedras á Piedade.

Já cansado o soffrimento,
Lança dolorosos ais:
Tudo pungentes signaes
Do interno, duro tormento.

He dos Humanos destino
Da dor á morte passar,
E neste mundo habitar
Para soffrer de contino.

Mas, Senhor, não são bastantes
De uma familia os cuidados,
Que trazem amargurados
Da triste vida os instantes.

Profunda Melancolia
O seu animo entristece,
E inda agora mais recresce
Da doença a Tirania.

He sobre os bons, q' tremendo
Vosso furor descarrega,
E o malvado, q' vos nega,
Vê-se em delicias vivendo ?

Deos, soltai do vosso seio,
Digno premio da Virtude,
De alegre rosto a Saude
Doce Bem, que á Terra veio.

Venha o leito bafejar
Onde existe a Mãi querida,
Venha brando alento, e vida
Em seus membros inspirar.

Aos melancolicos lares
Torne com ella o prazer:
Vão-se de pejo esconder
A dor, a magoa, os pezares.

Estas vozes, oh Senhor,
Nascem do peito contrito,
De um filho choroso, afflicto
Fazei cessar o clamor.

Minhas preces recebei
Com semblante affavel, brando,
E aos Ceos as mãos levantando
Santas Graças vos darei.

6 de Março de 1823.

A' morte de minha querida Mãi

SONETO

Aquella, que me deo o ser, e a vida,
A terna Mãi (oh golpe o mais violento!)
Soltando o triste, derradeiro alento
Foi para mim por uma vez perdida:

Correi, correi sem termo de seguida
Lagrimas de meus olhos cento, e cento,
Que não deve abafar-se o sentimento
Em viva dor de origem tal nascida.

Expirou ante mim ! ! E como pude
Suster o aspecto da funesta scena,
Capaz de espedaçar um peito rude ! !

A que males a Sorte me condemna,
Quando, ao ver acabar Amor, Virtude
Me não quiz logo ali matar de pena !

5 de Abril de 1823.

Ao orgulho inutil de Portugal.

SONETO

Em vão Lisboa furibunda intenta
Ver de novo o Brazil no chão prostrado,
A seus pés recebendo ajoelhado
Leis, que dictou Malicia fraudulenta:

Com furia negra, e ambição sedenta
Debalde envia barbaro Soldado,
Que entre chammas e ferro, e a Morte ao lado
No sangue Brazileiro se apascenta.

Impotentes esforços, vãos furores
Raivas inuteis, de um Congresso injusto,
Que rotos vê seus tramas impostores:

O Brazil gigantesco, audaz, robusto
Ha de zombar dos ferros oppressores,
Quiz ser livre, ha-de sê-lo a todo o custo.

11 de Abril de 18[illegible]3.

Ao insulto feito ao Retrato do Bispo d'Angola,
Povoas, no Convento dos Franciscanos.

SONETO

No Patrio Rio a Franciscana Gente
Em ocio santo, em doce paz vivia:
Já dos mesmos Capitulos fugia
A Discordia chorando tristemente:

Mas tal ventura o Fado não consente,
E d'entre aquella inerte Fradaria,
A alguns moços de acesa phantasia
As almas enche de furor vehemente.

Ver no salão, do Povoas o Retrato
Lhes move as iras barbaras, e indinas,
Morra; he Chumbado, gritão, morra ingrato!

Pelas Fradescas mãos feito em ruinas
Jaz o Bispo, e com feio desacato
Vão-o enterrar no fundo das Latrinas!

13 de Abril de 18[illegible]3.

A' civilisação das quatro partes do Mundo.

SONETO

Foi nas margens do Nilo que primeiro
Raiou aos homens a Civil Cultura,
E na Lybica plaga a Mãi Natura
Então depoz seu habito grosseiro:

A's terras d'Azia, Fado aventureiro
As Sciencias guiou: ali fulgura
Tiro, a Phenicia, e o Caldeo procura
Mundos de luz no espaço derradeiro.

Depois na Europa vem buscar abrigo,
Deixando as regiões da rôxa Aurora,
A Polidez, que as Artes traz comsigo:

A Guerra de seu ninho a laça fóra;
Mas para a receber no Seio amigo
A Quarta Parte Nova surge agora.

16 de Abril de 1823.

Ao Machado.

EPISTOLA em versos desiguaes

Vai, Pensamento meu, as margens busca
Do placido Mondego, onde resoão
Os suspiros de Ignez, de Pedro as magoas,
Lá junto ás suas agoas
Está fundado o Templo magestoso
Consagrado a Minerva: ali se encontra
De Jovens o Concurso numeroso
Que de terras diff'rentes
Vão tributar-lhe culto, e em seus altares
Curvados, reverentes
Votos depôr, e offrendas a milhares.
Tambem do nosso Povo Americano
Cá do Patrio Janeiro não temendo
A brava furia do irritado Oceano
Partem nos lenhos curvos
Adoradores cento, amavel bando
Que saude, alegria
Na fresca Mocidade estão gozando.
Entre elles quiz da Sorte a Tirania
Levar-me da minha alma a melhor parte
N'um Amigo, que eu tinha,

E que foi de Bartholo a subtil Arte
No Liceo aprender, donde dimana
A intrincada Doutrina da Chicana.
Inda ao menos dali, quando me vinha
Alguma letra sua,
Docemente adoçava-me a Saudade
E quando eu lhe escrevia, a magoa crua
Nos caracteres, que fiel traçava
Lenitivo encontrava.
Mas hoje o sentimento da Amizade
Já não posso exprimir com pena leve
Sobre o liso papel, que alem dos Mares
Ao terno Amigo em breve
Participe meus gostos, e prazeres.
A Guerra atroz, de feia catadura
Os odios semeando
Veio aggravar a minha desventura;
Que o Commercio vedando
Entre Lisia, e Brazil, nem mais consente
Cheguem aos olhos meus do Amigo ausente
As noticias, as Cartas
Das expressões fagueiras sempre fartas.
Marte cruel, que sangue só respiras,
E de corpos truncados te alimentas,
Mereci porventura as tuas iras,
Que contra mim violentas
Embravecem ? Tirano, ah ! não poderas
Teus golpes dirigir somente áquelles
Que vivem de Politicas Chimeras.
Nós miseros, imbelles
Nem ao Brazil os vis grilhões tecemos,
Nem os planos fizemos
Para os ferros quebrar, e assim tão caro
Teu furor pagaremos ! Mas que digo ?...
Da Patria amor preclaro
Vive no peito meu, brilha no Amigo,
Que minha alma escolheo: que soffra embora
Meu triste coração ! prosegue, oh Marte
De sangue, de carnagem a fartar-te.
Prosegue: em vão a Humanidade chora,
Em vão prantea a amavel Amizade:
A Patria Liberdade
Sacrificios preciza;
Filhos da Patria temos por divisa
Pelo Brazil Independencia, ou Morte.
Mas onde desta sorte
Me leva a Fantasia, que mistura
Mil confusas ideas ? Do Mondego
As margens minha Musa só procura,
Pensamento que cego

Erras sem tino; para ali governa
Os vôos teus com viração galerna.
Nos Lusos lares entra; não te assustem
Olhos irados, gesto furibundo
Da Gente Portugueza: elles blasfemão
Contra o bello Paiz do Novo Mundo:
Ah ! que mal o conhecem !
Os seus filhos, que o jugo sacudirão
Só louvores merecem.
Almas Gentis á Liberdade aspirão
Vai, entre os Lusos o meu bom Machado
O Patricio procura
Pinta-lhe com verdade em tinta escura
Magoa acerba de um peito angustiado.
Dize-lhe que por cá no Patrio Rio
Inda me lembro delle a toda a hora,
Dize que mesmo agora,
Em que triste, e sombrio
Na penna a mão lancei, somente a idea
De que com elle fallar conteve um pouco
A tristeza, que fea
Dava mil tratos ao juizo louco.
Tristeza, que arrastando a negra roupa
Do luto macilento
Traz em seu rosto as pennas, e o tormento;
Que a mão no fel ensopa
Da Magica feroz Melancolia,
E logo com Tirana aleivosia
Dentro em meu peito o filtro venenoso
Embebe todo com furor raivoso.

16 de Abril de 1823.

AO NARIZ DO B. T.

Esse nariz do Mundo maravilha,
Que Gregos e Romanos
Faz esquecer, e mesmo aos Castelhanos
Os narigões humilha.
Soube tirar de afronta, e de vergonha
Os Patricios narizes Brazileiros
Mostrando ahi na maxillar esphera
Do altivo Cimborazo a Ephigie vera.

20 de Abril de 1823.

ADEVINHAÇÃO — O dinheiro

Bem que seja diminuto
O tamanho, e corpo meu,
Tal sina o Fado me deo
Que em mór preço me reputo:
Sou, de mil fadigas o fructo,
A larga ponte, por onde
Tudo o que ha se corresponde
O Mundo por mim trabalha;
E ás vezes uma mortalha
Meus attractivos esconde !

20 de Abril de 1823.

A' morte de D. Ignez de Castro.

SONETO

Sensivel a seus ais, a seus gemidos
A' linda Ignez Affonso Rei perdoa,
O pungente espectaculo o magoa
Da triste Mãi, dos filhos desvalidos:

A voz da Humanidade em seus ouvidos
Com suave brandura inda resoa,
Quando o rigor, e a sanha já pregoa
Turba infame de barbaros Validos.

Duros punhaes no seio delicado
Cravão sem pena os feros Assassinos:
E foi, oh fraco Rei, por teu mandado !...

Bella Ignez, contemplando os teus Destinos
Quem não sente ferver-lhe o peito irado
Contra os Reis fracos, e os Mandões indinos ?

23 de Abril de 1823.

Ao Illustre Deputado nas Cortes Constituintes,
o Sr. Jozé Martiniano de Alencar.

SONETO

Digno Alencar, em Lisia o grito alçaste
E ouvido ali entre rancor, e espanto
Ao Janeiro chegou. Com valor quanto
Do Brazil os Direitos sustentaste!

A terra de Cabral, por quem pugnaste,
Ao ver do filho a gloria erguer-se tanto,
Chorou de puro gosto alegre pranto:
Ceará! Tu de jubilo saltaste.

Se na plaga Estrangeira, alem dos Mares
Assim valeste, o que esperar devemos
Do teu denodo nos Patricios Lares?

Os louvores fieis que te rendemos:
Da caterva servil entre os pezares,
Soar pelo Universo inda veremos!

25 de Abril de 1823.

A' Installação da Assemblea Constituinte.

ODE

1

Hoje, oh Musa, sublime o vôo erguendo,
Fogo dos Ceos Divino
Brilhar faze em meu hymno;
Que nestes versos elevera pertendo
Té ás estrellas o nitente dia,
Em que a nossa ventura principia.

2

Nas Regiões Italicas outr'ora
Em carros triunfantes
Os Generaes ovantes,
Entre o concurso vão, que a pompa adora,
Ao Capitolio a invicta Roma alçava,
Quando as Terras, e o Mar avassallava,

3

Dias de gloria, mas de sangue tintos !
Cadeas vejo, e ferros !
Por caprichos por erros
Infelizes mortaes presos, extinctos !
Regiões devastadas, fumegantes,
Choros, clamor, gemidos penetrantes.

4

Oh como fascinada a plebe julga
Que os filhos só de Marte
A fama coube em parte
Com as Leis justiceiras, que promulga
O sabio Numa no paiz Latino,
Fez esquecer o nome de Quirino.

5

Com grilhões affligir a Natureza
Talar Campos, Cidades
De mortes, de orfandades.
O Universo enlutar não he grandeza:
Dar leis prestantes, vindicar direitos
São de um Ser racional mais dignos feitos.

6

Eia, oh Musa, ás emprezas te abalança
E em metro o mais subido
Seja no Mundo ouvido
Por onde inda o mau Genio as trevas lança
Que aos dignos Pais da Patria Brazileira
Vai da gloria hoje abrir-se a grã carreira.

7

oi para o bem de todos que entre as gentes
Governos se erigirão
Os povos consentirão
Ao solio em sublimar Varões prudentes
Para gozar melhor os jus sagrado,
Que pelo Ser Supremo nos foi dado.

8

Mas ah ! que a longa successão dos annos
Taes verdades sepulta
Na escuridão, e exulta
O Despotismo escogitando enganos:
Eis a luz assomou; vacilla, e treme
Nas mãos do Monstro do dominio o leme.

9

Facunda a Liberdade a voz alçando
Aos homens apparece,
Os peitos fortalece,
E os não roubaveis foros pregoando,
Faz fluctuar seus aureos estandartes
Do Mundo ao mesmo tempo em quatro partes.

10

O Brazil, que nas trevas da ignorancia
Gemera immensos annos,
Zombando dos Tiranos
Surge viril da alardeada Infancia,
E os principios vivificos abraça,
Onde aos direitos o dever se enlaça.

11

Já da Nação as luzes collectivas
Unidas refulgindo
C'os raios, que partindo
Vão de um só fóco, tornão-se mais vivas,
E o puro influxo ao longe dilatando,
Estão as sombras densas dissipando.

12

De brancas roupas, de viril belleza
Cheia de magestade
Preside a Liberdade
A's sabias discussões, onde se péza
O interesse geral, e seu semblante
Rigido afasta o Satrapa arrogante.

13

Não me engano: a Lisonja de mil cores,
Que os Palacios passeia,
Pinta na afflicta idea
Da torpe queda as vergonhosas dores:
Já traça iniquos planos de vingança,
Com que illude seus males a esperança.

14

Simples, modesto o merito ignorado
Nestes climas florentes
Para os cargos ingentes
Vai ser na Choça humilde procurado:
A Europa cultura foragida
Nos ricos lares vem buscar guarida.

15

As Nações, que em desprezo nos olhavão
Com ufania estulta,
Quando da terra inculta
Os diamantes, e o oiro só buscavão,
Vendo o Brazil subir em gloria tanto
Confusas pasmão já de pejo, e espanto.

16

Oh que brilhantes scenas o futuro
Aos olhos patentea,
Torna outra vez Astrea...
Mas onde o golfo atravessando escuro
Nos teus vôos chegar, oh Musa, intentas ?
Desce ! Já mal nas asas te sustentas.

2 de Maio de 1823.

A' Installação da Assemblea.

SONETO

Patria ! Patria ! Brazil, a fronte erguendo
Lança dos pulsos os grilhões quebrados,
Os grilhões, que por ti aos pés calcados,
Fazes hoje abysmar no centro horrendo.

Occulte-se na terra o pó lambendo
O feroz Despotismo, a cujos lados
Ruge a servil caterva dos malvados
De raiva os proprios membros remordendo.

Nos fastos do Brazil se aponte o Dia !
Brilhe na de oiro, nitida escriptura
Hoje da Lei o Imperio principia.

Sobe, oh Terra ditosa á mór altura,
Que tens da Gloria tua em garantia
Os Pais da Patria, Pedro, e a Ventura.

4 de Maio de 1823.

A' Liberdade

ESTANCIAS, p.ª mudar nas de Outbr.º de 1821

1

Em vão continuo por erguer forceja
A atroz cabeça o Despotismo horrendo
Na furiosa, barbara peleja
Pela terra o vil corpo revolvendo,
Que a Liberdade co'a temivel planta
Firme lhe calca a horrida garganta.

2

Nympha gentil ! A sua formosura
De infieis atavios não se arrea,
O nitido fulgor da face pura
Logo as almas cativa, e senhorea,
No porte, e gesto magestade brilha,
Que a soberba dos Satrapas humilha.

3

As roupas soltas de seus hombros descem
Mais alvas do que a neve purpurina:
Dos membros nunca ao movimento empecem
Nem de seu corpo á graça peregrina:
Na pulcra mão, terror da grey malvada
Reluz tremenda a vingadora espada.

4

Vê-a a bilingue, perfida Cohorte,
E a salvação já busca na fugida,
Cuidando achar a cada passo a morte,
Ou dos crimes a pena merecida,
E inda o pavido medo não minora
Dentro da escuridade protectora.

5

Que grandes feitos, assombroso espanto
Do attonito Universo a Deoza inspira !
Dos corações magnanimos encanto,
Ella os accende em formidavel ira,
Quando infames grilhões lançar-lh'intenta
Inchado Orgulho, ou Ambição sedenta.

6

Rios secando, enchendo Valles, Montes
Já do Peloponeso se avisinha
A multidão, que encobre os horisontes,
Xerxes á sua frente, Xerxes vinha,
A quem lembrar não póde que se opponha
O valor Grego a força tão medonha!

7

Barbaro! Que não sabe quaes perigos
Arrostra um peito livre, e generoso
Só trezentos da gloria, e Patria amigos
Fazem tremer o Persa presumpçoso
Caras vendendo as denodadas vidas,
Teu nome o attesta, oh bravo Leonidas!

8

Lá vejo a Grecia abandonando os lares,
Para fugir da escravidão nefanda,
Hir tentar a fortuna sobre os mares:
De Salamina a fama veneranda
Vive inda hoje com pregão seguro
Atravessando as sombras do futuro.

9

Mas acaso hirei eu da Argiva Historia
Revolver a longinqua antiguidade?
Minha Patria tambem de immensa gloria
Se cubriu, sustentando a Liberdade:
O Gallo astuto, o Castelhano o diga,
Conte-o de Sigismundo a gente imiga.

10

Olinda do Estrangeiro infeliz preza
Via as phalanges Batavas ufanas
Talar seus lindos campos sem defeza;
As orgulhosas Quinas Lusitanas
Dos oppressores timidas fugião,
E cortadas de medo se escondião.

11

Povos! por vós a Liberdade chama!
Ouvida foi: E co'a influencia sua
Como na gente nossa se derrama
Desprezo vencedor da morte crua!...
Provou ali do imigo immenso damno
Todo o valor do Braço Americano.

12

Das Gararapes resoou na serra
De cem combates o fragor profundo:
Inerte Portugal na horrenda Guerra
Os feitos escutou do Novo Mundo,
E em troco da virtude heroica, e rara
Mas apertados ferros lhe prepara.

13

Aos olhos meus que scena variada
De sangrentos triunfos não off'recem
Os fastos do Brazil ! A fronte ornada
Inda laureis, e c'roas lhe guarnecem,
E o Paraguay de assombro, e susto cheio.
Do Pulso vencedor recebe o freio.

14

Já na roda veloz volvendo os annos
Ordem nova de seculos começa:
Calcando aos pés os perfidos Tyrannos
Livre o Brazil á gloria se arremessa,
Eis entre feitos mil, mil acções bellas
Brilhão as novas, nitidas estrellas.

15

Tu és, oh Liberdade !... Os nossos lares
Tu guardaste das hostes oppressoras
Neste immenso Paiz sacros lugares,
O querido pendão tr'unfante arvoras:
Na dextra o ferro, aos filhos teus presides
No feio horror das bellicosas lides.

16

Já de Marte feroz depondo a lança
Eu te saudo em o Nacional Congresso,
Que peza na politica balança
Dos interesses publicos o preço,
Ou que fulmina com a mão segura
Fantasmas da Cobiça, e da Impostura.

17

Sim, oh gloria ! oh prazer ! tu hoje imperas
Nos Brasileiros generosos peitos
Por ti, eu o sei, ver-se-ha nas nossas eras
A memoria esquecer de antigos feitos,
E dos recentes o esplendor preclaro
A furia submetter do Tempo avaro.

18

Tremei, sectarios vis do Despotismo !
Olhai ! O monstro moribundo arqueja,
E já sob os seus pés o horrendo abysmo
A boca abrindo turbido negreja;
Que vai tragar no Barathro profundo
Do Mal o Genio, que empestava o Mundo.

14 de Maio de 1823.

EPIGRAMMA

P.

Forte teima a dos Poetas
Em morder na Medicina !
Não sei a causa qual seja
De raiva tão cerebrina ?

C.

Só, porq' ambos seguem Artes
Filhas da Imaginação.
E tem os de um m.^mo officio
Entre si pouca affeição.

P.

Mas certa diff'rença encontro,
E na verdade fatal;
Uma rende mil cruzados,
A outra não dá real.

26 de Maio de 1823.

Para o A. Joaquim

O dedo do Janelisse
Não iguala o do Vellozo.

Amigo, então não lhe disse,
(Eu cá sou moço de brio)
Que era um assombro em feitio
O dedo do Janelisse ?
Agora estimo q' o visse,
Por não ficar duvidoso.
Pasmou ! Pois um mais famoso
Dedo cá temos no Estudo,
Este he raro, mas com tudo
Não iguala o do Vellozo.

26 de Maio de 1823.

Aos Cortezãos.

— Não ha que fiar em conversão de Peccador antigo. —

SONETO

Alcippo Cortezão, que a longa idade
Nas intrigas da Corte, e seus rodeios
Gastado havia, cogitando os meios
De alcançar uma vãa felicidade:

Ao ver cahir as torres da vaidade,
E os artefactos mil de encantos cheios,
Basta, diz, de viver entre receios,
Nada iguala a feliz Mediocridade.

Então deixando a Corte, o Campo habita,
Vai ver cortar a Terra o curvo arado,
Ouve o Pastor, que gosto ao Canto excita

Viver parece alegre, e socegado;
Mas a antiga lembrança o peito agita,
Ei-lo na Corte atraz de um falso agrado.

28 de Maio de 1823.

Ao Despotismo mascarado.

(Havendo apparecido na Assembléa varios Discursos
Anti-Ministeriaes &c^a^.)

SONETO

Sobre a fronte rugosa o Despotismo
Lançando fresca mascara cobria
O medonho semblante, que fazia
Horror ao Mundo, horror ao mesmo abysmo.

Levado pela mão do Fanatismo
Por torcida vereda os passos guia,
Tendo no peito a negra aleivosia,
Na boca o amor do bem, Patriotismo:

Mas o Genio da Luz, que as trevas corre,
O açoite da razão na Mão trazendo
Pronto os humanos miseros soccorre.

E a enganadora mascara rompendo,
Fallando á Gente cega, assim discorre:
O Despotismo ! He elle ! O Monstro horrendo !

30 de Maio de 1823.

A' noticia da Restauração da Bahia, dizendo-se ter sido por compra. (falsa).

SONETO

O inimigo valor contando em pouco
A Talaveira Tropa Lusitana,
Do astuto Labatut zombava ufana
Por fraco o tinha por pedante, e louco.

Cançado de escrever, dę fallar rouco
Grita o Macedo, que na Terra Indiana
Os Lusos inda alem da Taprobana
Derão da Gloria, e fama a vida em troco.

Ouvindo ao Pregador, a Casta Brava
No passado proposito persiste:
Jura que quer morrer, mas nunca escrava,

Porem mal com dinheiro se lhe assiste
Já Macedo, e Madeira aos Demos dava
Que ao oiro do Brazil ninguem resiste.

10 de Junho de 1823.

Ao mesmo assumpto.

SONETO

Não mais pedia o Céo soffrer que o Crime
Calcasse as Leys da santa Humanidade:
Em vão folgava em risos a Maldade
Que do Justo Castigo não se exime.

Lagrimas, em que a dor oppressa exprime
A Bahia na misera orphandade
Chegão a Deos, e a Mão da Divindade
Das pezadas cadêas a redime.

Triunfou a Justiça ! O negro bando
Dos crueis oppressores fraco, imbelle,
Onde occulte a vergonha está buscando.

Qual braço, que o Destino assim compelle
Pôde a Fúria da Guerra agrilhoando
Taes prodigios fazer ? Um Deos ! Só elle !

10 de Junho de 1823.

A um Sermão, em que Fr... prégou de Santo Antonio de Lisboa.

SONETO

He hoje o Dia o Dia festejado,
Em que a Gloria das gentes de Lisboa,
De quem tanto milagre se pregoa
Olhos abrio á luz do Sol doirado.

Nas Lusitanas plagas venerado
Prodigios a prodigios amontoa,
E no Berço natal, na Terra Eoa
Sempre de Portugal preside ao Fado.

(Gritava Fr. Gerundio) e não duvido
Que delle haja por isso algum desgosto
Ou mesmo por chumbado seja tido:

Mas isso, Filhos meus, he mal supposto
(Patriota sou eu, como he sabido)
Pois elle he tanto ou mais, senão, aposto.

11 de Junho de 1823.

ESBOÇO de um Idillio, — q' não sahio Idillio

As tremulas estrellas prateadas
Brilhavão d'entre azul no veo ridente
Da sombra opaca: as nuvens mensageiras
Da chuvosa procella, ao ver o rosto
Da risonha, modesta Irmãa de Phebo
Tinhão fugido já do Campo Ethereo.
Em repouso dormia a Natureza:
Apenas d'entre as arvores copadas
Nas buliçosas folhas sussurrando
Mollemente Favonio respirava
E sobre as tenras asas carregando
Subtis aromas das mimosas flores
Embalsamava docemente os ares.
Noite encantada! que doou fagueira
A favoravel Mãi aos nossos Climas!
A descanso chamando os membros lassos,
Que o rigor da Canicula abrazada
Torrou, enlangueceo durante o Dia!
Somente entregue todo ao seu cuidado
Em a scena calada que rodea
Solitario, n'um tronco recostado,

Sentindo oppresso o coração ancioso,
E ao Ceo lançando humedecidos olhos
Ficticios males deplorava Umbrano,
Umbrano, que deixando os ricos tectos
Da Cortezãa Policia, onde se alvergão
A fastio de insulsa catadura,
Dos Campos no silencio a Paz buscava,
A Paz, doce illusão que lhe fugia.
Oh, ditosos Agricolas, exclama,
A vida alegremente, e sem desvelos
Sabeis gozar na rustica Choupana
De barro, e palha humilde !
Hora entoando as simplices Cantigas
Adoçais o serviço afadigoso,
Hora da Esposa a par, tendo nos braços
Caros penhores de um amor sincero
Seus carinhos gozais...
Que o fertil solo prodigo premeia,
Vedes brotar do rico seio a Terra
A planta do Café, o milho, a cana
Riquezas vossas, da Nação riquezas;
Quanta inveja vos tenho ! Eu sou na Corte
Com respeitos tratado; por amigos
Tenho os Grandes do Estado, e bens sem conta
Quiz a ventura partilhar comigo;
Mas comvosco eu trocára a minha Sorte.
Na lauta meza á turba numerosa
Dos meus aduladores apresento
Vinho exquisito, opiparos guizados.
As taças do Champagne em torno girão
Entre os convivas, mas batendo as azas
Ao longe voão o Prazer, e os Risos.
Occulta Mão eu sinto, que envenena
Na pompa dos festins toda a doçura.
Ora por ver se a nevoa se dissipa,
Que opprime o coração, todo m'engolfo
Nas tormentas Politicas: Ah triste !
Ali só magoa, e afflicções me ancêão !
Ora fugindo turbido, e cansado
Do murmurio inquieto ás vãas intrigas
Sustos, Receios, inseparaveis socios
Dos titulos, das altas Jerarchias,
(Ou antes captiveiro, e duros ferros,
Com que prende a Fortuna os seus amantes
No enganoso triunfo ao Carro d'oiro)
Este asilo da Paz aqui procuro,
Entre o cavado mar qual busca o Porto
Na feia tempestade o Navegante:
E na densa espessura destes bosques,
Que um sagrado terror produzem n'alma,

Onde as silvestres Musas inspiradas
Fazem soar harmonicos accentos;
Respirando este halito das flores,
Que tão mimosas sensações motiva,
Vendo escoar-se mansamente o Rio
Por entre os arvoredos enlaçados,
E com as lentas agoas ir regando
Essas ferteis campinas, onde avultão
Sombrias sempre as arvores annosas
Da robusta mangueira, e carregada
Os pomos d'oiro a Larangeira off'rece:
Cuido a meus males vir achar alivio.
Funesto engano! Os males meus não cedem,
Exista onde existir sempre me encontro!
Oh Ceos! oh justos Ceos! E qual ser póde
A fonte, donde corre, e se deriva
A amargura que sinto? Mas acaso
Eu mesmo a não conheço? O feroz Monstro
Das Cortes voraz Idolo, e Flagelo
Que as entranhas me róe? Sim és tu mesma
Oh Tirana Ambição!!! aqui suspende
Umbrano a voz, e o Echo pregoeiro
Ambição, ambição; responde ao longe.

12 de Junho de 1823.

Sendo regeitada a Proposta contra os Europeus feita por Moniz Tavares n'Assembléa.

SONETO

Chusma feia de palidos temores
Nossos Irmãos da Europa assalteavão,
E já nuvens nos animos formavão
Prenhes de raios, tempestade, horrores.

Mas quaes do Sol aos puros resplandores
Fogem do Ceo as trevas, que o toldavão,
Assim os vãos fantasmas dissipavão
Dos direitos do Povo os vingadores.

Contra o nosso Paiz o Luso embora
Barbara Tropa envie carniceira;
A raiva desprezamos oppressora:

Soube a Nação ser livre, e justiceira,
E o Mundo aprenda neste exemplo, agora
A conhecer a gente Brazileira.

28 de Junho de 1823.

A Lord Cockrane.

ODE

Quanto não ousa de Japeto a prole!
Os diques, que impuzera a mão dos Numes
Audaz quebranta anciosa não cabendo
Nos naturaes limites:
Por entre as vagas arrostando Eolo,
Em fraco lenho encara a negra Morte.
Por invia estrada os polos communica
Cortando as virgens ondas.
E dos impios excessos não contente
As sanguinosas scenas de Bellona
Transporta ao Mar; e o raio de Mavorte
Faz trovejar nas ondas.
Do horrendo som Neptuno amedrontado
Escondeo a cabeça verdejante
Nas fundas grutas, e da firme dextra
O tridente abandona.
Tinhão já visto as Nayades formozas
Geladas de pavor no Campo Equoreo
Os Punicos Baixeis, do Lacio as Frotas
Vir disputar o Imperio:
Da derradeira Hesperia a gente Lusa,
(Hoje tão outra ?) O Cabo Tormentorio
Dobrar sem medo, e ás Regiões do Dia
Levar ou morte, ou ferros.
Quando, filha do Mar, das ondas surge
Para lhe impor as Leis Britania excelsa
E progenie sem par dali brotando
Assombra os dois Oceanos!
Sobre as salsas campinas ferve irado
Das carnagens o Deos: tu, Acre, o conta,
Dize, tu, S. Vicente, que prodigios
Teu Cabo eternizárão!
O Heroe de Trafalgar, troando os bronzes
No desigual conflicto, entre ruinas
Morre vencendo, e ainda ali parece
Mandar aos Elementos.
Eu lá vejo. Um Rival lhe aponta o Fado:
E os Despotas dos Mares memorando
A nativa Albion confunde os nomes
De Nelson, de Cockrane.

Vem Liberdade, Mãi de feitos grandes,
Que nos peitos magnanimos atêas
Flamma invencivel, sólta uma faisca,
Que os versos meus accenda !
Do oppressor Hespanhol Chile queria
Feios grilhões quebrar: vôa a seus lares
O denodado Inglez, investe, e rompe
Os Leões de Castella.
Já dos Incas o Imperio espavorido
Cede todo ao valor do forte braço
Entre os combates perde o vasto Oceano
De Pacifico o nome.
Farto ali de vencer, a Gloria o chama
A mais amplo Theatro de victorias,
Onde por novos feitos se escureção
As antigas proezas.
Que !... as Quinas soberbas inda ousão
Pizar com menos preço as plagas nossas !
Caião por terra: a salutar vingança
Ao Bravo se confie !
Qual raio que da nuvem despedido,
Com medonho estridor apenas troa
Tudo tremeo convulso os rostos lividos
Entre as mãos escondendo.
Tal sobre a genta infesta, que zombava
Da injuria nossa, horrivel apparece
De terror subitaneo enchendo os peitos
O tremendo Almirante.
Já lá nas aguas da gentil Cidade
Campêa, as hostes Luzas insultando
Dos futuros triunfos agoireira
A flamula auriverde.
E por confusa cerração rompendo,
Oh que brilhante no porvir descubro
O nome seu, de Lisia horror, e espanto,
Do Brazil timbre e gloria.
As imigas falanges em fugida
Buscão da Patria o cognito caminho
E inda lá lhes parece que sobr'elles
Vêm de Cockrane as iras.

30 de Junho de 1823.

P.

A's melhoras de S. M. I.

SONETO

Graças Deos Immortal ! O Chefe Augusto
Da Nação Brasileira recupera
As forças, a saude, que perdera
Em dia infausto d'afflicção, de susto.

Nossos votos ouvio clemente e justo
O Ceo propicio. Em breve o povo espera
Ver a seu Pedro, e alegre o considera
Magestoso, gentil, forte, e robusto.

Graças Deos Immortal ! No novo Imperio,
Que Pedro edificou, que tem salvado
Tantas vezes de horrendo vituperio,

Do mais vivo prazer se escuta o brado;
Que a saude do Heroe deste Hemispherio
He saude, he vigor do immenso Estado.

19 de Julho de 1823.

A' fugida do General Madeira.

SONETO

Finalmente cahio ! A vãa Cohorte,
Que a formosa Bahia, em ferros tinha
Suster não póde trepida e mesquinha
Do ardido Brazileiro o braço forte.

Nos velozes Baixeis fugindo á Morte,
Que de suas cabeças se avesinha;
Por entre as ondas rapida caminha,
E do afflicto Natal demanda o Norte.

Lá vão sua vergonha e magoa insana
Em a Patria esconder, que assim conheça
Todo o valor da Gente Americana...

Córe Lisia de pejo, e se entristeça;
Que em breve a flamula auriverde ufana
Talvez sobre os seus Mares appareça !

22 de Julho de 1823.

A's melhoras de S. M. I.

SONETO

Longe de nós fugi, sustos, e pranto
De macilenta, e feia catadura,
Fugi, que nestes lares a Ventura
Agora habita com risonho encanto.

Pedro, Heroe do Brazil, terror, e espanto
Da sanha infesta, e perfida impostura,
Sente em seus membros a Saude pura
Já balsamo lançar vigente e santo.

Filhos da Patria ! Pedro sem demora
Ha de mostrar-vos o gentil semblante,
De que Bellona, e Venus se namora:

Solte o Prazer os diques abundante;
Que do Heroe a saude Protectora
Novos Triunfos ao Brazil garante.

24 de Julho de 1823.

Para se escrever na sorte do dote tirado por subscripção a favor de uma das Orfãas da Santa Caza, em acção de graças pelas melhoras de S. M. I.

Uma das seguintes:

QUADRAS

A Sorte, que de aspecto rigoroso
Te lançou triste em misera orphandade
Hoje mudada já, te offerece Espozo,
E n'um dote feliz mediocridade.

Neste de Graças venturoso Dia
Trocar tua fortuna o Ceo consente
Nas preces, que por Pedro a Deos envia
Tua voz á da Patria une contente.

Não mais lastimes o tirano Fado;
Que se os Pais te roubou a Morte crua
Agora de Piedade o Ceo tocado
O pranto enxuga da Orphandade tua.

Alegra-te ! Tu foste a Venturosa,
A quem a feliz Sorte coube em parte:
A Patria, que o seu Pedro são já goza,
Quiz das mãos do Infortunio assim salvar-te.

De teus Concidadãos gentil Piedade
Tirando-te das garras da pobreza
Próvida vale á misera Orphandade,
Remedeia o que fez a natureza.

8 de Agosto de 1823.

MOTTE

As figuras do Museo
Não comem senão alpista.

DECIMA

Por sucia uma vez quiz eu
(Deo-me cá isto na asneira)
Hir ver certa quinta-feira
As figuras do Museo:
Gente ali me appareceo
De bico, esporões, e crista,
De veras pasmei co'a vista
Quando um me diz, não te espantes,
Que esta sucia de galantes
Não comem senão alpista.

28 de Setembro de 1823.

A EL-REI D. JOÃO 6.º

Mais dois exemplos.

SONETO

Em Lisia o Rei João protesta, e jura
Cumprir fiel a publica vontade,
E por melhor zombar da Liberdade
Seus discursos reveste de candura.

Ei-lo a mascara deixa da Impostura,
A força toma, e vil duplicidade,
Annula os votos seus, calca a verdade,
E leis impias despotico fulgura,

Ali Fernando a Regia firma empenha
Tudo promette a Hisperia atraiçoada
Pela Cabala perfida, e ferrenha,

Mas tudo esquece, e n'alma depravada
Crimes, vinganças mil traça e dezenha:
Oh palavra dos Reys como és sagrada!

24 de Dezembro de 1823.

MADRIGAL

Tu me perguntas, oh formosa Nise
Se eu hei-de ser constante,
E quando expirará no peito amante
De amor a viva chamma ? Ah ! Nympha, dize
Que posso responder ? Acaso eu sei
Em que dia, em que instante morrerei.

14 de Dezembro de 1823.

Ao Dr. Saldanha — Poeta

Harmonico Saldanha, honra o teu Canto
Na Natalicia gloria pregoeiro,
As Musas, o bom gosto, a nossa idade
O nome teu, e o Povo Brazileiro.

De um Filho a sua Mãi em resposta a umas decimas.

QUADRAS

Mal as vossas caras lettras
Ante os meus olhos chegárão
Elles, oh Mãi, tão querida,
Logo em pranto se arrasárão.

Vendo ali de um peito amante,
De um coração Maternal
Os sentimentos expostos
Em linguagem Natural.

Quanto vos devo lembrou -me
Para aggravar-me a Saudade,
Educação, Existencia
Amor, Ternura, Amisade.

Não tenho de pedra rija
Fabricado o peito meu,
A Gratidão, dom Divino
Bemfazejo o Ceo me deo.

Se ainda nas mesmas feras
Entre os brutos Animaes
Pelas mãis os filhos mostrão
De affeição claros signaes.

Eu que sou um Ente humano
O que não devo sentir ?
De magoa na triste ausencia
Quer-se o coração partir.

Ou no Militar serviço,
Ou triste, ou alegre em fim
Jamais a memoria vossa
Se póde riscar de mim.

E só me alenta a lembrança
De ainda a ver-vos tornar,
E com lagrimas de gosto
A Materna Mão beijar.

O prazer que então me espera
Suavisa a minha dor,
Momento tão suspirado
Me trará n'um vôo Amor.

O puro Amor filial,
Meiga, suave affeição,
Que levantou o seu Throno
Dentro do meu coração;

He dever, e não virtude,
A Natureza o gravou
Com sagrados caracteres
Em os Entes que formou...

Ah ! sim breve, oh Mãi, que adoro,
Em saude eu vos verei,
E os Irmãos, os bons Parentes
Terno, alegre abraçarei.

27 de Dezembro de 1823.

SONETO

Esses olhos azues, que nesse rosto
Resplandecem, oh Nympha, como estrellas,
A tez de branca neve, as faces bellas,
Em fim do todo Virginal composto:

Tanto arrebatão de suave gosto,
Que as trez Graças, e as nove Irmãas Donzellas
Despem as odoriferas capellas,
E diz-se que a teus pés as tem deposto.

Mas que vale ! (ai de mim !) essa belleza
Encerra um coração de penha dura,
Rebelde ás brandas Leys da Natureza:

Oh formosa, oh tirana creatura,
Que assim me vês arder em cham'a accesa,
E não queres, podendo, dar-me cura !...

29 de Dezembro de 1823.

A' Inglaterra.

SONETO

Inglaterra, onde estás ? Não vês que os mares,
Imperio todo teu, audaz franquea
O inconstante Francez, que já na idea
Conta as nadantes quilhas a milhares ?

Não vês que lá dos frigidos lugares
O Russo, a quem Bizancio inda recêa,
Desde o Baltico Mar de orgulho cheia
A armada envia de Bhering aos lares ?

Tu que fazes então ? Como consentes
Que pelo Ebro, e Tejo bonançoso
Vão floreando os Lizes insolentes ?

Ou já, fulmina o raio Bellicoso,
Ou se o teu nome timida desmentes,
O tridente depoem do Reino undoso.

29 de Dezembro de 1823.

MADRIGAL

Morro, oh Nise, meu Bem, por ti de amores;
Tu sabes que fiel, de mil extremos
Exemplo tenho sido aos amadores;
Pois vê que paga eu quero
De um coração rendido
Ao captiveiro teu; vê quanto espero:
(Cubiçoso não sou, nem atrevido)
Bella Nympha, por troca
Das amorosas ancias, que padeço
Nos labios de coral, na linda boca
Um doce beijo, um beijo só te peço.

15 de Janr.º de 1824.

MOTTE DADO

— *Obstaculos não ha que Amor não vença.* —

SONETO

Fera Ambição não foi que o Peito Humano
Pelas ondas do Pégo sobranceiro
Levou n'um fragil Pinho a ver primeiro
E contrastar as iras do Oceano.

A Amor se deve: Amor, que he todo engano,
A Moço audaz, em sonho lisongeiro
N'um ilhado terrão dali fronteiro
Nympha pintou de gesto mais que humano.

Um lenho cáva o Joven; não se espanta
Dos perigos: na bella imagem pensa,
E o trabalho seus membros não quebranta:

Córta o Mar; chega ao porto; a recompensa
O Nume ali lhe deo de audacia tanta;
Obstaculos não ha, que Amor não vença!

17 de Janr.º de 1824.

SONETO improvisado

No turbilhão do Globo, em que habitamos,
A Moda inconsequente, oh Philo, impera,
E curvados aos pés da vil Megera
Todos fiel tributo lhe pagamos.

Muda a capricho as roupas, que trajamos,
Usos troca, linguagem regenera,
E essa da antiguidade vãa Chimera
Honra, brio por moda os desterramos.

Perde a Dama no Baile apparatoso
O tempo, e talvez credito, e dinheiro:
Mas se he Moda ? se o mesmo faz o Esposo.

Sim, meu Philo, no Mundo feiticeiro
Quando passa por moda, fica airoso
Ser Ladrão, ser Patife, e Caloteiro.

3 de Fevereiro de 1824.

Aos annos de uma Senhora.

SONETO

Alada tropa de vistosas côres
Companheiros, que as settas empregando
Hides sem dor, sem magoa traspassando
Doceis peitos de ternos Amadores:

Arcos, aljavas, duros passadores
Fiquem de parte, e o vôo equilibrando
Segui-me agora; obedecei ao mando
Do Deos de Amor, obedecei-lhe, Amores.

(Assim Cupido falla) oh ! n'um momento,
Vós vereis a mais bella Creatura
Que póde imaginar o pensamento:

Da linda Pimentel, nossa ventura,
Os annos hoje festejar intento;
Vinde a Corte fazer á Formozura.

14 de Maio de 1824.

DECIMAS

Menina, eu não sei jogar,
Cantar, e tocar não sei:
Dois annos aprenderei
Sem, por fim, saber dançar:
Que gostos, que lá vou dar ?
Se ao menos tal qual belleza,
Corpo esbelto, perna teza
Me houvesse dado a ventura,
Mostrando a gentil figura
Limpo sahia da empreza:

Mas assim. Que hei de eu fazer ?
Hir-me esconder n'um cantinho,
Cruzar os braços sózinho,
E a leste não me metter:
De quando em quando se houver
Alguma alma caridosa,
Roceira velha, ou babosa
Que se queira a mim chegar,
Então sim; que hei-de brilhar,
E verão a minha proza.

4 de Junho de 1824.

Para o Mano Lourenço (nas suas despedidas).

SONETO

Patria, Amigos adeós ! adeos, Parentes,
De quem a cara imagem levo imprêssa:
Adeos Lares Paternos; que depressa
Hirei ver outros sitios, outras gentes.

Na partida entre sensações pungentes,
De pezar, de ternura est'alma oppressa
Faz que saudoso o peito desfalleça,
E o rosto banhem lagrimas ardentes.

Ah ! que ao menos em mim vossa lembrança
Jamais se apagará ! Sim; nunca expira
Amor, que em firme gratidão descansa.

Adeos ! Eu choro ! O coração suspira !...
Mas breve torno ! Alenta-me a esperança,
Senão de magoa o peito se partira.

24 de Junho de 1824.

MADRIGAL

Da mimosa Natureza o rizo brando
Piedoso me acolheo: soube a ternura,
Dos amantes ao povo exemplos dando
Ganhar o affecto daquell'alma pura:
Oh sorte venturosa!
Já uma vez fagueira
Quizeste ver-me. Oh! salve hora ditosa!
Aquella em que Natercia feiticeira
Os olhos amorosos e serenos
Lançou-me eternecida!
Ah! que se ella me engana, dure ao menos
Essa illusão fingida
A duração da vida.

28 de Outubro de 1824.

Que genero de composição he este?

Não sei porque razão gente maldita
Dizem dos bens, que herdaste,
Ganhos com fome misera, infinita,
Que em um anno, Laurindo, os dissipaste;
Dão-te apôdos, que he justo eu não repita.
Espiritos pequenos,
Que sabem só dar preço ao inutil oiro!
Que engano! O teu thezoiro
Não dispendeste em vão, pois delle em troco
Pende a fita encarnada
Da cazaca safada.
E ainda gritarão que foste um louco?...
O Credor importuno
Registrando o covil onde te escondes
Pede em vão a quantia
Que te emprestára; intrepido respondes:
Dividas nunca paga a Fidalguia!
Oh famoso Varão, a tua gloria
Dos fôfos para exemplo
Fica immortal no templo
Da caloteira, prodiga memoria.

5 de Novembro de 1824.

EPISTOLA

Rodrigues, caro Amigo, ha largos tempos,
(Desde que te conhece o teu Alcino)
Nunca te ha visto (os olhos não lhe mentem)
De tão nedio carão, e tão risonho.
Qual a causa feliz, que assim desprende
Os labios teus, e o cenho desenruga ?
Acaso te mostrou gentil sorriso,
Com que as almas enlea docemente,
A pulchra Estrangeirinha, e no teu peito
Balsamo puro de prazer suave
Amena derramou ? Mas não; que a Bella
Recebeo da Natura um ferreo, hircano,
Barbaro coração, que nem com rogos,
Ternos suspiros, nem com ais se abranda.
Debalde lhe legou a Formosura,
Na tez de branca neve, e corpo airoso,
Na cintura, onde as Graças tem morada,
Os seus mais ricos dons: deo-lhe debalde,
Limões de nivea côr, porem com vida,
Dois globos, onde Amor se alenta, e cresce,
Dois globos, onde os avidos Dezejos
Cravão as mãos, e as cubiçosas vistas.
Seu tirano rigor perdidos torna
Para Amor, para ti os seus encantos.
Vês dezejoso o que gozar não pódes.
　　Qual he pois a razão porque a teus olhos
Hoje assoma o Prazer ? Da negra Furia,
Da atroz Melancolia ah ! quantas vezes
O filtro venenoso te colora
Da tinta verdenegra o triste aspecto !
Quantas vezes perdido o vivo lume
Teus olhos hebetados só reflectem
Amargas sensações da vã Tristeza !
Mas hoje bem diverso he teu semblante,
Até nos labios teus apontão, brincão
As facecias gentis, as graças meigas.
Grande metamorphose ! Quaes não conta
O Vate Sulmonense em seus Poemas.
O Rodrigues tornar-se ameno, affavel !
Aquelle, em cuja feia catadura
O rigor todo da velhice annosa
Parece residir ! Inda os tres lustros
Forão ha pouco pela popa fóra,
E já na sizudeza imita, excede
O sediço Nestor, peculio antigo
De remotos exemplos, e axiomas.

Quando, oh Rodrigues, adoptando amavel,
Da idade Juvenil o proprio estilo,
Qual hoje me appareces, sempre o rosto
Guardarás de Mancebo, sem que affronte
A carranca senil teus curtos annos !
Tu não hes Professor, que da tribuna,
Ou ridiculo throno, em que se apoia
Co'a lenta gravidade, e tromba espere
Terrores incutir nos seus pequenos:
Nem gordo Franciscano, que pizando
Com passo concertado, o lenço pucha.
Com que o suor alimpe do caxaço,
E a sobrancelha enruga, porque mostre
Ser Padre jubilado, ou de Provincia.
Muda pois de sistema. Ah ! vê que as Bellas
Da tenra Juventude amigas sempre
Sómente agrados, rizo em preço estimão.
Em vão aos Templos da famoza Idalia
Ronceiro Amante de Affonsinas eras
Pertende com devota Romaria
Ganhar de Venus o favor Divino.
Alem das puras dadivas, que offerta,
O pio adorador, alem do incenso,
Que fuma de continuo ante os Altares,
Quer a Deoza gentil que se lhe ajunte
O sorriso de amor na face amena,
E os ternos olhos de prazer lhe lancem
Vivas centelhas, que apetite accende.
Venus o manda; obedecer-lhe he força.
De mimoso Taful aprende os geitos,
Pule os brunidos, nitidos çapatos
Instado seja por talhar-te as vestes
Alfaiate fallaz do melhor gosto,
Dome o cabello a miudo eburneo pente,
De gratos cheiros a fragrancia exhale;
Mas mais que tudo veste no semblante
Emprestada alegria, que alimentem
Travessos dittos, expressões fagueiras
Doces Contos de amor, que amor produzem.
Por esta nova estrada encanta os olhos,
Encanta os corações das Nymphas meigas,
Feitiço dos Mortaes, do Mundo enfeite;
E até talvez assim ditozo abrandes
O bronzeo peito da Belleza rara,
Dessa formosa Estrangeirinha ingrata,
Por quem ardendo em puro amor, suspiras.

28 de Novembro de 1824.

QUADRAS

1

Eis, adorada Princeza,
Copia vossa, lindas flores,
São formosas, porem perdem
Ante vós a graça, e cores.

2

Quaes na terra as flores brilhão
Entre os outros vegetaes,
Tal nas graças, na belleza
No Universo vós brilhais.

3

N'outras eras roubarieis
A Flora os adoradores,
Foreis a nossa Rainha,
Deoza serieis das flores.

4

Deo-nos o pincel a vida,
Mas hoje na vossa mão
Temos, Augusta Princeza
Mais valor, e estimação.

5

Princeza, olhai-nos benigna,
Mereça os vossos favores
Sermos da mesma familia,
Vós sois flor, nós somos flores.

6

Para ornar a fronte bella
Da Princeza a mais gentil,
Para realçar-lhe as graças
Nós nascemos no Brazil.

10 de Dezembro de 18[illegible]4.

FABULA

1

Um Urso, com quem a codea
Ganhava um Piemontez
Dansa não bem aprendida
Ensaiava nos dois pés

2

Querendo fazer figura
Disse á Macaca: que tal ?
Era perita a Macaca,
E respondeo-lhe: mui mal.

3

Creio; lhe replica o Urso,
Me fazes pouco favor:
Pois meu ar não he garboso ?
Meu passo não tem primor ?

4

Estava prezente o porco
E disse: bravo bem 'stá;
Um dançarino mais habil
Não se vio, nem se verá.

5

Poz-se o Urso, ouvindo isto
A meditar; e por fim
Com ar simples e modesto
Dizem que fallou assim:

6

Quando me desaprovava
A Mona, eu quiz duvidar,
Mas já que o porco me louva
Muito mal devo dançar.

7

Guarde para seu conselho
Esta sentença um Author
Não approva o sabio: he máo!
Approva o nescio: peior!

18 de Dezembro de 1824.

FABULA

A tratar de um gravissimo negocio
Os Zangãos se juntárão certo dia
Cada qual varios meios discorria
Para dissimular o inutil ocio.
E por livrar-se de tão feia nota,
Para os olhos dos outros Animaes,
Inda o mais preguiçoso e mais Idiota
Queria bem ou mal fazer...
Mas como trabalhar, era-lhes duro
E o enxame inexperto
Não estava seguro
De rematar a empreza com acerto
Intentárão sahir daquelle apuro
Com acudir a uma colmea velha
E tirar o cadaver d'uma Abelha
Mui habil no seu tempo, e laboriosa,
Fazer-lhe com a pompa a mais honrosa
Umas grandes exequias funeraes
E sussurrar louvores immortaes
Do engenhosa que ella era
Em lavrar doce mel, e branda cera.
Com isto se exaltavão tão ufanos
Que uma Abelha lhes disse por despique:
He isso o que fazeis? Pois bem, sentido;
Jamais póde valer vosso zunido
De mel uma só gota, que, eu fabrique.
Quantos passar por sabios hão querido
Só por citar os mortos, que o tem sido:
E com quanta vaidade e pompa os citão!
Mas só pergunto agora: Se os imitão?

De Iryarte.

18 de Dezembro de 1824.

Aos annos da Snr.ª D. Maria... Ramalho.

SONETO

Hoje mais linda surge a Natureza,
Mais brilhante da luz desponta o raio,
As aves meigas no canoro ensaio
O canto afinão de maior belleza.

Não veste a Noite o manto da Tristeza,
Antes, rival do Sol, não tem desmaio:
Oh Dia de prazer ! Ah ! vinde, honrai-o,
Nymphas, Amores ! Vinde e com presteza.

Trazei grinaldas de mimosas flores,
Da doce Amiga a fronte delicada
Enfeitem c'roas de nitentes cores.

Que he hoje o seu Natal ! Hoje foi dada
Aos dignos Pais, ás Graças, aos Amores
C'um sorriso dos Ceos Marilia amada.

1.º de Fevereiro de 1825.

MADRIGAL

Apostemos Natercia; hoje os teus labios
Dois beijos roubarei, sem ser bastante
Para tolher-me a audacia
Que se mostre irritado o teu semblante.
Se ganho, oh lindo Bem, um doce abraço
Em pena me darás; porem se eu perco...
— E que has-de então fazer ? — No teu regaço,
Por fugir ao castigo,
De envergonhado esconderei meu rosto.
— Bem; como queres ateimar comigo
Para punir-te aposto. —

12 de Março de 1825.

ORAÇÃO

Santo Antonio de Lisboa,
Cujo nome esclarecido
He no Mundo tão sabido:
De vós a gente apregoa
Nascer muita sorte boa,
Protegei, Senhor, mais esta
Que em dia de vossa festa
Devotos comprar quizémos;
Venha o premio, e então diremos
Quanto o vosso auxilio presta.

Sim, Menina, he grande o dia,
E o Santo quer-nos valer,
Póde os saquinhos fazer
P'ra guardar a prataria:
Desta vez na Loteria
Temos de fé lucro forte,
Como o sei eu não lhe importe,
Mas fique na intelligencia
Que á minha grande innocencia
Dá o Santinho a tal sorte.

13 de Junho de 1825.

QUADRAS

1

Menina, para o seu mal
Curativo já não ha,
Se não usa sem demora
Dos purgantes Le Roi.

2

Você padece de amor,
Amor he doença má,
Só póde encontrar remedio
Nos purgantes Le Roi.

3

Olhe que muitas meninas
Por aqui, por acolá
Andão agora tomando
Os purgantes Le Roi.

4

A que entizica dançando,
A que séca a tomar chá
Vão depois achar allivios
Nos purgantes Le Roi.

5

A' noite posta á janella,
Se a constipação lhe dá
Uma diz: Venhão Mãizinha,
Os purgantes Le Roi.

6

Outra sentindo que os annos
O semblante enrugão já
Quer ver se acha a Meninice
Nos purgantes Le Roi.

7

Epathites, Febres podres,
Fanequitos de Nhánhá,
Tudo cede só á vista
Dos purgantes Le Roi.

8

Você não vio a Candinha,
Como 'steve, e como 'stá ?
Pois tomou só tres colheres
Dos purgantes Le Roi.

9

Vamos: não leo a Receita ?
Inda o livro não tem cá ?
Compre-o; q' explica as virtudes
Dos purgantes Le Roi.

10

Qualquer Moça de bom tom,
E que ás Assembléas vá
Deve saber dar seu voto
Nos purgantes Le Roi.

11

Bem sei que os Medicos gritão
Que tem feito, e que fará
Grandes males pelo Mundo
O purgante Le Roi.

12

Eu respeito os meus Doutores;
Mas a moda não s' hirá;
Que os mais girios já receitão
Os purgantes Le Roi.

13

Hão-de sahir das Boticas
Quina, tartaro, e manná,
E vender-se em lugar delles
Os purgantes Le Roi.

14

Para curar paixões d'alma
Melhor droga não se dá:
Põem o coração quietinho
Os purgantes Le Roi.

15

A Bella, a quem atormenta
Vivo affecto, e perderá:
Amor não gosta do cheiro
Dos purgantes Le Roi.

16

A que d'inveja se rala
Das sucias, que outra terá
Beber deve em maior dóze
Os purgantes Le Roi.

17

Se alguem olhou, o q' o julga
De amores morrendo já,
Use: talvez lhe aproveitem
Os purgantes Le Roi.

18

Sim, Menina, eu não gracejo,
Tomando o recipe vá,
E inda lh'hei-de ouvir milagres
Dos purgantes Le Roi.

19

São remedio universal,
Isso decidido está,
Curão todas as doenças
Os purgantes Le Roi.

20

Só quem tem falta de cobres
Saude em vão buscará,
Não sarão mal de pobreza
Os purgantes Le Roi.

14 de Agosto de 1825.

Aos annos da Snr.ª D. Maria Ramalho.

SONETO

Quer do Universo o Deos que entre os humanos
Não haja dias só de dor, de pena,
Tambem de face nitida, e serena
Surgem alguns por Divinaes arcanos.

Tal hoje he bello o dia de teus annos,
Tal hoje aos olhos agradavel scena
Off'rece em jubilo a mansão terrena,
Puros os Ceos, e de alegria ufanos.

Tudo! tudo he prazer, e no meu peito,
Onde um sensivel coração se abriga,
Produz o gosto o mais suave effeito.

Risos, Graças, tambem em mutua liga
Applaudem com festejo aos Ceos acceito
O ditozo natal da cara Amiga.

1.º de Fevereiro de 1826.

Em um jantar de Familia.

DECIMAS

Não he pompa, nem grandeza
Quem alegra o coração,
O Avaro enthesoira em vão,
Lá vai fina-lo a Tristeza:
Hoje em redor desta meza
Simples respira o Prazer;
Vão-se os festins esconder
Onde brilha a prata, o oiro,
Temos cá melhor thesoiro,
Que nem todos pódem ter:

Filhas, Mãis, Sobrinhos, Pais,
Todos, familia uma só
Nesta meza em ledo nó
Somos na ternura iguaes.
Justos Ceos que nos olhais!...
Ceos, vós de quem se deriva
Doce affeição, chamma activa;
Mandai que a familia nossa
Sempre amiga existir possa,
E que feliz — Viva — Viva.

2 de Abril de 1826.

Aos annos de uma Senhora Cazada.

SONETO

N'um ameno vergel o Deos Cupido
Eu vi lédo voar por entre as flores,
De mil pequenos e gentis amores
Hia o Menino brincalhão seguido:

Rozas, Cravos colheo, e com sentido
Delicado as mistura de outras cores;
E á Corte dos galantes voadores
A grinalda mostrou, que tem tecido.

E diz: he para uma Formosura,
De quem as Graças, e Hymineo se ufana:
Annos faz hoje: oh Dia de ventura !

Esta offrenda singela, e não profana
De flores vamos dar á flor mais pura,
E a mão beijar da nossa Soberana.

Agosto de 1826.

SONETO

Dia alegre, e feliz, que a Natureza
Formou sorrindo-se aprazivel, pura,
Dia alegre, e feliz, em que a Ventura
Quiz dar mais uma Nympha á Redondeza.

Hoje nasceo, apuro de Belleza
O Prodigio maior de Formosura,
As Graças enfeitarão-lhe a cintura
Amor nos olhos poz gentil viveza.

Vinde, oh Nymphas: he vosso o dia ameno:
De castas rozas conduzi cestinhos,
Juncai de flores mil este terreno:

Vossa Deoza aqui 'stá: vinde Amorinhos
Servil-a, advinhar-lhe o leve aceno,
Tereis em premio, oh dita ! os seus carinhos.

19 de Setembro de 1826.

A' morte de S. M. a Imperatriz.

SONETO

Lagrimas, oh Brazil, e luto, e pranto,
Que morreo... Morte, oh morte enfurecida!...
Morreo, ou antes foi ao Ceo subida,
Quem a nós, que' o Mundo honrava tanto.

Modelo de candura, o niveo manto
Da virtude a vestio, durante a vida
Modestia, charidade enternecida
Seu caracter formarão pulchro, e santo.

Carolina expirou!... aquella Augusta...
Sublime dom da Mão do Omnipotente,
Aos votos foi roubada, e dor mais justa!

Corra do pranto, solte-se a torrente,
Que esse golpe funesto a Mãi nos custa,
E que Mãi!... sabe o Céo; a terra o sente.

Dezembro de 1826.

MADRIGAL

Se os olhos do meu Bem fossem estrellas
Cravadas no ceruleo firmamento
De Phebo a linda Irmãa, desde o momento
Inutil fôra: suas luzes bellas,
        Mas debeis, emprestadas,
        Verião-se eclipsadas
Teria sempre o lasso navegante,
Que os Fados lê nos astros sobranceiros,
Para o caminho seu, dois certos guias:
        Teria o Ceo brilhante,
Quando o Sol se escondesse, dois luzeiros,
E valerão as Noites mais que os Dias.

10 de Janeiro de 1827.

MADRIGAL

Quanto he risonha em nosso ameno clima
        A fresca Madrugada!
Mas quanto perde, se accordou com ella
        A minha doce Amada!

Seus olhos, que respirão só brandura,
E suas meigas vozes
Nevoa cerrada e escura
De em redor afugentão ! Quão velozes
Seus pequenos pézinhos
Pizão a branda relva, que se inclina !
Dos arbustos visinhos
Ao ver passar a Nympha peregrina
Os invejosos Zephyros murmurão
Talvez de mui ditozo me censurão.
Ou pela singeleza
Que diz tão bem em Lilia encantadora
Talvez a julgão Flora;
Talvez a pura, e simples Natureza !

Janeiro de 1827.

CANTIGAS

Quando a minha bella Amada
Solta um rizo encantador,
Pula, salta no meu peito
Meu fiel, constante Amor.
Nas aras mais puras
Ser firme jurei,
E as mãos entreguei
Aos laços de Amor.

De outras Nymphas mil feitiços
Para mim não tem valor,
Só adora o que he divino
Meu fiel constante Amor.
Nas aras mais puras &ca.

Venus ! Graças ! ah ! Nerilia
Vale mais; ind'he melhor:
Acidalia não valera
Meu fiel, constante Amor.
Nas aras mais puras &ca.

Suas graças me captivão
Me captiva o seu rigor;
Tudo nella acha perfeito
Meu fiel, constante Amor.
Nas aras mais puras &ca.

Amorinhos de mãos dadas
Voão, girão em redor,
Guia a tropa namorada
Meu fiel, constante Amor.
Nas aras mais puras
Ser firme jurei,
E as mãos entreguei
Aos laços de Amor.

Que modestia, quando falla !
Quando córa, que rubor !
Como enlaça docemente
Meu fiel, constante Amor.
Nas aras mais puras &ca.

Abrandar-se póde a pedra,
Ter a neve negra côr,
Póde,... póde... mas não muda
Meu fiel, constante Amor.
Nas aras mais puras &ca.

Na belleza de seus olhos
Tem Nerilia o fiador
N'um volver se alenta, e nutre
Meu fiel, constante Amor.
Nas aras mais puras &ca.

Janeiro de 1827.

SONETO

Se em teus limpos altares sempre off'reço
Tributos de affeição, e de ternura,
De brancas flores a grinalda pura
A Candida Amisade eu te mereço:

Hoje que o Ceo com generoso excesso
Quiz dar ao Mundo em dia de ventura
Essa, que estimo, amavel Creatura
Para o Ceo, para mim de tanto preço!

E em quanto depozito a simples c'roa
Sobre a fronte gentil da Amiga cara,
Tu de Jove á morada alegre vôa.

Verás o Fado que feliz formára
A' Nympha o Dia, que entre Vivas soa
Quantos aureos, iguaes, dias prepára.

1.º de Fevereiro de 1827.

Disticos para o Mausoleo da Imperatriz nas Exequias feitas pela Santa Caza.

1

A' voz do Eterno se espedação c'roas,
Torna o mortal o pó, donde sahira,
Vive quem floreceo por acções boas
De um Deos no seio a que na terra aspira.

2

Deo-Lhe o Supremo Ser virtudes tantas!
E tão cedo a roubaste, oh Morte crua!
Mas se assim Carolina ao Ceo levantas
He seu triumpho a feridade tua.

3

Do sexo exemplo no esplendor do Throno
Terna Mãi, digna Esposa, alta Princeza,
De santa morte succumbindo ao somno
E luto deixa o Sceptro, e a Natureza.

4

Definhou como a flor; seus puros dias
Quanto passárão apressados, quanto!
Cobre-Lhe as cinzas veneraveis, pias
Da Paz dos Justos o sereno Manto.

Março de 1827.

A um Cazamento.

SONETO (pedido)

Doces laços de amor, prizão doirada,
Que em vinculo gentil dois peitos prende,
Festões de flores, que a Ternura estende
Aos meigos braços do Amador, da Amada:

Eu vos saúdo na feliz morada,
Onde agora Hymineo seu facho accende
Sacro Nume, de cujas leis depende
A humana grey ante seus pés prostrada.

Desfolhando uma roza o Deos travesso
Maligno aponta os brincos amorosos
Ao par, que abraza em namorado excesso.

Eis Elmano, eis Marilia ambos ditosos
Que de Amorinhos mil o bando espesso
O thalamo adornou dos dois Esposos.

30 de Outubro de 1827.

Ao mesmo.

SONETO (pedido)

De frescas flores c'roa-se Cupido
Enfeitando festivo as loiras tranças,
Da leda tropa engenha alegres danças,
E com — Vivas — o ar soa ferido:

Eis reluz de outro Deos facho incendido,
Que alumia rizonhas esperanças:
Amor, travesso Amor, em vão te cansas,
Tens em face Hymineo; ficas vencido.

Salve Nume sem par, que neste Dia
Dedicado aos prazeres, á ternura
Prendeste em brando laço Elmano, Armia, (1)

Da mão tu sóltas risos, e ventura,
E jurando hoje eterna sympathia
Vês a teus pés Amor, e Formosura.

Mesma data.

---

(1) ...assim prendeste á bella Armia.

Ao mesmo.

SONETO (pedido)

Lá no Templo, onde Amor acolhe o incenso
De Adoradores mil, na amavel Gnido
Do Consorcio feliz soube Cupido:
(Que já de longe o suspeitava, eu penso).

Dos diversos Cantões do Imperio extenso
Concorre ao Deos Menino o bando ardido,
E no salão do Nume reunido
Foi de Amorinhos mil o povo immenso.

Diz-lhes o Chefe: a Sorte neste dia
Quiz que ao ditozo Elmano uma Deidade
Se prendesse por docè sympathia.

Ambos eu prézo; he pois minha vontade
Que orneis sua mansão, que seja Armia
De hoje me diante a vossa Divindade.

Mesma data.

QUADRAS

1

Lugubre canto, lagrimas, gemidos
Dá-me, oh sensivel Genio da Amisade,
Porque em meus versos tristes só respire
Sentimento de dor, terna saudade.

2

Aquelle, que na terra a especie humana
Com sua vida honrou, he cinza fria,
O corpo he pó, que á terra se mistura,
Mas ao Ceo a sua alma pertencia.

3

Cedendo á Ley da Morte impiedosa
Finou-se em paz, e os ultimos alentos
Soltou, sem dor um ay: era a Virtude
Quem lhe adoçava os horridos momentos.

4

Sim, como em somno se extingua o Justo
Deixando a tenra filha, e Espoza cára,
Ao partir-se de nós, lembranças ternas,
Dantes objectos, que no Mundo amára.

5

Forão meus olhos quasi testemunhas
Desse instante fatal, estreito passo,
Que pondo fecho á limitada estancia
Patentêa da Eternidade o espaço.

6

Sombras da Morte vagueando em torno
Do leito da afflicção, na nuvem densa
Se escoão do futuro; immenso campo
Para a meditação do homem que pensa.

7

Folgue embora o oppressor da humanidade
Dos prazeres no seio, entre o ruido
De assombrozas façanhas, que seu nome
Sempre de negro horror será tingido.

8

Mas do homem, benefico, e sensivel
O nome he panegirico bastante;
Ao recorda-lo, agradecido corre
O pranto pelas faces abundante.

9

Tal foi nesta mansão terrena, escura
O amigo, o Pai, o lamentado Espozo,
O coração só para o bem formado,
O mortal por essencia virtuozo.

10

Ah ! já prefez o Sol todo o seu giro
Depois que delle os olhos apartámos
Diante os dias fugitivos correm
Porem não mingoa a dor, com que o chorámos.

11

Dia sagrado aos respeitaveis Manes,
Ao Mundo, que o perdeo, dia de luto
Da amarga pena, que me punge o peito
Eu te consagro o cordial tributo.

12

Vós, que prezais o nome da Virtude,
Lançai-lhe todos sobre a campa flores:
O tumulo, onde jaz o Varão probo,
Modesto altar, merece adoradores.

7 de Novembro de 1827.

QUADRAS

Hoje, no dia, em que prefaz girando
Annos cincoenta e seis o Sol luzente
Desde que veio o caro Pai ao Mundo
A Mão lh'eu beijo terno e reverente.

Respeito e gratidão meus passos guião:
Se a sabia educação nos vale tudo
Quem formou meus primeiros, debeis annos
Com seus exemplos, vigilancia, estudo ?

Quem me salvou das perfidas ciladas
Que á Mocidade fervida se estendem ?
Quem ao trabalho acostumou meus braços
Que em ocio feio a crimes mil propendem ?

O varão probo, que trilhou constante
Da honra e da virtude a santa estrada,
Que de Pai, de Christão cumpre os deveres,
Merecedor de fama respeitada.

Suas palavras da experiencia filhas
Calão nos corações suavemente,
Como daquelle que em corruptas eras
O peito soube oppor sempre á torrente.

Deveres filiaes, sacros deveres
(Quasi primeira Lei da Natureza)
Imperão sobre barbaro gentio
Que de illustrado e culto não se préza.

Mais prendem inda o que a luz sublime
Vio da Religião celeste e pura,
Mais prendem inda quem por vezes tantas
Tem conhecido a Paternal ternura.

Assim, querido Pai, o Ceo que he justo
Adite os annos da existencia vossa,
Assim eu neste dia venturozo
A mão beijar-vos muitas vezes possa.

Ao Sr. D. João Victorianno Colona, dos Condes de Esparta, Vigilante do Brazil, raro, celebre, exquisito, original &c.ª.

SONETO

Bramindo horrisono, e flammidomante
O turbido Centellico espumoso
Quiz de um Varão estolido e afanoso
Protuberar o collo altibradante:

Nas vertentes do naso restillante
He progenie imbecillica do affroso
Tronco dos Grãos Colonas espantoso,
Idolatrico, excelso, estupidante. (1)

Espartano ! ! ! Ah ! surgio da sombra infunda,
Com elle a quadrupina (2) descendencia
Recebe o odor da infera rotunda.

Grande Patheticão ! (3) Sua affluencia
Da Arabia excede a inepta, e rubicunda
Prole Cameloal (4) da quinta essencia.

Ao mesmo.

ODE

Oh como a tua geração preclara,
Colona illustre, os seculos precorre
Sempre sublime, sembre refulgente
Qual o Sol matutino !
Rugem do Tempo as implacaveis furias,
Tenta afogar no pelago dos annos
De avitos feitos perennal memoria:
Mas ah ! que em vão forceja.
Surgem do pó do morto esquecimento
Por magico prestigio; á noite escapão;
Voltando á luz revestem-se de vida
E assombrão o Universo.

---

(1) Estupidante — Que causa estupidez e pasmo em todos os que o admirão, observão, venerão, e anteparão.

(2) Quadrupina — Nobre por todos os quatro lados lateraes. Fidalgo de linhagem, e illustre prosopopea.

(3) Patheticão — Muito pathetico nas suas falas, e discursos. He um termo poetico.

(4) Prole Cameloal — Assim se denomina a familia mais illustre, e prolifica de toda a Arabia Petrea, Deserta, e Feliz. Foi esta familia, que no tempo da invasão dos Arabes, espalhando-se pela Europa, deo origem ás Cazas mais nobres e estellifero-radiantes, que hoje existem, honrando-se tod s da sua Cameloal ascendencia, por Napoles, Austria, Allemanha, França, Portugal, Hespanha, Inglaterra, e no Jafanapatão.

Que tanto pôde a mente esclarecida,
Que registrando os conditos arcanos
De antigos, longos evos, nos devolve
Portentozos misterios.
Calle-se a Inveja: o sopro pestillente
Não mais infecte o nome teu, e ultraje
De teus Maiores, immortal progenie,
As sombras venerandas.
Vai, Genio grande: na brilhante estrada
Que tens seguido, nunca os passos volvas
Olha que a méta he da risonha Gloria
O magestoso Alcaçar.

AO JUDAS

Eis-me aqui muito galante,
Co'a minha corda ao pescoço:
Fui das patacas amigo,
Mas todo o officio tem osso.

Judas sou, e gente honrada
Meus bons exemplos seguindo
Tem ganhado honras, dinheiro!
E eu na forca estou carpindo!

A' sentida morte do Brigadr.º — Quer cazar.

QUADRAS

1.ª

As meninas de bom gosto
Chorosas todas estão;
Porque he morto o Brigdr.º
Rapaz de boa feição.

2.ª

Aquelle queixo engraçado
Que beijar vinha o nariz,
Aquella boca rasgada,
Aquelles olhos gentis:

3.ª

Tudo da Morte foi preza:
Nem o seu grande valor,
Nem a subida Patente
A' *Magra* causou temor.

4.ª

Inda as Meninas o vêm:
C'o robissão gasto já,
Bengala, da mão pendente,
Fitinha de tafetá.

5.ª

Com os moleques brigando,
Que sem cautela, e respeito,
Apupavão um Fidalgo
Que tinha Com'enda ao peito.

6.ª

Como então, guerreiro, e bravo,
Rija bengala enristando,
Com os golpes o ar feria,
E as pedras, de quando em quando!

7.ª

Mas logo, ao ver as Bellezas
Nas suspiradas janellas,
Deixava em paz os moleques,
Terno punha os olhos nellas.

8.ª

"Meninas, se cazar querem,
(Dizia o lindo freguez)
'Stou aqui: cazem comigo;
Sou Fidalgo, e Portuguez."

9.ª

"Este povo da *Colonia*
São mulatos, gente vil:
Nobre, valente, e formozo
Só eu vim para o Brazil."

10.ª

Hoje é sombra! e a Morte crua,
Sem ter nenhu'a attenção,
Aos gaiatos e ás meninas
Pregou essa logração.

11.ª

Mais amante, e mais rendido,
Mais dengozo e apaixonado,
O Mundo ainda não vira
Nenhum outro namorado.

12.ª

De dia, em moças cuidava,
Sonhava á noite com ellas:
Fossem magras, fossem gordas,
Córadas, ou amarellas.

13.ª

Sectario dos gostos todos,
Nenhuma achava ruim;
Desd'a côr do ebano preto,
Té a do lirio, e carmim.

14.ª

Porem, ah! Já não existe!
E nas ruas da Cidade
Falta um não sei quê, q' excita
Sentimentos de saudade.

15.ª

Zangado de ver que as moças
Não querião mais cazar,
Na primeira flor dos annos
Determinou de acabar.

16.ª

Quatorze lustros não tinha,
E já profundas paixões
Lhe havião despido a boca
Dos dentudos batalhões.

17.ª

Cortado de vastas rugas
O semblante se engelhava:
Assim mesmo, o bello sexo
Dessas rugas se encantava.

18.ª

Mil meninas o pranteião,
Só porque o virão hu' dia:
O objecto dos seus extremos
Que pranto não choraria?

19.ª

Que dor profunda em seu peito
Não terá achado o ninho,
Por haver sido cruel
C'o seu Brigadeirosinho!

20.ª

Foi talvez por seus rigores
Que aquelle Moço expirou;
Ao bafo dos seus desprezos
Aquella flor se seccou.

21.ª

Seus olhos lagrimas lancem,
Como duas fontes d'agoa,
De dôr, de arrependimento,
De saudades, e de magoa!

22.ª

Ligar-se com santos laços
Do apetecido Hymineo,
Jurára o pobre defunto
Que era todo, todo seu.

23.ª

Não podia um peito amante,
Triste victima do amor,
Dar mais provas de ternura,
Ter em troco mais rigor.

24.ª

Chore agora! Mas já tarde,
Lastime a sua mofina!
Não ha-de ser Brigadeira:
Chore, Snr.ª..............!

A huns annos.

SONETO

Lá vejo o Tempo irado, que suspende
A curva foice, e de um menino alado
Lindos loiros cabellos, e vendado,
Me parece que ás supplicas attende:

O ardiloso conheço: Amor pertende
Que o severo, implacavel Potentado
Modere as duras leis do duro Estado
Por aquella, a que o Nume as armas rende.

Amor que não fará? hão-de os teus annos,
Por gloria de hymineo, de formosura,
Largos lustros cantar-se entre os humanos.

E o dia de prazer, que hoje fulgura,
Surgirá afastando escuros damnos
Risonho sempre, sempre de ventura.

QUADRAS

Neste dia (*) tres nascidos
Occupão minha lembrança,
Minha Mãi, que em paz descança
Um filho, e nora queridos.

Quem pensa bem, os sentidos
Nos annos traz occupados
Vendo sem fructo os passados
E os porvir talvez perdidos.

Que tristes contas daremos
Do tempo tão mal gastado,
Tendo só todo o cuidado
Nas discussões, q' hoje vemos!

Breve, e breve acabaremos,
Quando menos o cuidarmos;
Só, se da Gloria gozarmos
Felices Annos teremos.

De meu Pai em 8 de 8br.º de 1827.

DECIMAS, do mesmo

Dobrada idade, Evaristo,
Hoje completo da vossa,
Sem haver, quem negar possa
Exceder-vos inda nisto.
Attendei pois que eu persisto
Em fugir de ajuntamentos,
Pondo só os pensamentos
Em trabalhar utilmente,
Deixando vagar a gente
Em reformar elementos.

Cada um a si conduza
Pela Ley, que Deos lhe deo:
Véle em si, e no que é seo,
Té que a morte a pó reduza
Essa materia confusa,
Em que confusos vivemos,
Quando lembrar-nos devemos,
De havermos breve morrer,
Notando para provas ter
O pouco velhos, que vemos.

(*) 8 de Outubro.

Muito tinha que dizer
De cousa mais importante,
Qual se segue do instante,
Em que o menos é morrer.
Infeliz o que não crer
No premio, mais no castigo,
Olhando a Deos como amigo
Quer do bom, quer do malvado,
Não castigando o peccado,
E dando a todos abrigo!

Foi sempre a ordem do mundo
Mil penas por bem soffrer:
Feliz o que puder ver
Cheio de senso profundo,
Quão util é, e jucundo
Entre tantos turbilhões
Descobrir occasiões
De melhor poder pensar
Nas contas que tem de dar,
Das suas tristes paixões.

Estes versos, aliás prosa,
A quem sincero os guardar
Hão de por certo livrar
D'uma vida desastrosa.